

Coleção Escola de Educação e Humanidade

Scott Normand Brodeur

DESLOCAMENTOS HERMENÊUTICOS II

Linguagem e Sentidos Teológicos

Organizadores:

**Degislando Nóbrega de Lima
Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
Lúcio Flávio Ribeiro Cirne
Danilo Vaz-Curado R. M. Costa**

INSTITUTO

**HUMANITAS
UNICAP**



**UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO**



Universidade Católica de Pernambuco – Unicap

Reitor: Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira SJ

Vice-reitor: Prof. Dr. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne SJ

Diretor do Instituto Humanitas e Editor Chefe das Edições Humanitas

Prof. Dr. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne SJ

Equipe Edições Humanitas

Prof. Carlos Alberto Pinheiro Vieira

Prof. José Maria da Silva Filho

Prof. Tales Macêdo da Silva

Conselho Editorial das Edições Humanitas**Membros Internos:**

Profa. Dra. Carla Patrícia Pacheco Teixeira

Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ.

Prof. Dr. Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa

Prof. Dr. Degislundo Nóbrega de Lima

Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.

Prof. Dr. Drance Elias da Silva

Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos

Prof. Dr. Gerson Francisco de Almeida Júnior

Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim

Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rego Barros

Prof. Dr. José Afonso Chaves

Prof. Dr. José Marcos Gomes de Luna

Prof. Dr. Luiz Felipe Lacerda

Prof. Dr. Luiz Oliveira Da Costa Filho

Profa. Dra. Maria do Rosário Da Silva

Prof. Dr. Raphael Fonseca Do Nascimento

Profa. Dra. Rita Maria Gomes

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Profa. Dra. Valdenice José Raimundo

Membros Externos:

Prof. Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS (Brasil)

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura - Universidade de Pernambuco (Brasil)

Prof. Dr. Daniel Leonard Everett – Bentley University (EUA)

Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro - FAJE (Brasil)

Prof. Dr. José Pinheiro Pertille – UFRGS (Brasil)

Prof. Dr. Erico Andrade Marques de Oliveira – UFPE (Brasil)

Prof. Dr. Betto Leite da Silva – UFPB (Brasil)

Profa. Dra. Maria Cecília Abdo Ferez – UBA (Argentina)

Prof. Dr. Miguel Angel Rossi – Instituto Gino Germani (Argentina)

Prof. Dr. Georg Sans - Hochschule für Philosophie (Alemanha)

Diretor Científico e Coordenador da Coleção 'Escola de Educação e Humanidades':

Prof. Dr. Danilo Vaz-Curado R M Costa

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial da Edições Humanitas da Universidade Católica de Pernambuco.

Direção editorial: Lúcio Flávio Ribeiro Cirne

Diagramação e Imagem de capa: Tales Macêdo da Silva



Todos os livros publicados pela Editora estão sob os direitos da Creative Commons 3.0 <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/>

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brodeur, Scott Normand

Deslocamentos hermenêuticos II: linguagem sentidos teológicos [Recurso Eletrônico]/ Scott Normand Brodeur – Organizado por Degislando Nóbrega de Lima; Sergio Sezino Vasconcelos Douets; Lúcio Flávio Ribeiro Cirne; Danilo Vaz-Curado R. M. Costa – Recife, PE: Edições Humanitas, 2023. 94p.

ISBN: 978-65-00-61629-3

Disponível em <https://portal.unicap.br/edicoes-ihu>

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Novo Testamento. 4. Hermenêutica.
- I. Título. II. Série.

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia NT - interpretações 225.6

Scott Normand Brodeur

***Deslocamentos
Hermêuticos II***

Linguagem e Sentidos Teológicos

**Org. Degislando Nóbrega de Lima
Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
Lúcio Flávio Ribeiro Cirne
Danilo Vaz-Curado R. M. Costa**

RECIFE/2023

EDIÇÕES HUMANITAS

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Prefácio | 5 |
| O pano de fundo conceitual grego de Filipenses 2, 6-7: Acerca da mudança em Jesus Cristo da forma (<i>morphē</i>) de Deus a de escravo | 7 |
| Carismas, Dons gratuitos de Deus à Igreja: um estudo do termo χάρισμα (<i>chárisma</i>) à luz da Primeira Carta aos Coríntios 12, 1-11 | 31 |
| Prisc(il)a e Áquila, amados cooperadores do apóstolo Paulo. Os testemunhos distintos, porém, complementares do <i>Corpus Paulino</i> e dos <i>Atos dos Apóstolos</i> | 50 |
| O Exame de Consciência na tradição Inaciana | 74 |

Prefácio

A presente obra continua a trajetória inicialmente publicada em 2017, pela Editora FI e compõe-se de um conjunto de quatro textos, em sua totalidade, apresentados sob a forma de Conferências Universitárias, pelo Prof. Dr. Scott Normand Brodeur SJ, aos professores e estudantes de Filosofia e Teologia, no âmbito do Convênio Celebrado entre a Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP, através do Instituto Dom Luciano Mendes de Almeida SJ e a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma/PUG, para a formação em excelência de seus estudantes de Filosofia e Teologia.

O autor que publicamos já não é mais um desconhecido do público brasileiro, após a publicação do seu primeiro livro em português intitulado de *Deslocamentos Hermenêuticos*, o interesse por sua obra vem crescendo nos países de língua portuguesa, o que por si só, justifica a nova obra, que agora publicamos.

O Prof. Dr. Scott Normand Brodeur, é além de reconhecido exegeta Bíblico do Novo Testamento, Professor de Teologia Bíblica e atualmente exerce a função de diretor do Departamento de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Prof. Scott, como carinhosamente o designamos, vem visitando anualmente o Instituto Dom Luciano Mendes de Almeida da Universidade Católica de Pernambuco, desde o ano de 2014, e no presente volume publicamos as conferências pronunciadas nos anos de 2017 e 2019.

As contribuições aqui presentes, continuam o tratamento e o exercício hermenêutico no encontro de duas tradições, de dois modos de acessar e interpretar os textos, quais sejam, as tradições da filosofia e da teologia, dos gregos e aquela a partir do advento do Cristianismo, especialmente do assim denominado *Novo Testamento*.

Por fim, gostaríamos de agradecer a Universidade Católica de Pernambuco, ao Instituto Dom Luciano Mendes de Almeida SJ e a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma pela oportunidade da presença do Prof. Scott

Normand Brodeur SJ, entre nós, e a Edições Humanitas na pessoa do editor o Pe. Lúcio Flávio SJ pelo acolhimento da obra na Coleção.

***Os organizadores
Recife, Festa de São Jorge!***

O pano de fundo conceitual grego de Filipenses 2, 6-7: Acerca da mudança em Jesus Cristo da forma (*morphē*) de Deus a de escravo*

1. Introdução

No início deste ano, um importante ciclo de conferências de cinco dias teve lugar acerca da *Cartas aos Romanos* e a *Gálatas* no Pontifício Instituto Bíblico de Roma.¹ Dos muitos excelentes trabalhos que foram expostos durante esta semana, um de Romano Penna chamou especialmente minha atenção. Seu trabalho era intitulado, "*Paulo de Tarso e os componentes helenísticos de seu pensamento*". Numa seção em que se discutiram vários conceitos helênicos dentro do *corpus paulino*, Penna analisou o pano de fundo grego de Filipenses 2, 6-7, especialmente o significado da mudança de forma de Cristo.² Em minha conferência hoje, gostaria de tomar este tema fascinante e trazer à tona outros *insights* e reflexões sobre este importante tópico. Em seu texto, Prof. Penna assinala o contraste entre os mitógrafos pagãos da antiguidade e os filósofos acerca da questão da natureza e da aparência da divindade, uma diferença significativa que foi previamente desenvolvida por J. Behm em seu importante verbete

"*morphē* (forma, aparência externa) no *Dicionário Teológico do Novo Testamento*.³ Estou em débito com ambos pesquisadores por suas excelentes

* Conferência para a faculdade de Filosofia, 25 de abril de 2017, tradução de Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa, Degislano Nóbrega de Lima e Sérgio Sezino Vasconcelos Douets, ambos da UNICAP/PE.

¹ O ciclo de conferências era intitulada de *Seminário de atualização [aggiornamento] para os estudiosos e docentes em Sagrada Escritura*, 23-27 de janeiro de 2017.

² Cf. R. PENNA, "Paolo di Tarso e le componenti ellenistiche del suo pensiero," 17-19.

³Cf. J. BEHM, "*Morphē*," *TDNT*, IV, 742-759. Um marco da exegese alemã, o original de nove volumes do *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* [Dicionário Teológico do Novo Testamento], editado por G. Kittel, foi publicado entre 1933-1973. Ele ainda continua sendo uma importante ferramenta de pesquisa para os estudiosos do Novo Testamento na atualidade. "*Morphē* aparece somente apenas três vezes no Novo Testamento (Marcos 16,12; Fil 2, 6,7), que é pouco frequente, dado o amplo significado do termo em grego [...] O Novo Testamento contém apenas uma pequena amostra da ampla gama de significados para *morphē* no grego clássico e helenístico ("forma, algo conhecido pelos sentidos, especialmente aparência física, forma, beleza, encanto, forma externa da aparência, aparência") "(W. PÖHLMANN," *Morphē* ", *Exegetical Commentary on NT*, II, 443).

contribuições e, nesta conferência eu gostaria de me apoiar em seus importantes achados.

Após estas palavras introdutórias, nossa conferência começará com o nosso primeiro ponto, a saber, uma breve consideração do nosso texto, Filipenses 2, 6-7, em seu contexto literário. Em segundo lugar, iremos considerar o pano de fundo conceitual de Filipenses 2, 6-7, mediante um breve inventário de opiniões conflitantes acerca da concepção de Deus/deuses em antigos autores gregos e romanos: a primeira lista apresenta uma amostragem de textos compostos por poetas e mitógrafos; a segunda uma seleção de passagens escritas por diversos filósofos. Em terceiro lugar, e como nossa conclusão, examinaremos estes dois versos Paulinos à luz do hino de Cristo (isto é, Filipenses 2, 6-11) como um todo, buscando extrair novos *insights* a partir do pano de fundo cultural helenístico da narração por Paulo da mudança de forma de Cristo. Faremos assinalar que o gênero literário de narrar mitos é bastante significativo para Paulo em sua *Carta aos Filipenses*, o qual ele adota livremente. No entanto, o Apóstolo dos Gentios também se liberta do modo já aceito dos mitógrafos clássicos, a fim de relacionar sua própria narrativa Cristológica da novidade do evento de Jesus e suas consequências salvíficas para a comunidade cristã de Filipos. Como sempre, Paulo permanece sendo um escritor livre e criativo, um pensador capaz de moldar a língua grega a fim de atender às exigências da mensagem libertadora do Evangelho.

2. Filipenses 2, 6-7 em seu contexto literário

Atualmente a maioria esmagadora dos exegetas que seguem o método histórico-crítico reconhece o apóstolo Paulo como o único remetente da Carta canônica aos Filipenses. Embora a discussão científica acerca do lugar e data precisos de composição da Carta ainda continue inabalável,⁴entretanto, a maioria esmagadora dos Bibliistas aceitam factualmente a unidade e a

⁴ Embora uma apresentação detalhada deste problema ultrapasse o escopo desta conferência, é suficiente afirmar que existem basicamente três hipóteses possíveis sobre possíveis datas e cidades. O *Apóstolo dos Gentios* poderia ter escrito sua missiva aos Filipenses desde: 1) Éfeso em 56 dC; 2) Caesarea Marítima em 58-60 dC, ou em 3) Roma em 61-61, dC. Na minha opinião, a primeira é a mais provável, a segunda a mais improvável e a terceira - a posição tradicional ainda mantida por muitos estudiosos - é um pouco provável.

integridade⁵ da Carta. Dividida internamente em quatro capítulos curtos e densos, esta Epístola exibe a composição típica de quatro partes de cada missiva Paulina: 1. abertura da Carta (Fil 1, 1-2); 2. ação de graças introdutória (Fil 1, 3-11); 3. Corpo da Carta (Fil 1, 12-4: 20) e 4. encerramento da Carta (Fil 4, 21-23). O texto bem conhecido e amado que desejamos examinar mais de perto, ou seja, o assim chamado hino de Cristo de *Filipenses 2, 6-11*, é encontrado já no início do corpo da Carta. Estes seis versículos extraordinários louvam a Jesus Cristo por seu exemplo inigualável de serviço humilde e perfeita obediência a Deus, o Pai. Assim, este texto constitui claramente o *locus classicus* da Cristologia *Paulina*. Todos os estudiosos de Cristologia, desde os Padres da Igreja até, inclusive, os teólogos do século XXI, encontraram nesta perícopie significativos *insights* teológicos acerca do mistério de Jesus Cristo. Em *Filipenses 2, 6-11*, o *Apóstolo dos Gentios* apresenta o Salvador do mundo como um exemplo para os Filipenses imitarem em sua vida moral (cf., Romanos 15, 3-7; 2 Cor 1,11). O assim chamado hino de Cristo serve, portanto, para desenvolver e expor as exortações de abertura do segundo capítulo (cf. *Filipenses 2,1-5*): o sofrimento exaltado do Messias oferece aos Filipenses um exemplo primoroso de serviço humilde e altruísta, mas também heróico e honorável de auto-doação. Como resultado, o Senhor Jesus é digno de obediência e adoração por parte de todas as criaturas nos céus, sobre a terra e sob a terra, e especialmente por parte de "todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos" (*Filipenses 1, 1*). A sensação poética dessa passagem - seu caráter rítmico, seu uso de paralelismos (semelhante aos salmos e outros textos poéticos do Antigo Testamento), a presença de termos raros e vocabulário não encontrado em outras partes do *corpus Paulino* - convenceu muitos exegetas modernos a acreditar que o apóstolo Paulo provavelmente está citando um hino Cristão pré-existente. ⁶Ao longo dos últimos vinte e cinco anos, no entanto, muitos estudiosos Paulinos começaram a questionar esta hipótese dominante,

⁵ Para a maior informação introdutória acerca desta importante Carta, cf. J.-N. ALETTI, *Saint Paul épître aux Philippiens. Introduction, traduction e commentaire*, études bibliques 55, Paris 2005 ; R. FABRIS, *Lettera ai Filippesi – Lettera a Filemone. Introduzione, versione, commento*, Scritti delle origini cristiane 11, Bologna 2000; G.D. FEE, *Paul's Letter to the Philippians*, The New International Commentary on the NT, Grand Rapids 1995; A. PITTA, *Lettera ai Filippesi. Nuova versione, introduzione e commento*, Libri Biblici NT 11, Milano 2010.

⁶Para uma breve introdução a esta perícopie, especialmente a questão de se é de Paulo a autoria desta primorosa composição literária, cf. S.N. BRODEUR, *Il cuore di Paolo è il cuore di Cristo. Studio introduttivo esegetico-teologico delle lettere paoline*, *Theologia 2*, Roma 2013, 284-290.

que ganhou fama graças à dissertação histórica do Prof. E. Lohmeyer sobre o assunto.⁷ Pessoalmente, coloco-me de acordo com os exegetas contemporâneos que questionaram criticamente as descobertas de Lohmeyer e, portanto, rejeitam sua hipótese que postula um texto pré-existente e não paulino. Na minha perspectiva, Filipenses 2, 6-11 é minuciosamente prosa paulina e não poesia. Em vez de tentar subdividir o texto em várias estrofes e versos (como o fizeram muitos exegetas no século XX), em minha opinião é suficiente identificar duas micro-unidades literárias distintas: vv. 6-8, que descreve a descida e humilhação de Cristo em sua morte na cruz, e vv. 9-11, que narra sua ascensão e exaltação, tendo recebido o nome de "Senhor" que está acima de todos os outros nomes. Em síntese, é melhor considerar esta perícopé extraordinária como composta de duas partes antitéticas que juntas revelam o mistério paradoxal da pessoa de Cristo e sua missão salvífica. Os dois principais versículos que nos interessam para nossa conferência de hoje, a saber, Filipenses 2, 6-7, estão localizados na primeira parte da micro-unidade (isto é, nos versos 6-8), e que diz respeito à descida, ao esvaziamento de Cristo da glória celestial à condição humana - especificada pelo autor como a de um escravo - e seu rebaixamento final à morte na cruz: ... Cristo Jesus,

6. Sendo ele de forma divina (*morfē theou*), não se prevaleceu de sua igualdade com Deus,

7. mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a forma de escravo (*morfē doulou*), assemelhando-se aos homens.

A composição antitética e o tom paradoxal de toda a perícopé (i.e., Filipenses 2, 6-11) parece ter sido condensada nestes dois versos iniciais, como se o remetente da Carta quisesse retratar Cristo Jesus, desde o início, verdadeiramente como um Ser único. Mas os destinatários originais da Carta poderiam muito bem ter-se feito a si mesmo muitas perguntas importantes, uma vez que a Carta de Paulo tinha sido lida em voz alta durante sua celebração da Eucaristia na comunidade. Como é possível para o Messias mudar sua aparência exterior daquela de Deus para a de um escravo, e por que ele teria feito isso? Depois de sua exaltação pelo Pai, por que Cristo não mudou sua forma de volta para a de Deus? E como dar sentido a esta proclamação

⁷ Cf. E. LOHMEYER, *Kyrios Jesus. Eine Untersuchung zu Philipperbrief 2,5-11*, SHAWPH 1927-28.4, Heidelberg 1928.

paradoxal de um escravo humilde e crucificado que agora é justamente adorado como Senhor de toda a criação? De fato, essa proposição aparentemente ilógica e contraditória refuta claramente séculos de raciocínio filosófico estabelecido sobre a natureza da deidade, como logo veremos através das passagens dos textos dos filósofos e mitógrafos. E, no entanto, os poetas gregos da época de Homero declamavam consistentemente a habilidade dos deuses em mudar sua forma à sua vontade e aparecer na terra como seres humanos, como animais ou mesmo como plantas. Como poderemos, então, dar sentido a estas duas correntes antitéticas - a dos poetas/mitógrafos e aquela dos filósofos - que fluíram através da civilização clássica grega e helenística e depois encontraram seu caminho no *corpus Paulino*? De fato, alguns exegetas têm noticiado que existem duas categorias culturais conflitantes em jogo aqui, e ambas merecem nossa atenção.⁸ Numa palavra, esse é o escopo principal de nossa conferência desta tarde. Antes de chegarmos ao importante ensinamento do Apóstolo Paulo sobre esta matéria, devemos primeiro considerar uma breve pesquisa em alguns textos gregos antigos de ambas as tradições literárias concorrentes, a fim de apreciar melhor a mentalidade conceitual complexa desta grande civilização.

3. O pano de fundo conceitual de Filipenses 2, 6-7: Uma mostra dos pontos de vista conflitantes entre poetas e filósofos acerca de Deus/Deuses

3.1 Acerca da Mutabilidade dos deuses nos Poetas e Mitógrafos

Mesmo num contato superficial com os clássicos poemas épicos da Grécia e de Roma se revela a crença dos antigos na presença fugaz e caprichosa de deuses e deusas entre os meros mortais. Para o propósito de nosso estudo, restringirei nossa consideração a incluir apenas meia dúzia de diferentes textos de: Homero, Eurípides e Ovídio, todos os quais narram histórias de como os deuses mudam sua forma a seu capricho e vontade e aparecem aos seres humanos. As três divindades em questão, cada uma protagonista em sua história, são Atenas/Minerva, Dionísio - ambos filhos de Zeus - e Zeus/Júpiter, o

⁸ Cf. R. PENNA, "Dalla forma di Dio alla forma di schiavo: due categorie sullo sfondo di Fil 2,6-7", in S. GRASSO – E. MANICARDI, ed., "Generati da una parola di verità" (Gc 1,18). *Scritti in onore di Rinaldo Fabris nel suo 70° compleanno*, Bologna 2006, 279-287.

rei dos deuses do Olimpo. Também acrescentei à nossa lista as linhas iniciais da *Metamorfoses* de Ovídio, uma vez que sua sucinta natureza programática resume bem o ponto básico que desejamos apreciar. Nas passagens que se seguem veremos a deusa Atenas/Minerva ser capaz de se transformar na forma de um belo jovem, de uma bela moça, e de uma velha feia; Que Dionísio muda sua forma de um deus para um homem mortal; e que Zeus/Júpiter pode transformar-se da sua forma própria de deus para o de um touro bonito e afetuoso, mas também luxurioso e poderoso.

HOMERO, *Ilíada*, IV, 85-126

[85] Deste modo falava um dos Aqueus ou dos Troianos. **Porém Atena entrou pelo meio dos Troianos, assemelhando-se a um homem, a Laódoco, filho de Antenor, forte lanceiro; pôs-se à procura de Pândaro igual dos deuses, até o encontrar.** E encontrou o forte e irrepreensível filho de Licáon ali em pé; [90] em torno dele estavam as possantes fileiras de combate das tropas portadoras de escudo, que o seguiram desde as correntes do Esepo. Postando-se junto dele, dirigiu-lhe palavras aladas: “Quererás tu seguir o meu conselho, ó feroso filho de Licáon? Ousarias então disparar uma célere flecha contra Menelau, [95] assim obtendo favor e glória entre todos os Troianos principalmente, dentre todos, do rei Alexandre. Dele receberias decerto em primeiro lugar dons resplandecentes, se ele visse o belicoso Menelau, filho de Atreu, atingido pela tua seta e deposto em cima da pira dolorosa. [100] Dispara pois uma seta contra o glorioso Menelau! E promete a Apolo Liceu do arco glorioso que lhe oferecerás uma famosa hecatombe dos primeiros cordeiros nascidos, quando regressares para casa, à sacra cidadela de Zeleia.” Assim falou Atena, persuadindo o tino àquele desatinado. [105] Logo tirou Pândaro o arco bem polido, do chifre de um bode selvagem, que outrora ele próprio atingira debaixo do peito depois de esperar que saísse da rocha, ferindo-o no peito, de tal modo que o bode caiu para trás num recesso da rocha. Os chifres nasciam-lhe da cabeça com dezesseis pés [110] de comprimento; e o artífice de chifres ajustara-os bem, alisando tudo com cuidado e adornando a ponta com ouro. Foi este o arco que ele retesou, depois de o ter apoiado bem no chão; e os valentes companheiros seguraram diante dele os escudos, não fossem levantar-se os filhos belicosos dos Aqueus, [115] antes de ter sido atingido o belicoso Menelau, filho de Atreu. Abriu então o tampo da aljava e de lá tirou uma seta que não fora ainda disparada, aladas, baluarte de negras dores. E rapidamente ajustou à corda a flecha amarga, prometendo a Apolo Liceu do arco glorioso que lhe oferecia uma famosa hecatombe dos primeiros cordeiros nascidos, quando regressasse a casa, à sacra cidadela de Zeleia. Em simultâneo puxou os entalhes da seta e da corda bovina. Aproximou a corda do peito; e do arco, a ponta de ferro. Depois que esticou o grande arco em movimento circular, [125] ressoou o arco, vibrou alto a

corda, e apressou-se rápida a flecha aguda, desejosa de voar por entre a multidão. [Homero, *Iliada*, Trad. Frederico Lourenço, Ed. Penguin/Companhia das Letras.]

HOMERO, *Odisséia*, XIII, 287-328

Assim falou, e sorriu a deusa, Atena olhos-de-coruja, e acariciou-o com a mão, já no corpo como uma mulher bela, grande e conhecedora de radiantes trabalhos; e, falando, dirigiu-lhe palavras plumadas: “Ladino e furtivo aquele que te ultrapassasse em todos os ardis, mesmo se um deus te topasse. Terrível, variegada-astúcia, insaciável de ardis! Não ias, nem mesmo estando em tua terra, cessar os engodos [295] e discursos furtivos, que do fundo te são caros. Vamos, não falemos mais disso, ambos conhecemos maneios, pois és, de longe, o melhor de todos os mortais em planos e discursos, e eu, entre todos os deuses, na astúcia famosa e nos maneios; e não reconheceste [300] Palas Atena, filha de Zeus, que sempre, em todas as tarefas, está junto a ti e te protege, e caro a todos os feácios também te tornou. Agora, porém, aqui vim para contigo tramar um truque e esconder toda a riqueza que a ti os ilustres feácios [305] deram, graças a meu plano e mente para te trazer à casa; e vim dizer quantas agruras, em tua casa construída, deverás suportar: resiste, mesmo sob pressão. Não declares para nenhum homem ou mulher, ninguém, que chegaste após vagar, mas, em silêncio, [310] sofre muitas aflições, submisso à violência dos varões”. Respondendo, disse-lhe Odisseu muita-astúcia: “É difícil, deusa, a um mortal, frente a ti, reconhecer-te, mesmo bem destro, pois te tornas semelhante a tudo. Isto eu sei bem, que, no passado, eras minha amiga [315] enquanto em Troia peleávamos, os filhos de aqueus. Porém, após saquear a escarpada urbe de Príamo, partimos nas naus e um deus dispersou os aqueus, e depois não mais te vi, filha de Zeus, nem percebi entrares em minha nau para de mim afastares aflição. [320] Mas, sempre com coração dividido em meu peito, vaguei, até que deuses me livraram da desgraça. Por fim, na gorda cidade dos feácios, encorajando-me com palavras, à urbe me guiaste. Agora, pelo pai, me atiro a teus joelhos: não creio [325] ter chegado à bem-avistada Ítaca, mas por outra terra erro, e creio que tu, melindrando-me, falaste isso para iludires meu juízo; dize-me se deveras à cara pátria cheguei” [Homero, *Odisséia*, Trad. CHRISTIAN WERNER, Ed. Cosac Naify.]

EURIPIDES, *As Bacantes*, 1-54 (esp. vv. 1-4.53-54)

Dionísio

À terra de Tebas venho, eu, Dioniso, de Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sémele, filha de Cadmo, pela chama do raio assistida. Alterando para mortal a feição divina, junto estou à nascente de Dirce e águas de Ismeno; o túmulo de minha mãe, a fulminada, vejo, ao palácio vizinho, e as ruínas da sua morada, do fogo de Zeus uma chama ainda viva exalando,

imperecível cólera de Hera contra minha mãe. A Cadmo exalto, que em solo inviolável o tûmulo da filha tornou; de pâmpano eu o cingi, em verdura e cachos abundante. Da Lídia e da Frígia, os campos ricos em ouro deixei; da Pérsia, os planaltos batidos de sol; de Bácia, os muros; em funesta invernia, o país dos Medos; e a opulenta Arábia percorri e a Ásia toda, que ao longo do salgado mar jaz, com Helenos a bárbaros associados, senhora de copiosas cidades de belas torres; para esta cidade dos Gregos logo me encaminhei, depois de ti ali instituídos meus coros e ritos, para aos mortais como deus me revelar. De terras helênicas, Tebas é a primeira a ressoar com os meus gritos, a nébride sobre o corpo, e à mão entregue o tirso, dardo feito de hera; pois as irmãs de minha mãe, menos que ninguém, deviam dizer que Dioniso não nasceu de Zeus, que Sêmele, seduzida, a falta do leito de algum mortal imputou a Zeus - expediente por Cadmo inventado – e que Zeus a matou porque disso se jactava, já que tais núpcias fantasiara. Por tal, de delírio as impregnei, e, loucos os espíritos, do palácio à montanha se foram. Forcei-as a usar a veste das minhas orgias, e toda a descendência feminina Cadminiana, quantas mulheres havia, expulsei das casas; sentam-se em rochedos desabrigados, sob verdes pinheiros. Deve a cidade aprender, ainda que não queira, nos báquicos mistérios não sendo iniciada, que a Sêmele, minha mãe, defendo, e eu aos mortais surjo como deus, por ela de Zeus concebido. Cadmo, idoso já, o poder absoluto a Penteu, de uma filha gerado, entregou; este comigo luta e das libações me repele, e, nas preces, de mim não tem memória. Por isso, a ele e a todos os Tebanos Mostrarei que nasci deus. A outra terra, Depois de tudo em ordem, meus passos dirigirei, Revelando quem sou. Mas se a cidade de Tebas, Pela cólera e pelas armas, da montanha as Bacantes buscar reconduzir, dirigirei as Ménades no combate. **Por tais motivos, em mortal mudados tenho os traços, a semblante humano passei a minha feição.**

Ovídio, *Metamorfoses*, I, 1-4

Faz-me o estro dizer formas em novos corpos mudadas. Deuses, já que as mudastes também, inspirai-me a empresa e, da origem do mundo ao meu tempo, guiai este canto perpétuo. [Metamorfoses em tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho]

Ovídio, *Metamorfoses*, II, 833-875

Após punir aquela de alma e de palavras profanas, o Atlandíade as terras de Palas deixa, e, agitando as asas, penetra no céu. Seu pai o chama e sem falar do amor que o move: “Filho, fiel ministro” diz “de minhas ordens, apressa-te e veloz, desce em rota usual e à terra que contempla a tua mãe, à esquerda, (os nativos a chamam de Sidônia), vai, e o rebanho real que vês pascer ao longe as ervas da montanha, leva-os rumo à praia”. Disse e, sem mais, os touros, expulsos do monte, chegam à

praia, onde a filha de um grão rei costumava brincar junto às virgens de Tiro. Não casam bem, nem moram no mesmo lugar, o amor e a majestade; abandonando o cetro, **o pai senhor dos deuses, cuja destra tríplice raio porta e a um nuto faz tremer o orbe, toma o aspecto de um touro, em meio ao rebanho muge e formoso deambula em relva tenra.** Com efeito, tem cor de neve sem vestígio algum de um duro pé ou do Austro chuvoso. Do ombro pende a papada e do pescoço músculos; os chifres são curtos, mas pode-se dizer feitos à mão e brilham mais que a pura gema. Nada há de ameaça no olhar ou na frente; A aparência é de paz. A filha de Agenor se admira dele ser tão formoso e pacífico; embora brando, antes recebeu tocá-lo. Logo se achega e põe-lhe flores na alva testa. Goza o amante e, enquanto anseia por volúpias, beija-lhe as mãos; com muito esforço adia o resto. E ora brinca e se exulta sobre a relva verde; ora na areia fulva o níveo flanco deita; e pouco a pouco o medo acaba, e oferta o peito às carícias da virgem, ou os chifres às flores recém-colhidas. Ousou mesmo a régia virgem, sem suspeitar de nada, enfim, montar o touro; aos poucos vai o deus deixando a terra e a praia, imprime falsas marcas de pés sobre a água depois avança mais e leva a sua presa para o meio do mar. Esta se assusta ao ver a praia longe e, com a destra agarra o chifre, com outra o dorso; ondula ao vento a veste trêmula. [Metamorfoses em tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho]

Ovídio, *Metamorfoses*, VI, 1-145

Palas já tendo dado a tais discursos
 Gratos ouvidos, e louvado os cantos
 Das facundas Aônias, e aprovado
 Nelas da justa cólera os efeitos,
 Disse consigo: “Nós também objeto
 Sejamos de louvor; não só louvemos,
 Mas também a nós mesma engrandeçamos;
 E quem tiver em pouco o nosso Nume,
 Não lhe poupemos a devida pena”.
 Ao dizer isto, lembra-se de Aracne,
 Donzela da Meônia, que nas artes
 Do tear se lhe opunha, e não queria
 Ceder-lhe em seus primores. Ela ilustre
 Não era nem por pátria, nem por sangue,
 Mas só pela sua arte. Seu Pai Ídmon
 Lãs tingia da púrpura mais fina,
 E a Mãe, que era já morta, a seu marido
 Se igualava também na baixa origem.
 Adquirira contudo um grande nome
 Por toda a Lídia em tais subtis tarefas
 A Filha insigne, bem qu’humilde em sangue.
 Em Hipepa habitava, e muitas vezes
 Largavam seu Timolo pampinoso,
 Largavam seu aurífero Pactolo,
 As Ninfas, e seu pobre lar honravam,

Para admirarem seus subtis primores:
Não queriam só ver as vestes feitas,
Mas vê-las fabricar: tanta a destreza
Era do seu obrar, tanta a sua arte.
Ou ela a rude lã branda fizesse,
E a globosa figura a reduzisse;
Ou armado o tear, a trabalhasse,
Urdindo os subtis fios obedientes,
Que no cândido à neve não cediam;
Ou ela a lã torcesse em veloz fuso
Ou com pintora agulha recamasse,
Via-se em tudo, que ensinada fora
Pela sábia lanífica Minerva.
Porém ela negava a grande mestra,
Ousando até dizer: “Venha; comigo
Contenda; que não temo ser vencida:
Mas se o for, me sujeito a toda a pena”.
Velha finge-se Palas; em cãs falsas
Muda as madeixas, e uns enfermos membros
Arrimando a bordão, a Moça busca,
E assim lhe diz: “Não traz a velha idade
O desprezo consigo: nossos anos
Devem ser atendidos, porque neles
É que a prudência vem. O meu conselho
Não desprezes; contenta-te co’a fama
De seres na tua arte a mais distinta:
Cede ao Nume Inventor, perdão lhe pede,
Que Palas to dará, se lho rogares”.
Olha Aracne com vista atravessada
Para a Deusa encoberta, larga a Obra,
E apenas refreando as mãos violentas,
Com colérico aspecto, ásperas vozes,
Assim rompe: “Bem mostras, que já tonta
A velhice te fez, e grave dano
Te causa tanta idade. Se tens Nora,
Se filha tens, vai dar-lhe esse conselho,
Que eu assaz bom conselho em mim só tenho.
Desse não cuides, que hei de aproveitar-me;
Firme estou no meu ânimo. Ela mesma
Por que não vem, e aceita o desafio?”
“Sim vem”, responde a Deusa, já deixando
O disfarce senil, e a majestade
De Palas ostentando. As Ninfas todas
Presentes, e as Migdônias a veneram;
Aracne unicamente não se assusta,
Só mostra algum pudor, banhando invita
De púrpura o semblante; mas depressa
A cor se desvanece: semelhante
Ao ar, que faz rosado a roxa Aurora,
E logo branco o torna o Claro Febo.
Prossegue na tarefa, e c’o desejo

Insano da vitória per si mesma
Ao seu fado se entrega. Não recusa
De Júpiter a Filha o desafio,
Nem prossegue a avisá-la: entra ao certame,
E ambas se põem em partes separadas.
Cada qual a urdidura envolve no Órgão,
Que o pente já separa; a lançadeira
Através trama o fio em veloz curso,
E o travado tecido aperta o pente.
Com vestes curtas ambas denodadas,
Para ficarem ágeis, se dão pressa,
E movem para o peito os destros braços,
Na tarefa enganando-as a Cobiça.
Ali se tece púrpura flamante,
E se dão tênues, esfumadas sombras,
Qual costuma pintar Íris teu arco
No dilatado Céu, quando aos Solares
Raios se opõem os líquidos chuveiros:
Nele brilham mil cores diferentes,
Mas não podem os olhos enganados
Discernir onde as cores se terminam:
Parecem na união, que elas são umas;
Porém têm (não sei qual) certa diferença,
Quanto mais vão buscando as tênues orlas,
Cambiando-se as tintas. Nos tecidos
Tais eram das pinturas os primores,
A que realces dava ouro flexível,
Enriquecendo a história figurada.
Palas tecia essa de Marte Rocha
No mais alto de Atenas, exprimindo
Sobre o nome da Terra o pleito antigo.
Doze Numes Celestes assentados
Com gravidade augusta debuxava,
E Júpiter no meio presidindo.
A cada qual dos Deuses seus semblantes
Ao vivo declaravam; mais que todos
Mostra o de Jove, como Rei dos Numes.
Em pé representava ao Deus das ondas
Ferindo c'ó Tridente áspera penha,
Donde saía intrépido cavalo,
Com cujo generoso dom queria
Fazer Atenas sua, e dar-lhe o nome.
Ela Palas se opunha armada em guerra
Embraçando alto escudo, aguda lança
Brandindo, o forte peito defendendo
Co'a Égide terrível, e a cabeça
Armando de elmo. A ação representava
De ferir ela a terra ao grave golpe
Da formidável lança, e brotar dela
Branca Oliveira, grávida de frutos.
Os Deuses assombrados lhe acordavam

A vitória, e este ilustre vencimento
 Era o remate da subtil pintura.
 Para a êmula audaz esta bastava;
 Porém para Ela ver com mais exemplos,
 Que paga deva ser tanta ousadia,
 Teceu-lhe mais em partes separadas
 Outros quatro certames; obras primas
 Expressados nos ângulos do pano.
 Em figuras subtis, em vivas cores,
 Do antigo Hemon, e Ródope sua Esposa,
 Da Trácia Reis, era a primeira História,
 Passando de mortais a imóveis montes,
 Porque os nomes das sumas Divindades
 Temerários a si atribuíram.
 A segunda era o fado miserável
 Da Pigméia Rainha, em Grou mudada
 Por Juno, que a vencera no Certame,
 E a mandara ao seu povo fazer guerra.
 Viu Palas primor tanto, e desprezá-lo
 Não pôde; a mesma Inveja deixaria
 De denegrir tão finas subtilezas;
 Porém irou-se a armígera Deidade
 Ao ver tecidos os Celestes crimes.
 Como tinha na mão a lançadeira,
 Singular lenho do Citorio monte,
 A fronte da Rival feriu com ela.
 Aracne não sofreu afronta tanta,
 E animosa atou laço no pescoço.
 Já pendente da trave a vê Minerva,
 E cair não a deixa enternecida,
 Dizendo-lhe: “Enfim vive, ó temerária,
 Mas de modo, que vivas no ar suspensa:
 E para que em futuro não esperes,
 A tua prole toda, e tardos netos
 A mesma pena sintam”. Vai-se; e ao longe
 Com suco de Aconito a banha toda.
 No mesmo ponto os úmidos cabelos,
 E da fronte as feições perde a infelice
 À força do veneno poderoso.
 De repente a cabeça, e todo o corpo
 Se atenua; dos lados saem-lhe os dedos
 Compridos, e subtis, que em pés se tornam:
 Toda ela é ventre, donde arroja teias,
 Exercitando a Aranha o antigo ofício.

3.2 O que dizem os Filósofos acerca da imutabilidade de deus/deuses

Em forte contraste com os muitos mitos que narram a habilidade dos deuses e deusas olímpicos em alterar sua aparência a seu arbítrio, os seguintes

textos - um conjunto de fragmentos de Xenofanes de Cólofon, dois de Platão e um de Aristóteles - defendem em polêmica competição, a proposição fundamental da filosofia grega antiga: o[s] deus/deuses não podem e não mudam sua forma divina. Começamos nosso exame com vários breves textos selecionados de Xenófanés de Cólofon, um filósofo pré-socrático famoso por sua crítica áspera e inovadora do antropomorfismo na religião grega. Em seguida, nos voltamos para uma passagem famosa da *República* de Platão acerca deste problema filosófico e teológico, e então cotejaremos um breve trecho de seu diálogo igualmente significativo, *Timeu*, que basicamente trata das mesmas questões. Por fim, consideraremos uma longa passagem da *Metafísica* de Aristóteles, que argumenta vigorosamente a favor da inalterabilidade de Deus, um ponto expressado pela primeira vez sucintamente tanto por Xenófanés de Cólofon, como por Sócrates. A doutrina aristotélica acerca de Deus, portanto, segue claramente o caminho do ensino platônico sobre esta questão, embora o filósofo de Estagira compreenda a divindade como o primeiro motor imóvel. Em suma, os grandes filósofos de Cólofon, Alopece, Atenas e Estagira desaprovam vigorosamente os inúmeros mitos recontados por Homero e seus muitos discípulos, histórias que narram com fascinantes detalhes a mutabilidade dos deuses e deusas. Podemos seguramente assumir que o áspero opróbrio dos filósofos e a conseqüente condenação dos mitógrafos, tanto os que lhes procederam como os seus contemporâneos, também se aplicariam aos poetas clássicos e helenísticos que logo lhes seguiriam - independentemente desses bardos sucessores terem composto seus versos mitológicos em honra dos deuses em grego ou em latim.

XENOFANES DE CÓLOFON, *Fragmentos* (numerados segundo Diels-Kranz)

Seus ensinamentos sobre as Deidades sobrevivem em fragmentos citados por diversos autores antigos

CLEMENTE, *Miscelânea*, 5.109

(B14) Mas, os mortais supõem que os deuses nascem,
Têm roupas humanas, voz e forma corporal.

CLEMENTE, *Miscelânea*, 5.110

(B15) Se os cavalos tivessem mãos, ou bois ou leões tivessem,
Ou se pudessem desenhar com as suas mãos e produzir obras
como os homens,

Então os cavalos desenhariam figuras de deuses como cavalos, e bois como bois, E cada um construiria os corpos [dos deuses] da mesma estrutura que cada um deles tem.

CLEMENTE, *Miscelânea*, 7.22

(B16) Os etíopes dizem que seus deuses são negros e de nariz chato, os Trácios afirmam que os seus são de olhos cinza e cabelos vermelhos.

SEXTOS EMPIRICO, *Contra os matemáticos*, 9.193

(B11) Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses todos os atos que entre os homens são matéria de reprovação e culpa: Roubar, adulterar e enganar uns aos outros.

SEXTOS EMPIRICO, *Contra os matemáticos*, 1.289

(B12) ... Como eles cantaram muitos atos ilícitos dos deuses Roubando, adulterando e enganando-se.

SEXTOS EMPIRICO, *Contra os matemáticos*, 9.144

(B24) ... Todo inteiro vê, todo inteiro pensa, todo inteiro ouve

SIMPLÍCIO, *Comentário a Física de Aristóteles*, 23.10

(B26) ... Ele sempre permanece no mesmo estado, não mudando nada,
Nem é apropriado que ele vá para lugares diferentes em momentos diferentes.

SIMPLÍCIO, *Comentário a Física de Aristóteles*, 23.19

(B25) ... Mas completamente sem esforço, ele agita todas as coisas pela vontade de sua mente.

PLATÃO, *República*, II, 380d-381d,382d

- Julgas que Deus seja um mágico, capaz de aparecer insidiosamente sob formas diversas, ora realmente presente e transmudando a própria imagem numa multidão de figuras diferentes, ora enganando-nos e mostrando de si mesmo apenas fantasmas sem realidade? Não é antes um ser simples, o menos capaz de sair da forma que lhe é própria?

- Não posso te responder de improviso, disse ele.

- Mas responde a isto: não é necessário, se um ser sai de sua forma, que se transforme sozinho ou seja transformado por outro?

- É necessário.

- Mas se as coisas melhor constituídas não são as menos suscetíveis de ser alteradas e mudadas por influência estranha? Toma, por exemplo, as alterações causadas ao corpo pela alimentação bebida, fadiga ou à planta pelo calor do sol,

pelos ventos e outros acidentes similares: o objeto que é mais sã e mais vigoroso não é o menos afetado?

- Sem dúvida.

- E a alma mais corajosa e a mais sábia não é a menos perturbada e a menos alterada pelos acidentes externos?

- Sim.

- Pela mesma razão, de todos os objetos fabricados, edifícios, vestimentas, os bem trabalhados e em bom estado são os que o tempo e os outros agentes de destruição menos alteram.

- É exato.

- Portanto, todo ser perfeito, venha a sua perfeição da natureza, da arte ou de ambas, está menos exposto a qualquer mudança oriunda de fora.

- Parece.

- Mas Deus, com o que pertence à sua natureza, é em todo ponto perfeito?

- Como não?

- E por isso, o menos suscetível de receber muitas formas?

- O menos suscetível, certamente.

- Mas seria por si próprio que ele haveria de mudar e se transformar?

- Evidentemente - respondeu - por si próprio, se é verdade que ele se transforma.

- Mas então assume uma forma melhor e mais bela, ou pior e mais feia?

- É necessário que assuma uma forma pior se é que muda; pois não podemos dizer que falte em Deus qualquer grau de beleza ou de virtude.

- **Tens inteira razão - disse eu - Mas, assim, sendo, julgas possível, Adimanto, que um ser se torne voluntariamente pior em qualquer sentido que seja, quer se trate de um deus quer de um homem?**

- **É impossível - confessou.**

- **É impossível também - continuei - que um deus consinta em transformar-se; cada um dos deuses sendo o mais belo e o melhor possível, permanece sempre na simplicidade de forma que lhe é própria.**

- Isso é absolutamente necessário, parece-me.

- Logo, que nenhum poeta, excelente amigo, nos venha dizer que *os deuses sob as feições de remotos estrangeiros, e assumindo todas as formas, percorrem as cidades...*

Que nenhum deles recite mentiras sobre Proteu e sobre Tetis e introduza, nas tragédias ou em outros poemas, Hera disfarçada de sacerdotisa que mendiga *'para os filhos doadores de vida do rio árgio Ínaco'*

E que nos poupem muitas outras ficções desta natureza.

Que as mães, persuadidas pelos poetas, não atemorizem os filhos contando-lhes intempestivamente que certos deuses vagueiam, de noite, sob feições de estrangeiros de toda a espécie, a fim de evitar, ao mesmo tempo, blasfemar contra os deuses e tornar os filhos medrosos.

- Que evitem isso, com efeito - disse ele.

- **Mas - prossegui - será que os deuses incapazes de mudança por si próprios, poderiam fazer-nos crer que aparecem sob formas diversas usando impostura e magia?**

E nessas histórias de que falamos há pouco, quando, não sabendo a verdade sobre os eventos do passado, concedemos tanta verossimilhança quanto possível à mentira, não a tornamos útil?

- **Seguramente é assim.**

- **Mas por qual dessas razões seria a mentira útil a Deus? A ignorância**

dos acontecimentos do passado movê-lo-ia a conceder verossimilhança à mentira?

- Seria ridículo.

- Não existe, portanto, em Deus um poeta mentiroso?

- Não me parece.

(Platão, República, Trad. de J. Guinsburg. Clássicos Garnier.)

PLATÃO, *Timeu*, 37e-38a

De facto, os dias, as noites, os meses e os anos não existiam antes de o céu ter sido gerado, pois ele preparou a geração daqueles ao mesmo tempo que este era constituído. Todos eles são partes do tempo, e “o que era” e “o que será” são modalidades devenientes do tempo que aplicamos de forma incorrecta ao ser eterno por via da nossa ignorância. Dizemos que “é”, que “foi” e que “será”, mas “é” é a única palavra que lhe é própria de acordo com a verdade, ao passo que “era” e “será” são adequadas para referir aquilo que devém ao longo do tempo – pois ambos são movimentos. No entanto, aquilo que é sempre imutável e imóvel não é passível de se tornar mais velho nem mais novo pelo passar do tempo nem tornar-se de todo (nem no que é agora nem no que será no futuro), bem como em nada daquilo que o devir atribui às coisas que os sentidos trazem, já que elas são modalidades devenientes do tempo que imita a eternidade e circulam de acordo com o número. (Platão, *Timeu*, Trad. Rodolfo Lopes)

ARISTÓTELES, *Metafísica*, XII, 1071b-1073a

Dissemos, portanto, quais são e quantos são os princípios das coisas sensíveis, e dissemos em que sentido eles são idênticos para todas as coisas e em que sentido são diferentes. Dissemos acima que as substâncias são três, duas físicas e uma imóvel. Pois bem, devemos falar agora desta e devemos demonstrar que necessariamente existe uma substância eterna e imóvel. As substâncias de fato, têm prioridade relativamente a todos os outros modos de ser, e se todas fossem corruptíveis, então tudo o que existe seria corruptível. Mas é impossível que o movimento se gere e se corrompa, porque ele sempre foi, e também não é possível que se gere e se corrompa o tempo, porque não poderia haver o antes e o depois se existisse o tempo. Portanto, o movimento é contínuo, assim como o tempo: de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento ou uma característica dele. E não há outro movimento contínuo senão o movimento local antes, propriamente contínuo só é o movimento circular. Se existisse um princípio motor e eficiente, mas que não fosse em ato, não haveria movimento: de fato, é possível que o que tem potência não passe ao ato. (Portanto, não teremos nenhuma vantagem se introduzirmos substâncias eternas, como fazem os

defensores da teoria das formas, se não está presente nelas um princípio capaz de produzir a mudança: portanto, não é suficiente esse tipo de substância, nem a outra substância que eles introduzem além das ideias; se essas substâncias não forem ativas, não existirá movimento). Também não basta que ela seja em ato, se sua substância implica potência: de fato nesse caso, poderia não haver o movimento eterno, porque é possível que o que é em potência não passe ao ato. Portanto, é necessário que haja um princípio, cuja substância seja o próprio ato. Assim, também é necessário que essas substâncias sejam privadas de matéria, porque devem ser eternas, se é que existe algo de eterno. Portanto, devem ser ato. Por outro lado, surge uma dificuldade: parece que tudo o que é ativo pressupõe a potência e, ao contrário, nem tudo o que é em potência passa ao ato; parece, desse modo, que a potência é anterior ao ato. Mas, se fosse assim, não existiria nenhum desses seres: de fato, é possível que o que é em potência para ser ainda não seja. E mesmo que ocorresse o que dizem os teólogos, para os quais tudo deriva da noite, ou como dizem os físicos, que sustentam que "todas as coisas estavam juntas", chegaríamos à mesma impossibilidade. Com efeito como poderia produzir-se movimento se não existisse uma causa em ato? A matéria certamente não pode mover a si mesma, mas é movida pela arte de construir, e tampouco o mênstruo ou a terra movem-se a si mesmos, mas o germe e o sêmen os movem. Por isso, alguns admitem uma atividade eterna, como Leucipo e Platão. De fato, eles sustentam que o movimento é eterno. Todavia, eles não dizem a razão pela qual o movimento é e como é, nem dizem a razão pela qual ele é deste ou daquele modo. Entretanto, nada se move por acaso, mas sempre deve haver uma causa: por exemplo, isto se move agora desse modo por natureza, aquilo daquele modo pela força, pela inteligência ou por outra razão. E de que espécie é o movimento primeiro? Este ponto é extremamente importante. E Platão não poderia propor o que às vezes considera causa do movimento, ou seja, o que se dá a si mesmo o movimento. Mas isso, que, segundo ele é a alma, é posterior ao movimento e nasce junto com o mundo, como ele mesmo afirma. Ora, considerar que a potência seja anterior ao ato, em certo sentido é verdadeiro e noutro sentido não é, como já dissemos. Que o ato seja anterior atesta-o Anaxágoras, porque a inteligência de que ele fala é ato: atesta-o Empédocles com a doutrina da amizade e da discórdia, e atestam-no aqueles que, como Leucipo, sustentam que o movimento é eterno. Portanto, não existiram por um tempo infinito o Caos ou Noite, mas sempre existiram as mesmas coisas, ou ciclicamente ou de algum outro modo, se é verdade que o ato é anterior à potência. Ora, se a realidade é sempre a mesma [ciclicamente], é necessário que algo permaneça constantemente e atue sempre do mesmo modo. E para que possam ocorrer geração e corrupção deve haver alguma outra coisa que sempre atue em virtude de si mesma e, noutro sentido, em virtude de outro,

portanto, em virtude de uma causa ulterior diferente da primeira, porque, por sua vez, a primeira seria causa de uma e da outra. Portanto, é melhor a primeira. De fato, dissemos que é por essa causa que as coisas são sempre do mesmo modo; a outra, por sua vez, é a causa da diversidade das coisas, e as duas juntas são causa de as coisas serem sempre diversas. Assim se comportam, portanto, os movimentos. Que necessidade há, então, de buscar outros princípios? Dado que é possível que as coisas sejam assim - e se assim não fosse todas as coisas deveriam derivar da noite, da mistura e do não-ser -, essas dificuldades podem ser resolvidas. Existe algo que sempre se move continuamente, e é o movimento circular (e isso é evidente não só para o raciocínio, mas também como um fato): de modo que o primeiro céu deve ser eterno. Portanto, há também algo que move. E dado que o que é movimento e move é um termo intermediário, deve haver, conseqüentemente, algo que se mova sem ser movido e que seja a substância eterna e ato. E desse modo movem o objeto do desejo e o da inteligência: movem sem ser movidos. Ora, o objeto primeiro do desejo e o objeto primeiro da inteligência coincidem: de fato, o objeto do desejo é o que se nos mostra como o belo e o objeto primeiro da vontade racional é o que é objetivamente belo; e nós desejamos algo porque acreditamos ser belo e não, ao contrário, acreditamos ser belo porque o desejamos; de fato, o pensamento é o princípio da vontade racional. E o intelecto é movido pelo inteligível, e a série positiva dos opostos, é por si mesma inteligível; e nessa série a substância tem o primeiro lugar, e, ulteriormente, no âmbito da substância, o primeiro lugar cabe a que é simples e em ato (o um e o simples não são a mesma coisa: a unidade significa uma medida, enquanto a simplicidade significa o modo de ser da coisa); ora, também o belo e o que é por si desejável estão na mesma série, e o que é primeiro na série é sempre ótimo ou equivalente a ótimo.

Que, depois, o fim se encontre entre os seres imóveis o demonstra a distinção 'de seus significados': o fim significa: (a) algo em vista do qual, e (b) o próprio propósito de algo; no segundo desses significados o fim pode se encontrar entre os seres imóveis no primeiro não. Portanto, 'o primeiro movente' move como o que é amado, enquanto todas as outras coisas movem sendo movidas. Ora, se algo se move, também pode ser diferente do que é. Portanto, o primeiro movimento de translação mesmo sendo em ato, pode ser diferente do que é, pelo menos enquanto é movimento: evidentemente, diferente segundo o lugar, não, porém, segundo a substância. Mas, dado existir algo que move sendo, ele mesmo, imóvel e em ato, não pode ser diferente do que é em nenhum sentido. O movimento de translação, de fato, é a primeira forma da mudança, e a primeira forma de translação é a circular; e assim é o movimento que o primeiro movente produz. Portanto, ele é um ser que existe necessariamente; e enquanto existe necessariamente, existe como Bem, e desse modo é Princípio. (de fato, o 'necessário'

tem os seguintes significados: (a) o que se faz sob constrição contra a inclinação, (b) aquilo sem o que não existe o bem, e, enfim (c) o que não pode absolutamente ser diferente do que é. Desse princípio, portanto, dependem céu e a natureza. E seu modo de viver é o mais excelente: é o modo de viver que só nos é concedido por breve tempo. E naquele estado Ele está sempre. Isso é impossível para nós, mas para Ele não é impossível, pois o ato de seu viver é prazer. E também para nós a vigília, a sensação e o conhecimento são sumamente agradáveis justamente porque são ato, e em virtude deles, também esperanças e recordações. Ora, o pensamento que é pensamento por si, tem como objeto o que por si é o mais excelente, e o pensamento que é assim maximamente tem como objeto o que é excelente em máximo grau. A inteligência pensa a si mesma, captando-se como inteligível: de fato, ela é inteligível ao intuir e ao pensar a si mesma, de modo a coincidirem inteligência e inteligível. A inteligência é, com efeito, o que é capaz de captar o inteligível e a substância, e é em ato quando os possui. Portanto, muito mais do que aquela capacidade, o que de divino há na inteligência é essa posse; e a atividade contemplativa é o que há de mais prazeroso e mais excelente. Se, portanto, nessa feliz condição em que às vezes nos encontramos, Deus se encontra perenemente, isso nos enche de maravilha; e se Ele se encontra numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E Ele se encontra efetivamente nessa condição. E Ele também é vida, porque a atividade da inteligência é vida, e Ele é justamente essa atividade. E sua atividade, subsistente por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que Deus é vivente, eterno e ótimo; de modo que a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: isto, portanto, é Deus. Estão errados os que, como os pitagóricos e Espeusipo, negam que a suma beleza e o sumo bem estejam no Princípio porque os princípios das plantas e dos animais são causas, mas a beleza e a perfeição só se encontram no que deriva dos princípios. De fato, a semente deriva de outros seres precedentes e plenamente desenvolvidos, e o que é primeiro não é semente, mas o que é plenamente desenvolvido; assim, por exemplo, dever-se-ia afirmar que o homem é anterior ao sêmen; não o homem derivado deste sêmen, mas aquele do qual o sêmen deriva.

Portanto, do que foi dito, é evidente que existe uma substância imóvel, eterna e separada das coisas sensíveis. E também fica claro que essa substância não pode ter nenhuma grandeza, mas é sem partes e indivisível. (Ela, de fato, move por um tempo infinito, e nada do que é finito possui uma potência infinita; e, dado que toda grandeza ou é infinita ou é finita, pelas razões já apresentadas, ela não põe ter uma grandeza finita, mas também não pode ter uma grandeza infinita, porque não existe uma grandeza infinita. Fica, ademais, claro que ela é impassível e inalterável: de

fato, todos os outros movimentos são posteriores ao movimento local.

Portanto, é evidente que é assim. Não devemos descuidar do problema e devemos admitir só uma substância como esta, ou mais de uma e quantas, antes devemos recordar também as opiniões dos outros pensadores e notar que não disseram nada com precisão sobre o número dessas substâncias. A teoria das Ideias não contém, a respeito, nenhuma afirmação específica: os defensores das Idéias diem que as Idéias são números, depois falam dos números, às vezes como se fossem infinitos, outras, ao invés, como se fossem ilimitados à dezena; mas, a respeito das razões pelas quais a quantidade dos números deva ser tal, não diem nada rigorosamente demonstrativo. Impõe-se, portanto, que o digamos nós, com base em tudo o que foi estabelecido e explicado acima.

O princípio e o primeiro dos seres é imóvel tanto absolutamente como relativamente. E como é necessário que o que é movido seja movido por algo, e que o Movente primeiro seja essencialmente imóvel, e que o movimento eterno seja produzido por um ser eterno e que o movimento único seja produzido por um ser único; e dado que, por outro lado, vemos que junto com o movimento simples do Todo - que dizemos ser produzido pela substância primeira e imóvel - há também outros movimentos eternos de translação, ou seja, o dos planetas (de fato, eterno e contínuo é o movimento do corpo que se move circularmente, e isso foi demonstrado nos livros da *Física*), é necessário que também cada um desses movimentos seja produzido por uma substância imóvel e eterna. De fato, a natureza dos astros é uma substância eterna, e o Movente eterno é anterior relativamente ao que é movido, e o que é anterior relativamente a uma substância deve necessariamente. Ser ele mesmo, substância. Portanto, é evidente que deverão existir necessariamente outras substâncias e que deverão ser eternas por sua natureza, essencialmente imóveis e sem grandeza, pelas razões já apresentadas. (*Metafísica, Aristóteles, trad. Henrique Claudio de Lima Vaz SJ e Marcelo Perine, Ed. Loyola*)

4. Observações Finais acerca da mudança de forma em Cristo (morphē) de Deus para Escravo

Graças a nossa breve pesquisa sobre esses textos mitológicos e filosóficos, estamos agora em condição de chegar a algumas conclusões relevantes com respeito ao ensino cristológico de Paulo em Filipenses 2, 6-7. Retornemos novamente a este breve texto que declara que Cristo Jesus,

6. Sendo ele de forma divina (*morfē theou*), não se prevaleceu de sua igualdade com Deus,

7. mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a forma de escravo (*morfē doulou*), assemelhando-se aos homens.

Observa-se imediatamente que o pronunciamento do Apóstolo sobre a mudança da forma em Cristo da *forma divina* para a *forma humana* segue claramente o caminho dos poetas e dos mitógrafos e não o dos filósofos e dos pensadores especulativos. Esta estonteante afirmação pode surpreender-nos de início, a saber, que Paulo e a primeira geração de cristãos se voltaram para o mito como categoria cultural preferida para relacionar a história épica de Jesus Cristo e sua paradoxal transformação no Filho único de Deus. Assim, a continuidade entre a narração dos mitos e a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo não deve realmente nos surpreender: o mito, afinal de contas, é sobretudo uma narrativa de histórias. Como um gênero literário, conta histórias importantes e verdades que são fundamentais e necessárias para toda civilização, garantindo que a sua sabedoria coletiva seja transmitida de uma geração para a próxima.⁹ Em sua proclamação inicial do Evangelho, os primeiros missionários cristãos - e Paulo de Tarso é o principal dentre eles - não estavam originariamente interessados em explicar conceitos filosóficos abstratos sobre Deus Pai e Jesus Cristo para suas novas comunidades espalhadas através do mundo mediterrâneo. Por esta razão, o raciocínio convincente da Academia de Platão não os interessava prioritariamente. Ao contrário, como os mitógrafos antes dele, os apóstolos também tiveram uma história extraordinária para narrar, a história de Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado dos mortos, o Redentor dos pecadores e o Senhor de toda criação. A proclamação da Boa Nova não é senão o anúncio de uma pessoa muito particular, Jesus de Nazaré, e o que ele fez para a salvação dos pecadores.

No entanto, há também uma grande descontinuidade entre o relato dos mitos gregos e helenísticos e a proclamação apostólica do Evangelho; uma

⁹ M.L. Humphries offers an excellent definition of the term 'myth': "A story or narrative that conveys the fundamental structure of knowledge upon which the ideologies and customs of a particular culture rest. Though myth is frequently invested with elements of the fantastic, and generally associated with religious and ritual practice, scholarship has clearly extended its understanding of myth (from Greek *mýthos*) beyond earlier associations with noble savages and primitive mentalities. Notwithstanding its customary fictional character, consensus proposes that the power of myth lies in its capacity to construct worldviews wherein origins, identities, and behaviors are established and legitimated. Thus, analogous to its many and diverse religious expressions, myth simultaneously embraces the numerous post-Enlightenment formations of the sciences, social sciences, and humanities clearly affiliated with our endeavor to define a person, family, or culture" (Id., "Myth," in D.N. FREEDMAN – A.C. MYERS – A.B. BECK, ed., *Eerdmans Dictionary of the Bible*, Grand Rapids 2000, 934).

descontinuidade que também é encontrada em nossa passagem selecionada da Carta aos Filipenses [Fil 2, 6-7]. Nos mitos pagãos, como observamos em nossa breve visão geral, fizemos assinalar que as diversas e distintas histórias acerca da aparência dos deuses são narradas basicamente em três etapas fundamentais: primeiramente, os deuses são retratados em sua forma divina; em segundo lugar, assumem a aparência humana como uma condição passageira e transitória (para enganar, iludir, estuprar, cometer adultério, matar, sequestrar, etc.); e, por fim, em terceiro lugar, eles retornam à sua forma divina original (presumivelmente para retomar suas vidas com as outras deidades no Monte Olimpo e traçar suas próximas intervenções nefastas nos assuntos humanos). Mas, decididamente, esse não é o padrão que Paulo apresenta em Fil 2, 6-11. Nestes versículos em louvor ao Messias, especialmente em vv. 6-7, lemos que Cristo Jesus muda da "forma de Deus" para a "forma de escravo". Em nenhum lugar em vv. 8-11, se diz que Ele retorna à "forma de Deus", o que constituiria a terceira etapa na narrativa dos mitos. Ao contrário, o escravo humilhado e crucificado é agora exaltado como Deus precisamente enquanto ainda está em sua condição humana, já que Lhe é dado o próprio nome de Deus, "Senhor", que agora se torna o principal título de Cristo. Em outras palavras, enquanto ainda é um ser humano, a Cristo Jesus Lhe é conferido o nome acima de todos os outros nomes, e em razão disso ele passa a compartilhar novamente da condição divina; condição descrita pela primeira vez no v. 6 no início do texto de *Fil 2*. Por um lado, Paulo (e todos os seus cooperadores para a causa do Evangelho) adotam o gênero literário do narrar-mito para proclamar o Cristo crucificado e ressuscitado, e ainda, por outro lado, ele essencialmente rompe com os três estágios do modelo de narrar mitos do mundo greco-romano. Portanto, para o Apóstolo dos Gentios, a Palavra pré-existente de Deus, verdadeiramente um ser divino, torna-se, por sua vez, um ser humano real no momento de sua Encarnação e permanece plenamente humano mesmo após sua exaltação (i.e. sua ressurreição e ascensão). O crucificado e exaltado recebe mais uma vez seu estatuto divino original (v.6), uma vez que agora Lhe foi restaurado pelo próprio Deus (vv.9-11): Cristo Jesus, plenamente divino e plenamente humano, agora compartilha completamente a própria glória de Deus e é proclamado como Senhor. Daí que o hino de Cristo, em geral, (a narração de sua mudança de status de "escravo", o significado principal dos versos 6-8, para seu novo status

de "Senhor", o principal ponto de vv. 9-11) e os versículos 6-7, em particular, nos quais primorosamente se narram o *kerygma* da Igreja antiga, a Boa Nova anunciada por Paulo aos Filipenses. Em suma, embora a narrativa, única, sobre as origens de Jesus em Fil 2, 6-11 não seja decididamente um mito, o gênero literário de narrar mitos é essencial para o original e inimitável relato de Paulo sobre a história épica de Cristo.

Em conclusão, essa continuidade e descontinuidade com referência ao mito deve ser mantida em mente se quisermos fazer justiça a esta magnífica passagem de Filipenses. Além disso, precisamos lembrar que a outra grande tradição cultural que também observamos em nossa pesquisa apenas de passagem, ou seja, os significativos *insights* dos antigos filósofos sobre um Deus inamovível, logo se revelariam indispensáveis para as gerações posteriores de cristãos, e como estas perspectivas se misturaram às controvérsias cristológica e trinitária que se seguiram inevitavelmente.

Como conclusão final às nossas reflexões sobre a misteriosa mudança de forma de Cristo encontrada em Filipenses 2, 6-7, faz-se bem em lembrar o ensinamento do Apóstolo a outra de suas igrejas locais, a saber, a centralidade de sua mensagem da loucura da cruz : “Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; mas, para os eleitos – quer judeus quer gregos -, força de Deus e sabedoria de Deus.” (1Cor 1: 22-24).

BIBLIOGRAFIA

- ALETTI, J.-N., *Saint Paul Epître aux Philippiens. Introduction, traduction e commentaire*, Etudes bibliques 55, Paris 2005.
- ARISTOTLE, *Metaphysics*.
- BEHM, J., “*Morphē*,” in G. KITTEL – G. FRIEDRICH, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, IV, 742-759.
- BETORI, G., “Mito,” in P. ROSSANO – G. RAVASI – A. GIRLANDA, ed., *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, Cinisello Balsamo 1988, 993-1012.
- BRODEUR, S.N., *Il cuore di Paolo è il cuore di Cristo. Studio introduttivo esegetico-teologico delle lettere paoline*, Theologia 2, Roma 2013.
- EURIPIDES, *The Bacchae*.
- FABRIS, R., *Lettera ai Filippesi – Lettera a Filemone. Introduzione, versione, commento*, Scritti delle origini cristiane 11, Bologna 2000.
- FEE, G.D., *Paul’s Letter to the Philippians*, The New International Commentary on the NT, Grand Rapids 1995.
- HOMER, *The Iliad*.
———, *The Odyssey*.
- HUMPHRIES, M.L., “Myth,” in D.N. FREEDMAN – A.C. MYERS – A.B. BECK, ed., *Eerdmans Dictionary of the Bible*, Grand Rapids 2000, 934-935.
- LOHMEYER, E., *Kyrios Jesus. Eine Untersuchung zu Philipperbrief 2,5-11*, SHAWPH 1927-28.4, Heidelberg 1928.
- OVID, *Metamorphoses*.
- PENNA, R., “Dalla forma di Dio alla forma di schiavo: due categorie sullo sfondo di Fil 2,6-7”, in S. GRASSO – E. MANICARDI, ed., “*Generati da una parola di verità*” (Gc 1, 18). *Scritti in onore di Rinaldo Fabris nel suo 70° compleanno*, Bologna 2006, 279-287.
- PENNA, R., “Paolo di Tarso e le componenti ellenistiche del suo pensiero,” Seminario di aggiornamento per studiosi e docenti di S. Scrittura, 23-27 gennaio 2017, 17-19.
- PITTA, A., *Lettera ai Filippesi. Nuova versione, introduzione e commento*, Libri Biblici NT 11, Milano 2010.
- PLATO, *Republic*.
———, *Timaeus*.
- PÖHLMANN, W., “*Morphē*,” in H. BALZ – G. SCHNEIDER, ed., *Exegetical Dictionary of the New Testament*, II, 442-443.
- XENOPHANES OF COLOPHON, *Fragments*.

Carismas, Dons gratuitos de Deus à Igreja: um estudo do termo χάρισμα (*chárisma*) à luz da Primeira Carta aos Coríntios 12, 1-11*

1. Introdução

1.1 A importância dos Carismas, ontem e hoje

O que São Paulo nos ensina acerca dos Carismas? Uma pesquisa teológica e exegética sobre o uso e o significado do termo χάρισμα (*chárisma*) no Novo Testamento coloca uma formidável tarefa até para os mais competentes pesquisadores Bíblicos. Após séculos de relativo silêncio sobre o tema, a palavra “*Carisma*” re-adentrou ao nosso vocabulário religioso da Igreja Católica Romana graças primeiramente ao Concílio Vaticano II através de sua Constituição Dogmática sobre a Igreja, intitulada *Lumen Gentium*. Outros significativos eventos eclesiais do século passado têm igualmente auxiliado a trazer o tópico ao centro do palco: o movimento Pentecostal entre os Protestantes,¹⁰ a Renovação Carismática entre os Católicos,¹¹ e a publicação de outro importante Decreto do Concílio Vaticano II, *i.e. Perfectae Caritatis*, sobre a renovação da vida religiosa.¹² Mesmo o novo Código de Direito Canônico, promulgado pelo

* Tradução de Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa, Degislano Nóbrega de Lima e Sérgio Sezino Vasconcelos Douets, ambos da UNICAP/PE. Nota da tradução: todas as passagens em que se cita a Bíblia foi a tradução cotejada com a edição da Bíblia Ave Maria, algumas vezes assumida esta tradução literalmente, em outras passagens esta tradução foi alterada com propósito de corresponder ao espírito do texto em Inglês.

¹⁰ Atualmente há um amplo fenômeno, esse movimento começa com um pequeno grupo de metodistas que, graças a seu pregador o reverendo Perham, desejavam investigar as Escrituras em seu desejo de crescer em santidade. Sua atenção logo se foca no primeiro Pentecostes como descrito por Lucas em Atos 2: 1-12. O batismo de Agnese Ozman no Espírito e seu subsequente dom de falar em línguas através da imposição das mãos aconteceu em 1º de janeiro de 1901, no estado de Kansas (EUA). Dentro de poucos dias, outros trinta em seu grupo também receberam o dom de línguas; após mais alguns anos, sua nova forma de louvor havia se espalhado através dos Estados Unidos e da Europa.

¹¹ A obra clássica sobre as origens deste movimento católico foi escrito pelo Pe. Francis A. Sullivan, S.J., então professor de teologia na Universidade Gregoriana. Veja-se do autor, *Carismas e Renovação Carismática. Um Estudo Bíblico e Teológico*, Ann Arbor 1982. Nestas páginas, Pe. Sullivan primeiro propõe uma breve história do movimento e, em seguida, uma análise aprofundada de vários textos paulinos sobre carismas. Ele trata especialmente dos dons da profecia, do dom de falar em línguas e curas, e oferece uma interpretação convincente e bem equilibrada desses dons gratuitos.

¹² This ground-breaking decree presented clear norms to every religious family in the Church, calling them to continuous, ongoing renewal in their witness of the evangelical counsels (poverty, chastity and obedience) as well as renewed faithfulness to the spirit of their founders. As a result,

Papa João Paulo II, em 25 de janeiro de 1983, indica que os Carismas de cada Instituto Religioso na Igreja Católica agora constituem normas a serem seguidas e implementadas para homens e mulheres religiosos, segundo o *Dom* e o *Testemunho* único de seus fundadores.¹³ No entanto, mesmo se uma significativa palavra bíblica como “carisma” encontra ainda hoje seu lugar em nosso léxico eclesial contemporâneo, há frequentemente falta de clareza sobre seu exato significado, posto que nós tendemos a ignorar seu preciso pano de fundo no Novo Testamento. Um rápido olhar a partir da concordância bíblica revela, porém, sua origem Paulina: o substantivo χάρισμα (*chárisma*) é encontrado 17 vezes no Novo Testamento, com 16 ocorrências no corpus Paulino e somente uma na Primeira Carta de São Pedro (cf. 1P 4,10). Portanto, podemos concluir com segurança que este substantivo é exclusivamente Paulino: o Apóstolo dos Gentios foi o primeiro a utilizar este termo com seu significado propriamente cristão. São Paulo, de fato, sempre procurou cultivar a diversidade dos dons espirituais em várias comunidades cristãs que ele fundou e visitou durante o curso de suas jornadas missionárias (Cf. Romanos 1,11). As palavras inglesas ‘*charism*’ e ‘*charisma*’ obviamente deitam suas raízes na palavra grega χάρισμα (*chárisma*) (sing.)/ χαρίσματα (*charísmata*) (pl.), mas o que precisamente estes termos significam nas Cartas de São Paulo? Em primeiro lugar, uma palavra de advertência é necessária. Durante o curso de minha conferência, ocasionalmente pronunciarei a palavra grega χάρισμα (*chárisma*) em minha discussão acerca dos carismas espirituais. O que não deve induzir a confusão deste substantivo grego com a palavra inglesa *charisma*, ou, sua equivalente portuguesa *carisma*. Apesar destas palavras serem similares, o grego obviamente possui um significado muito diferente. Assim, em minha conferência, quando me referir a palavra grega *chárisma*, pretendo que ela seja compreendida *à la grecque* e não *à la portugaise*. Precisamos começar nossa

the word “charism” quickly enters into our post-conciliar vocabulary, along with the Italian word “aggiornamento” (updating, revision, renewal). For decades, American Jesuits were invited to “work out our aggiornamento” thanks to *Studies in the Spirituality of Jesuits*. Under the able direction of Fr. George Ganss, S.J., the first issue of this new review appeared in September 1969. It represents a significant response on the part of the Society of Jesus in the United States to implement the teachings of Vatican II under the leadership of Fr. Pedro Arrupe, our Superior General at that time.

¹³ O Código de Direito Canônico citando Rom 12:6, que contém a palavra grega *charisma*, e a traduz ao latim coo *Donationes*. Veja-se o Cânôn §577: “*donationes differentes secundum gratiam quae data est*”.

investigação sobre o que São Paulo ensina sobre *carismas* com um breve estudo lexical. Permitam-me começar este ponto de minha intervenção declarando honestamente minha dependência a dois significativos livros sobre este fascinante tópico. O primeiro é *Charisms and Charismatic Renewal* [*Carismas e renovação carismática*] do Pe Francis A. Sullivan S.J., que o publicara 34 anos atrás, enquanto ensinava como professor de Eclesiologia na Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana.¹⁴ O segundo, é uma monografia relativamente recente de Albert Cardinal Vanhoye, S.J., ex-professor e reitor do Instituto Bíblico em Roma, e o secretário anterior da Pontifícia Comissão Bíblica. Sua obra intitulada de *Os carismas no novo Testamento*, em sua nova edição para a série *Analecta Bíblica* foi publicada há cinco anos. Ela exhibe as nítidas habilidades analíticas do autor e, ao mesmo tempo, a crítica penetrante das opiniões duvidosas dos demais exegetas.¹⁵ Um pesquisador mundialmente renomado do Novo Testamento, que se especializou nas Cartas aos Gálatas e na Carta aos Hebreus, Padre Vanhoye, atualmente, residente na enfermaria dos Jesuítas junto a Cúria Geral dos Jesuítas em Roma.

1.2 χάρισμα (*chárisma*) — *um breve estudo semântico*

Iremos agora começar com um breve estudo semântico.¹⁶ O substantivo grego χάρισμα (*chárisma*) é derivado do verbo χαρίζομαι (*charízomai*), “dizer ou fazer algo gratuitamente (para alguém)” “demonstrar generosidade a alguém” “dar um presente (a alguém)”. O sufixo –μα expressa o resultado de uma ação, neste caso o resultado da ação de doação, i.e., o dom. O verbo também dá nascimento a outro substantivo, χαρισμός (*charismós*), palavra muito mais rara que significa “a ação de fazer ou conceder um favor”, “a ação de dar um dom ou presente” (aqui o substantivo é criado por adição do sufixo –μός). No primeiro século, falantes gregos no Império Romano compreendiam facilmente o significado de χάρισμα (*chárisma*) e tão simples como seu entendimento é o seu lugar em seu campo semântico. Em resumo, χάρισμα (*chárisma*) está intimamente

¹⁴ Cf. F.A. SULLIVAN, *Charisms and Charismatic Renewal. A Biblical and Theological Study*, Ann Arbor 1982.

¹⁵ Cf. A. VANHOYE, *I carismi nel Nuovo Testamento*, AnBib 191, Rome 2011.

¹⁶ Cf. A. VANHOYE, *I carismi nel Nuovo Testamento*, 32-35.

relacionado ao verbo do qual deriva, i.e. χαρίζομαι (*charízomai*), bem como a seu primeiro primo linguístico, o substantivo χαρισμός (*charismós*). Outras palavras relacionadas também podem ser encontradas na árvore geneológica de χάρισμα (*chárisma*): χάρις (*cháris*) “graça”, εὐχαριστῶ (*eucharistṓ*) (“agradecer”, “dar graças”), junto com εὐχαρίστος (*eucharístos*), χαριστερίον (*charisteríon*) e εὐχαριστία (*eucharistía*), outra palavra grega que atualmente também pertence a nosso vocabulário pós-conciliar, como também o verbo χαίρειν (*chaírein*) “alegrar-se” e χάρα (*chára*) “alegria”. Consequentemente, as palavras inglesas “*charism*” e “*charisma*” provém do grego χάρισμα (*chárisma*), uma palavra que sempre manteve seu significado geral de “dar alguma coisa por generosidade”, “o efeito de um ato de benevolência”, “um presente generoso”, “um presente livremente e graciosamente dado”. Nas traduções ao inglês dos decretos do Concílio Vaticano II, encontramos a tradução “graça especial”.¹⁷ No Novo Testamento, o substantivo χάρισμα (*chárisma*) refere-se exclusivamente aos dons divinos que estão relacionados a Deus, O Pai, Jesus Cristo (o filho) ou o Espírito Santo. Em outras palavras, seres humanos não são capazes de dar χαρίσματα (*charísmata*) um ao outro, como sendo isso uma iniciativa estritamente divina. Muitas de nossas modernas traduções, traduzem χάρισμα (*chárisma*) como “dons gratuitos” (cf. RSV, NRSV, NJB, ESV), apesar da tradução da Bíblia Católica norte Americana, i.e., a *Nova Bíblia Americana*, e a versão Protestante a *Nova Versão Internacional* frequentemente traduzem-na simplesmente por ‘dom’. No entanto, como o grego possui uma outra palavra para presente, δωρεά (*dōreá*), e São Paulo também usa estes substantivos em suas Cartas, penso ser pertinente, por uma questão de clareza, fazer uma distinção entre estes dois conceitos. Assim, com o propósito de capturar a relação linguística entre os substantivos gregos χάρισμα (*chárisma*) e χάρις (*cháris*) “graça”, gostaria de propor outra possível tradução do termo χάρισμα (*chárisma*): “dom gracioso”. O adjetivo inglês “*gracious*” [expressando a graça divina], obviamente deriva do substantivo ‘*graça*’, e assim esta tradução ajudará a nos lembrar da essencial função da graça Divina para a teologia de São Paulo, em geral, e para o estudo do carisma, em particular.

¹⁷ Cf. F.A. SULLIVAN, *Charism and Charismatic Renewal*, 12-13. O autor propõe outra possível tradução de *charísmata* como “dons-graça [grace-gifts]” (*Ibid.*, 29).

1.3 As ocorrências de χάρισμα (*chárisma*) no Novo Testamento

Agora outra observação introdutória antes de analisarmos o texto bíblico: onde precisamente o substantivo χάρισμα (*chárisma*) ocorre no *corpus Paulino*?

¹⁸ Nós assinalamos abaixo que o substantivo aparece 16 vezes. Χάρισμα (*chárisma*) de fato é encontrada somente em 05 (cinco) das Cartas de Paulo: Primeira Carta a Coríntios, Segunda Carta a Coríntios, Carta aos Romanos, Primeira Carta a Timóteo e Segunda Carta a Timóteo. As primeiras três epístolas são seguramente autênticas, tendo sido escrita por Paulo em carne e sangue, enquanto a autenticidade Paulina das duas últimas é parte de um vigoroso debate na atualidade por Biblistas que preferem colocá-la entre as Cartas Pastorais, epístolas que foram mais provavelmente escritas no início do segundo século. O termo ocorre somente uma vez em Segundo Coríntios (Cf. 2Cor 1,11), Primeiro Timóteo (Cf. 1Tm 4,14) e Segundo Timóteo (Cf. 2Tm 1,6), mas χάρισμα (*chárisma*) é encontrado mais frequentemente nas duas Cartas ProtoPaulinas remanescentes: seis vezes na Carta aos Romanos (Cf. ROM 1,11; 5,15, 16; 6,23; 11,29; 12,6) e sete vezes na Primeira Carta aos Coríntios (Cf. 1Cor 1:7; 7:7; 12:4, 9, 28, 30, 31). Num esforço de limitar nossa obra para os propósitos desta conferência, decidi focar somente numa Epístola, daí o subtítulo de minha fala: *Um estudo do termo χάρισμα (chárisma) à luz de 1Cor 12,1-11*. Em resumo, Primeiro Coríntios merece nossa plena atenção, primeiramente porque sete ocorrências do termo χάρισμα (*chárisma*) são encontradas nestas páginas. De fato, o capítulo 12 oferece a mais informativa e instrutiva perícopé acerca de χάρισμα (*chárisma*) em todo o Novo Testamento, e em nenhuma outra passagem Paulina ocorre com a mesma frequência. Em 1Cor 12 o substantivo é encontrado no plural cinco vezes, duas vezes no início do capítulo (Cf vv.4,9) e três vezes no final (Cf. vv. 28,30,31). Assim, ao longo deste importante texto, o fundador da Igreja em Coríntios faz questão de insistir na diversidade e pluralidade dos dons graciosos que seus seguidores têm sempre recebido mediante o favor divino. Mas, há uma razão ainda mais importante para nosso

¹⁸ Cf. A. VANHOYE, *I carismi nel Nuovo Testamento*, 35-42.

foco no capítulo 12, e é profundamente teológica: Paulo destaca a relação entre χαρίσματα (*charísmata*) e o Espírito Santo somente em 1Cor 12,1-11. Nesta significativa passagem, Paulo assinala uma clara e distinta função ao Espírito, o qual distribui dons divinos como lhe provém. Como resultado, o χαρίσματα (*charísmata*) pode ser assim entendido como “graciosos dons espirituais”, e assim em linha com nosso entendimento comum dos carismas como dons espirituais, i.e. dons divinos distribuídos pelo Espírito Santo para aqueles que creem em Jesus Cristo. Vamos agora ler o texto Paulino que desejamos analisar e então voltar à breve discussão sobre a ocasião da Primeira Carta aos Coríntios e a composição literária de 1Cor 12 à luz do seu lugar na Carta.

2. Primeira Carta aos Coríntios

2.1 English Translation of 1Cor 12:1-11

| | |
|---|---|
| <p>¹Now in regard to spiritual things/persons, brothers and sisters, I do not want you to be ignorant.</p> | <p>1.A respeito dos dons espirituais, irmãos, não quero que vivais na ignorância.</p> |
| <p>²You know that, when you were pagans, you were constantly attracted and led away to mute idols.</p> | <p>2.Sabeis que, quando éreis pagãos, vos deixáveis levar, conforme vossas tendências, aos ídolos mudos.</p> |
| <p>³Therefore, I want you to know that nobody speaking in the Spirit of God says, “Jesus be accursed,” and no one can say, “Jesus is Lord,” except in the Holy Spirit.</p> | <p>3.Por isso, eu vos declaro: ninguém, falando sob a ação divina, pode dizer: Jesus seja maldito e ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão sob a ação do Espírito Santo.</p> |
| <p>⁴There are different kinds of gracious gifts χαρίσματα (<i>charísmata</i>), but the same Spirit;</p> | <p>4.Há diversidade de dons <i>graciosos</i> χαρίσματα (<i>charísmata</i>), mas um só Espírito.</p> |
| <p>⁵there are different forms of services, but the same Lord;</p> | <p>5.Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor.</p> |
| <p>⁶there are different workings, but the same God who works all of them in all (the brothers and sisters).</p> | <p>6.Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.</p> |
| <p>⁷To each one the manifestation of the Spirit is given for some benefit.</p> | <p>7.A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum.</p> |
| <p>⁸To one is given through the Spirit a message of wisdom; to another a message of knowledge according to the same Spirit;</p> | <p>8.A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, por esse mesmo Espírito;</p> |
| <p>⁹to another (a gift of) faith by the same Spirit; to another gracious gifts χαρίσματα (<i>charísmata</i>) of healing by the one Spirit;</p> | <p>9.a outro, (o <i>dom da</i>) a fé, pelo mesmo Espírito; a outro, a graça [dons <i>graciosos</i>] χαρίσματα (<i>charísmata</i>) de curar as doenças, no mesmo Espírito;</p> |
| <p>¹⁰to another miraculous powers; to another prophecy; to another discernment</p> | <p>10.a outro, o dom de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas;</p> |

| | |
|--|---|
| <p>of spirits; to another varieties of tongues; to another interpretation of tongues. ¹¹And (in) all these things is at work one and the same Spirit, distributing to each one as he wishes.</p> | <p>a outro, por fim, a interpretação das línguas. 11. Mas um e o mesmo Espírito distribui todos estes dons, repartindo a cada um como lhe apraz.</p> |
|--|---|

2.2 A Igreja de Coríntios e os desafios pastorais de Paulo

Existe atualmente um amplo consenso entre os pesquisadores da Sagrada Escritura quanto a correta interpretação do texto Bíblico: é sempre essencial apreciar o contexto cultural e as circunstâncias particulares que ocasionaram seus escritos.¹⁹ Nosso estudo da Primeira Carta aos Coríntios nos permite aplicar o princípio ao texto que nós desejamos interpretar. Paulo ditou cartas pessoais às suas comunidades com o propósito de explicar o seu Evangelho de modo mais detalhado e a exortar seus destinatários a viverem as suas novas vidas em Cristo, em maior conformidade com os valores do Evangelho. O fundador da Igreja em Coríntios escreve esta carta longa e substancial a partir de Efesos, capital da província da Ásia, em algum momento da primavera antes da festa de Pentecostes (cf. 1Cor 16,8). Mas em qual ano? A data proposta atualmente pelos exegetas oscila entre os anos 52-57. Pessoalmente, prefiro a datação posterior por ser conforme a tradicional cronologia da vida de Paulo. Joseph A. Fitzmyer escreve em seu comentário: “A carta que é ordinariamente chamada “Primeiro Coríntios” foi escrita desde Éfesos perto do final do ministério de três anos de Paulo lá, ou perto do final de 56 DC ou, mais provavelmente, ao início do ano 57 DC, antes de Pentecostes”.²⁰ No início de sua epístola, nos capítulos 1-4, o remetente da carta já havia advertido sua comunidade sobre os perigos dela ser dividida e separada em grupos e facções. Um verso em particular capta suas palavras de advertência para a Igreja: “Rogo-vos, irmãos e irmãs, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que todos estejais em pleno acordo e que não haja entre vós divisões, mas que vós viveis unidos, no mesmo espírito e no mesmo propósito” (1Cor 1,10). Parece que os cristãos de Corinto compartilharam os mesmos valores de consumo de seus concidadãos graças à economia de mercado de sua próspera

¹⁹ Cf. A. VANHOYE, *I carsismi nel Nuovo Testamento*, 53-56.

²⁰ J.A. FITZMYER, *First Corinthians*, 48.

cidade comercial.²¹ Como resultado, grupos e indivíduos buscaram se constituir às custas da comunidade e do bem comum. No inglês contemporâneo, poderíamos dizer que os habitantes de Corinto, a despeito de seu batismo em Cristo, ainda estavam fora d'Ele.

Para que possamos compreender corretamente nossa passagem (1Cor 12,1-11), temos que lê-la no contexto literário mais amplo, especificamente como introdução ao amplo bloco de texto como se encontra nos capítulos 12-14. Paulo revela suas intenções específicas somente ao final desta longa passagem quando ele descreve o problema pastoral atual da Igreja de Corinto que necessitava de sua intervenção apostólica: “ Quando, Irmãos e Irmãs? Quando vocês se reunirão, quem dentre vós tem um cântico, um ensinamento, uma revelação, um discurso em línguas, uma interpretação” (1Cor 14,26). Com estas palavras, Paulo simplesmente sugere de modo implícito a questão particular que estava causando todos os problemas em sua Igreja. O qual passa a soletrar em seu comando conclusivo: “que todas as coisas sejam feitas para edificação” (1Cor 14,26) em acréscimo a suas instruções que seguem em falar em línguas e profecia. Em síntese, Paulo está criticando o comportamento dos Coríntios que se reúnem para celebrar a ceia do Senhor. Parece que entre eles falar em línguas tornou-se uma sorte de símbolo de status entre os cristãos desta cidade Greco-Romana, muito consciente de seu status.²² Em suma, ele não está fundamentalmente preocupado com suas vidas pessoais, como Cristãos ou com suas preces individuais. Ao invés disso, o que perturba o Apóstolo são suas reuniões com sua comunidade e a tendência destas em dar-lhes mais oportunidade para disputar e competir uns com os outros, por ciúme e rivalidade. Foi de fato sua competição desenfreada e as suas lutas, pobres de espírito, por superioridade, que puseram em risco a unidade de sua comunidade e a boa ordem de sua adoração como uma Igreja. Seu comportamento negativo engendrou confusão, atrito e conflito, enquanto Paulo desejava ensinar-lhes a importância crucial da clareza, da harmonia e da unidade. Parece que os

²¹ Em seu excelente comentário, A.C. Thiselton explica o papel importante que a economia de mercado de Corinto tinha sobre os valores morais de seus moradores, especialmente no que diz respeito ao seu esforço cada vez maior para o bem-estar financeiro e status social. Parece que muitos na jovem comunidade cristã de lá ainda compartilhavam esses valores e, assim, trouxe este espírito de competição a todos os assuntos espirituais. Cf. ID., *The First Epistle to the Corinthians*, 3-4.

²² Cf. R.F. COLLINS, *First Corinthians*, 442.

Coríntios estavam especialmente empenhados em mostrar dois de seus dons gratuitos, i.e. falar em línguas e profecia. Paulo, de sua parte, quer valorizar a importância destes dois dons do Espírito Santo, mas o faz colocando-os dentro de um contexto litúrgico e teológico mais amplo. Embora sejam de fato importantes, outros *χαρίσματα* (*charísmata*) são até mais importantes, como aqueles dados aos indivíduos que proferem mensagens de sabedoria e conhecimento e que realizam milagres e curas. O que constitui a comunidade sempre deve ter precedência sobre o que constitui o indivíduo. Paulo reforçará esta noção de "edificação" ainda mais no capítulo 14, onde o verbo ocorre três vezes (ver 1Cor 14, 4 [2x], 17) e o substantivo ocorre quatro vezes (1Cor 14, 3, 5, 12, 26). Chegará o dia em que as profecias cessarão e os dons de línguas serão silenciados (1Cor 13,8), Paulo os convida a se concentrar nas virtudes que permanecerão: a fé, a esperança e o amor, "e o maior destes é o amor" (1 Cor 13,13). O capítulo 13, talvez a mais famosa e amada passagem de todo o *corpus* Paulino, ilustra o padrão retórico chamado de "elogio" [*encomium*], definido por Merriam-Webster como "uma expressão literária de brilhante e calorosamente entusiástico louvor". Neste capítulo central, Paulo personifica a virtude do amor ao próximo e elogia seu exercício entre os crentes em Jesus Cristo. Em resumo, todos os diferentes *χαρίσματα* (*charísmata*), verdadeiros dons autênticos do Espírito dado a certos indivíduos, devem ser sempre revalorizados e reavaliados à luz das três virtudes teológicas dadas por Deus a todos os Cristãos, graças a nosso batismo comum em Jesus Cristo.²³ Numa palavra, o amor é duradouro enquanto os carismas são efêmeros.

2.3 A composição literária de 1Cor 12,1-11 e seu lugar 1Cor 12–14

Nossas observações e insights podem nos ajudar a trazer mais sentido a 1Cor 12-14 e apreciar sua composição concêntrica (A, B, A').²⁴

A. Dons espirituais em geral: diversidade e unidade

12:1-30

B. Amor é o mais importante de todos

13:1-

13

²³ Para mais informação sobre a ocasião do escrito de Primeiro Coríntios e a composição de sua comunidade, cf. S.N. BRODEUR, *Il cuore di Cristo è il cuore di Paolo: Studio introduttivo esegetico-teologico delle lettere paoline*, Theologia 11, Rome 2013, 63-72.

²⁴ Cf. A. VANHOYE, *I carismi nel Nuovo Testamento*, 50-53.

A'. Dois dons espirituais em particular: falar em línguas e profecia
14:1-40

A composição concêntrica é também espelhada em cada um dos três capítulos.

Introdução sobre Dons espirituais e primeira explanação

12:1-3

a. Um espírito, diferentes Dons graciosos

12:4-11

b. Um corpo, diferentes membros

12:12-27

a'. Na Igreja, diferentes posições e Dons

12:28-30

Conclusão-transição: de *charismata* a excelência

12:31

a. Dons espirituais são inúteis sem valor

13:1-3

b. Boas qualidades do amor

13:4-7

a'. O amor permanece, outros Dons passam

13:8-13

1. Doutrina: Comparação de valores

14:1-25

a. da Glossolalia Inferior à Profecia (inutilidade interna)

14:1-5

b. Insuficiência da glossolalia

14:6-19

a'. da Glossolalia Inferior a Profecia (inutilidade externa)

14:20-25

2. Praxis: papéis para a assembleia cristã

14:26-40

–Transição, as assembleias

14:26

a. Papéis para a Glossolalia e Profecia

14:27-

33

b. Papéis para a mulher

14:34-

35

a'. Concluindo Injunção e re-assunção de a.

14:36-40

2.4. Uma leitura rápida de 1Cor 12:1-14²⁵

A interpretação da breve introdução (vv.1-3) do capítulo tem provado ser muito problemática, para muitos exegetas, dado que a conexão entre os três versos não é de todo claro. No entanto, o v.1 apresenta claramente o tema que Paulo quer desenvolver nos próximos três capítulos: “Agora em respeito aos dons espirituais” e a fórmula introdutória usada aqui aparece de modo frequente na carta (cf. 1Cor 7,1, 25; 8,1; 12,1; 16,1, 12). A transição antitética entre o fim do v.1 “Não quero que viveis na ignorância” e o início do v.2 “Sabeis que ...” permite a Paulo louvar seus destinatários pelo que eles sabem e instruí-los sobre o que eles ainda não o sabem. A figura da antítese,²⁶ bem conhecida dos falantes gregos da época, permeia a explicação do Apóstolo das realidades espirituais. A fórmula revelada no v.1 com a dupla negativa, “Eu não quero que você seja ignorante” oferece um fino exemplo da figura retórica do lítotes,²⁷ a qual serve para destacar seu desejo de ensinar sua igreja acerca dos assuntos espirituais de um modo detalhado e compreensivo. Infelizmente, o texto grego do v. 2 é incerto e ainda põe um desafio para a crítica textual. De toda forma, este exemplo de antítese retórica se presta para ampliar o contraste forte entre as experiências religiosas próprias dos Coríntios: no passado, como pagãos, eles adoravam “ídolos mudos”, mas agora, graças ao Evangelho, adoram no “Espírito de Deus/Espírito Santo” (v.3) e oram ao Senhor como filhos e filhas do “Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1,9). Notamos no v.3 ainda outro contraste concorrente entre dois slogans dos Coríntios, a fórmula de louvor “Jesus é o Senhor” (signo distintivo da identidade Cristã e profissão positiva da autêntica Cristologia; cf. Romanos 9,3) e a fórmula da blasfêmia “Jesus seja amaldiçoado”. Todos os crentes que professam Jesus como Senhor o fazem através do poder do Espírito Santo.

²⁵ Cf. R.F. COLLINS, *First Corinthians*, 445-457; R. FABRIS, *Prima lettera ai Corinzi*, 167-170; J.A. FITZMYER, *First Corinthians*, 453-473; F.A. SULLIVAN, *Charism and Charismatic Renewal*, 29-39.91-150; A. VANHOYE, *I carismi nel Nuovo Testamento*, 55-108.

²⁶ “Este tipo de estilo é agradável, porque os contrários são facilmente compreendidos e ainda mais quando postos lado a lado, e também porque a antítese se assemelha a um silogismo; para a refutação é dado um conjunto de contrários”. (ARISTOTLE, *Art of Rhetoric*, 3.9.8).

²⁷ Merriam-Webster define isso como um “eufemismo no qual uma afirmativa é expressa pelo negativo do contrário (como em: “não um cantor ruim “ou” não infeliz ”).” Paulo tinha acabado de dar um exemplo desta figura em 1Cor 11:22, “nisto eu não te louvo”. Para um outro exemplo de frase, “Não quero que você seja ignorante” no *corpus* Paulino, cf. 1Ts 4:13.

Nas próximas três sentenças declarativas (vv.-6), o Apóstolo inicia sua apresentação da experiência de vida Cristã no Espírito com três diferentes substantivos de modo paralelo, i.e. “dons graciosos χαρίσματα (*charísmata*)” (v. 4), “serviços διακονία (*diakonía*)” (v. 5) e “funcionamento do poder divino ἐνεργήματα (*energémata*)” (v. 6), todos os três no plural. Paulo conecta-os com as três Pessoas da Trindade, cada uma no singular “O mesmo Espírito” (v.4), “o mesmo Senhor” (v.5) e “o mesmo Deus” (v.6). Já que em outros momentos do capítulo Paulo atribui estes três carismas, primeiro ao Espírito (12:11), e então a Deus (cf. 12:28), parece melhor interpretar a fórmula Trinitária como um modo de enfatizar a origem divina de χαρίσματα (*Charísmata*). Sem dúvida, “Espírito” representa a palavra-chave dos vv. 4-11; sua ocorrência no v. 4 e no v.11 serve para formar uma *inclusio*, a construção de um vínculo que delimita esta subunidade do que precede e do que se segue. Como é usual para o Apóstolo, o título “Senhor” aqui claramente se refere a Jesus Cristo: o Espírito, o Senhor e Deus (o Pai), em perfeita intenção e harmonia, enriquecendo ativamente a Igreja com inúmeras bênçãos divinas. Novamente o autor usa a figura da antítese, desta vez para contrastar a pluralidade de carismas tão livremente distribuídos entre os Coríntios e a única fonte divina da qual todos brotam. O paralelismo das três sentenças, portanto, ressalta a similaridade da relação interna dos três pares, ou seja, a relação entre diversidade e identidade. O substantivo plural χαρίσματα (*charísmata*) no v. 4 repetido no v. 9, prende nossa atenção para o propósito de minha exposição hoje. Como já fizemos notar, é um termo unicamente Paulino que, no plural, transmite como Deus distribui seus muitos dons graciosos de modo diversos e diferenciados. Nos vv. 7-10 Paulo fornece uma lista de dons graciosos que ilustram suas declarações em v.4. O tema da diversidade e da diferença é acentuado pela repetição de “um/outro” (a palavra grega ἄλλος (*állos*) ocorre cinco vezes e ἕτερος (*héteros*) duas), enquanto o tema contrastante da uniformidade e unidade é enfatizado pela repetição do substantivo “Espírito” (o substantivo grego πνεῦμα (*pneuma*) ocorre 5 vezes). “Para um/para outro”, por isso, enfatiza mais a ideia de distribuição que a ideia de universalidade. Para os diferentes χαρίσματα (*charísmata*) corresponde ao verbo “dado” (repetido duas vezes no texto, primeiro em v.7 e novamente em v.8, mas entendido como em conjunto com cada dom particular listado), um exemplo clássico do passivo divino que revela habilmente a natureza do

“Espírito” que proporciona estes dons graciosos a certos crentes em Cristo. Alguns Cristãos recebem “a manifestação do Espírito” (v.7), i.e. a expressão externa do Espírito, tanto para o seu próprio bem, como para o bem da Igreja. Neste sentido, um χάρισμα (*chárisma*) é igualmente útil para a pessoa que o recebe, uma vez que constrói seu relacionamento com Deus e assim serve para enriquecer a família de Deus. O sintagma grego πρὸς τὸ συμφέρον (*pròs tò sumphéron*) é melhor traduzido “por algum benefício”, “por algum proveito”, dado que todos os vários carismas são destinados a serem úteis a construção da comunidade, i.e. a edificar a Igreja. Em vv.8-10 Paulos lista nove distintos carismas, cada um atribuído pelo Espírito Santo, em duas categorias: os dois primeiros e os últimos quatro concernem a linguagem, enquanto os três centrais χαρίσματα (*charísmata*) envolve atividade (2 + 3 + 4). Assim a ordem concêntrica: A. palavra, B. escritura, A' palavra serve para refletir a composição concêntrica mais ampla do texto circundante (tanto 1Cor 12 em si mesmo como 1Cor 12-14 como um todo). A figura retórica da repetição sublinha a absoluta acumulação dos dons graciosos dado aos Coríntios, mostrando assim a importância da lista, ela mesma, em oposição as definições claras e distintas de cada carisma particular (este não é o objetivo de Paulo aqui, tanto como gostaríamos que fosse).

Os dois primeiros χαρίσματα (*charísmata*), “mensagem λόγος (*lógos*) de sabedoria” e “mensagem λόγος (*lógos*) de conhecimento” (v.8), buscam a conexão entre “mensagem/palavra” e “sabedoria” que Paulo já havia feito no início de Carta. A palavra do conhecimento oferece um *insight* acerca da realidade (cf. 8,4), enquanto a palavra de sabedoria de Deus (cf. 2,7) refere-se àquela sabedoria divina que foi uma vez escondida pelos líderes do mundo, mas que agora foi revelada pelo evento Cristo. De fato, Paulo identifica a sabedoria de Deus com Cristo Jesus em 1Cor 1,30.²⁸ Os próximos três carismas, “fé”, “cura” (v.9) e “poderes milagrosos” (v.10), dizem respeito a fazer, i.e. pôr alguma coisa em ação. O primeiro, fé carismática πίστις (*pístis*), não é o tipo geral que justifica os pecadores (Rom 1,17) e, como tal, é próprio de todos os Cristãos, mas sim a

²⁸ "Uma "mensagem de sabedoria" provavelmente seria uma declaração manifestando alguma nova visão sobre o mistério da redenção através de Cristo. As cartas de Paulo nos oferecem inúmeros exemplos de tais "palavras de sabedoria", na forma de *insights* de Paulo sobre o plano de salvação para os gentios". (F.A. SULLIVAN, *Charism and Charismatic Renewal*, 32).

fé particular que opera milagres. Este carisma pode mover montanhas (cf. 1Cor 13,2b; Mt 17,20) e fazer o coxo andar (Cf. Atos 3,6). O segundo, o dom de Curas $\chi\alpha\rho\acute{\iota}\sigma\mu\alpha\tau\alpha\ \acute{\iota}\alpha\mu\acute{\alpha}\tau\omega\upsilon\upsilon$ (*charísmata iamátōn*) é mencionado três vezes neste capítulo (Cf. 12,9, 28, 30), sublinhando assim sua importância para o apóstolo Paulo. Cada ato particular de cura é ele mesmo um carisma distinto. O terceiro, a operação de feitos de poder $\acute{\epsilon}\nu\epsilon\rho\gamma\acute{\eta}\mu\alpha\tau\alpha\ \delta\upsilon\nu\acute{\alpha}\mu\epsilon\omega\upsilon$ (*energēmata dunámeōn*), descreve milagres e exorcismos. Estes poderes milagrosos chamam a atenção para a atividade poderosa de Jesus e de seus discípulos, assim como a própria atividade de Paulo (cf. Atos 19,11-12; Rom 15,19; 2Cor 12,12). A lista dirige-se para o fim com mais quatro carismas relacionados à fala: "profecia", "discernimento de espíritos", "variedades de línguas" e "interpretação de línguas". A profecia $\pi\rho\omicron\phi\eta\tau\epsilon\acute{\iota}\alpha$ (*prophēteía*) é um discurso inspirado, inteligível, que provém do Senhor e que edifica a comunidade. Dado que ele constitui e ensina a congregação, a profecia é superior ao dom de línguas. O discernimento dos espíritos $\delta\iota\alpha\kappa\rho\acute{\iota}\sigma\epsilon\iota\varsigma\ \pi\nu\epsilon\upsilon\mu\acute{\alpha}\tau\omega\upsilon$ (*diakríseis pneumátōn*) é o dom gracioso que permite ao seu receptor julgar se as palavras que falam de profecia são inspiradas pelo Espírito Santo ou pelo espírito maligno. Finalmente, com respeito às variedades de línguas $\gamma\lambda\omega\sigma\sigma\alpha$ (*glōssa*), Paulo está descrevendo uma espécie de oração que é articulada, mas ininteligível, conseqüentemente um discurso que precisa ser interpretado e explicado aos outros. Para ele, falar em línguas é benéfico principalmente no culto privado. A ininteligibilidade deste dom gracioso conduz ao carisma final mencionado, isto é, a interpretação das línguas. Por fim, no capítulo 14, o fundador da Igreja de Coríntios deixa explícito as normas para o exercício destes correlatos dons graciosos: "Se há quem fala em línguas, não falem senão dois ou três, quando muito, e cada um por sua vez, e haja alguém que interprete. Se não houver intérprete, fiquem calados na reunião, e falem consigo mesmos e com Deus" (1Co 14,27-28). O fato de Paulo pôr a glossolalia no final de sua lista serve para criticar seus destinatários, que valorizaram excessivamente este dom particular e se vangloriaram sobre isso um para o outro em excesso. Para o Apóstolo dos Gentios, [a glossolalia] não é o dom mais singular, nem o mais importante. Por conseguinte, este é o propósito desta *perícopé*. Finalmente no v.11, Paulo conclui seu curto ensinamento acerca dos $\chi\alpha\rho\acute{\iota}\sigma\mu\alpha\tau\alpha$ (*charísmata*) com um ponto essencial de sua pneumatologia: "um e o mesmo Espírito" age livremente, como "quer", sempre em conformidade com a

vontade de Deus e sempre para o bem geral da Igreja. A capacidade providencial de distribuição dos dons absolutamente gratuitos pelo Espírito exclui a possibilidade de que qualquer forma de divisão ou desunião na comunidade de Coríntios encontre sua origem em Deus. Assim, no v.1-11, “O Espírito” ou “o Espírito de Deus”, ou “Um e o mesmo Espírito”, é o único protagonista que realiza ambas, a unidade e a diversidade no Corpo de Cristo, graças à sua autoridade divina, a qual, provém do próprio Deus.

3. Concluindo as reflexões sobre os Carismas à luz de 1Cor 12:1-11

Em conclusão, permito-me inicialmente sumarizar alguns importantes pontos examinados no curso desta conferência e que podem oferecer algumas sugestões acerca de como poderíamos aplicar o ensinamento de Paulo ao Coríntios para a Igreja de nosso tempo.

Primeiro, alguns achados significativos. Dado que Paulo utiliza o termo técnico χάρισμα (*chárisma*) exclusivamente em referência aos dons divinos, e posto que o termo χάρισμα (*chárisma*) expressa uma clara relação com a graça de Deus, proponho “*dons gratuitos*” como uma tradução possível para o idioma Inglês. Em resumo, os carismas pertencem à ordem da graça e, enquanto tal, não devem ser confundidos com dons naturais, talentos ou situações humanas ordinárias (como sua raça, sexo, condição social, profissão, etc.). A principal característica deste termo técnico é que ele descreve uma graça especial dada a alguns membros da Igreja, porém não a todos, para um benefício e proveito específico. Enquanto tal, χάρισμα (*chárisma*) não deve ser confundido com a graça recebida por todo cristão no momento do batismo. A grande diversidade dos dons gratuitos revela a superabundância da vida divina que Deus quis comunicar aos seguidores de Jesus através da atividade do Espírito Santo. Graças a nossa rápida leitura de 1Cor 12,1-11, nós observamos que Paulo sublinha a função essencial do Espírito Santo na doação dos carismas de um modo bem peculiar no *corpus* Paulino. O Espírito é ativo, energético e muito dinâmico; ele faz o que apenas Deus pode fazer, e assim ele é de fato o Espírito de Deus (Cf. Rom 8,9a), o Espírito de Cristo (cf. Rom 8,9b). O Espírito Santo trabalha duro, estimulando os crentes a cooperar com Ele para o bem da Igreja e do mundo. Os múltiplos e distintos carismas não são causa para rivalidade e

competição na comunidade, mas sim, motivo de alegria e gratidão entre todos os irmãos e irmãs. O Espírito livremente distribui seus diversos dons gratuitos assim como atrai os crentes para um amor maior (cf. 1Cor 13), mais genuína “vida e paz” (Cf. Rom 8,6) e mais autêntica justiça, “porque o Reino de Deus não é um assunto de alimento e bebida, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rom 14,17). Os Coríntios (e todos de Coríntios, para esta matéria) estão unidos num único “Corpo de Cristo”. O Espírito nos estimula a nos tornarmos cada vez mais o que nós já somos, i.e. sempre mais em amor, oração e serviço. O Espírito distribui dons gratuitos como ele escolhe, não como nós escolhemos, e convida os fiéis a utilizá-lo livremente por amor. Deus trata seus filhos e filhas adotivos como adultos e os chama a cooperar com ele em seu plano de salvação. Do ponto de vista da escatologia Paulina, 1Cor 12,1-11 descreve a dimensão “já” da atividade divina na Igreja. O Espírito Santo já está trabalhando, transformando-nos na Nova Criação que alcançará sua completa realização no Dia do Senhor, quando Cristo retornar glorioso. Através da doação de dons espirituais, o Espírito renova e enriquece constantemente e confiantemente a Igreja de Deus, o Corpo de Cristo.

O que essas descobertas nos dizem, e o que elas poderiam nos oferecer hoje? O cardeal Suenens, cujo famoso discurso Conciliar sobre a importância dos carismas na Igreja ajudou a moldar o parágrafo n. 12 da Constituição acerca da Igreja (*Lumen Gentium*), nos diz em suas congratulações ao importante livro do Pe Sullivan “No Concílio nós sublinhamos a importância e a perenidade, assim como o caráter atual do aspecto carismático da Igreja”.²⁹ Acredito que é um imperativo para nós hoje, cinquenta anos após o Concílio Vaticano II, fazer suas as nossas palavras. Os muitos dons gratuitos são importantes para a Igreja, universal e local, em todas as épocas, pois é através deles que o Espírito renova continuamente o Corpo da Igreja. A Renovação Carismática, enquanto movimento claramente guiado pelo Espírito Santo, constitui um dom para todos os batizados, na medida em que revela a generosidade e a atividade ilimitadas do Espírito na vida de tantos membros do Corpo de Cristo. Muitos dons gratuitos têm sido verdadeiramente derramados pelo Espírito para o benefício deste movimento, assim como para o benefício de toda a Igreja. Dada esta realidade eclesial, a

²⁹ Léon Joseph Cardinal SUENENS, “Forward,” in *Charisms and Charismatic Renewal*, 7.

contínua renovação e o constante *aggiornamento* são crucialmente importantes para todos os crentes, i.e. para todos os batizados (clérigos e o povo leigo em conjunto) e necessitamos manter sempre uma atitude positiva e receptiva aos numerosos e diversos dons e atividades. Esta variedade extraordinária, posto que vem de Deus, não é um problema a ser solucionado – é um dom a ser aceito e celebrado pelo bem da Igreja – não uma ameaça a neutralizar – de fato, o efetivo ministério de quem como nós, os clérigos, são indubitavelmente dependentes dele. Conscientes de tudo isto, penso que o Senhor continua a convidar-nos, os Cristãos (Católicos, Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes) a terem mais consciência do papel essencial das virtudes teologais da fé, da esperança e do amor em nossas vidas. Como o Apóstolo Paulo escreve em sua Carta aos Romanos: “O Deus da esperança vos encha de toda a alegria e de toda a paz na vossa fé, para que pela virtude do Espírito Santo transbordeis de esperança!” (Rom 15,13). Em síntese, é essencial para nós recuperar e renovar a alegria e a paz acreditando que o Deus da Esperança está constantemente comunicando a vida nova e um novo dinamismo à Igreja através do Espírito Santo. Em sua exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco – citando o Cardeal Newman e o Papa Bento XVI – adverte-nos sobre o perigo da desertificação espiritual no mundo atual. Em minha opinião suas palavras se aplicam plenamente a todos nós.

86. É verdade que, nalguns lugares, se produziu uma «desertificação» espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem construir sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs. Lá, «o mundo cristão está a tornar-se estéril e se esgota como uma terra excessivamente desfrutada que se transforma em poeira». Noutros países, a resistência violenta ao cristianismo obriga os cristãos a viverem a sua fé às escondidas no país que amam. Esta é outra forma muito triste de deserto. E a própria família ou o lugar de trabalho podem ser também o tal ambiente árido, onde há que conservar a fé e procurar irradiá-la. Mas «é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós, homens e mulheres. No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança». Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi

precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, Se nos entregou como fonte de água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!

Cinquenta anos atrás, durante o Concílio Vaticano II, os Católicos Romanos sentiram-se entusiasmados pela nova fonte de Água Viva oferecida pelo Espírito Santo e exuberantemente regozijaram-se quando nossa Igreja lançou-se para uma terra mais fértil e produtiva. Como, então, deixar para trás os desertos espirituais recentes descritos pelos Papas Bento XVI e Francisco? Espero que a minha intervenção tenha nos ajudado a lembrar da necessidade urgente de uma Nova Evangelização, assim como da extraordinária dignidade da nossa vocação de cristãos. Deus o Pai, através dos dons graciosos do Espírito Santo, está sempre em ação para benefício do Corpo de Cristo.

Obrigado por vossa gentil atenção!

BIBLIOGRAFIA

- ARISTOTLE, *Art of Rhetoric*, LCL 193, Cambridge 1926. [Retórica]
- BRODEUR, S.N., *Il cuore di Cristo è il cuore di Paolo: Studio introduttivo esegetico-teologico delle lettere paoline*, Theologia 11, Rome 2013. [O coração de Cristo é o coração de Paulo: estudo introdutivo exegetico-teológico das Cartas paulinas]
- COLLINS, R.F., *First Corinthians*, Sacra Pagina 7, Collegeville 1999. [Primeiro Coríntios]
- FABRIS, R., *Prima Lettera ai Corinzi: Nuova versione, introduzione e commento*, I libri biblici. NT 7, Milan 1999. [Primeira Carta aos Coríntios: nova versão, introdução e comentário]
- FITZMYER, J.A., *First Corinthians: A New Translation with Introduction and Commentary*, AncYB 32, New Haven – London 2008. [Primeira Carta aos Coríntios: nova tradução com introdução e comentário]
- FRANCIS, Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, Vatican City State 2013. [Exortação Apostólica *Alegria do Evangelho*]
- SUENENS, L.J., “Forward,” in *Charisms and Charismatic Renewal*, by F.A. SULLIVAN, Ann Arbor 1982, 7-8. [“Avante” nos Carismas e na renovação carismática]
- SULLIVAN, F.A., *Charism and Charismatic Renewal: A Biblical and Theological Study*, Ann Arbor 1982. [Carismas e renovação carismática: um estudo bíblico e teológico]
- THISELTON, A.C., *The First Epistle to the Corinthians: A Commentary on the Greek Text*, NIGTC, Grand Rapids 2000. [A primeira Carta aos Coríntios: um comentário do texto grego]
- VANHOYE, A., *I carismi nel Nuovo Testamento*, AnBib 191, Rome 2011. [O carismas no Novo Testamento]

Prisc(il)a e Áquila, amados cooperadores do apóstolo Paulo.

Os testemunhos distintos, porém, complementares do *Corpus Paulino* e dos *Atos dos Apóstolos**

Desde a primeira geração de missionários cristãos até os dias atuais, homens e mulheres trabalharam juntos em parceria familiar para proclamar a Boa Nova de Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. A colaboração genuína na missão compartilhada de evangelização, sempre exigiu muito trabalho e muito sacrifício, um sincero desejo de partilhar e compartilhar novas noções, apesar dos limitados meios financeiros, bem como uma atitude fraternal de apoio e cooperação em relação a métodos e propósitos comuns e complementares. O Novo Testamento, mais especialmente o *corpus Paulino* e os *Atos dos Apóstolos*, apresentam numerosos exemplos heroicos dos primeiros discípulos de Jesus Cristo, dando ampla evidência de como juntos, ambos, uniram forças para a causa e divulgação do Evangelho de Deus.

A minha conferência, hoje, concentra-se em particular em dois desses missionários estelares, Áquila e Prisca/Priscila. “*Priskilla* é uma forma do adjetivo latino feminino *prisca*, que significa 'primitivo ou antigo', enquanto *Akylas* é uma forma do cognome latino (apelido) (*sic*) *Aquila*, que significa 'águia’”.³⁰ Entre os mais conhecidos casais do cristianismo primitivo, eles são dois dos cooperadores mais amados do Apóstolo Paulo e colaboradores confiantes em Cristo Jesus. Áquila era um comerciante judeu de Ponto na Ásia Menor, enquanto sua esposa judia Priscila era provavelmente de Roma.³¹ Cada um deles tinha nomes romanos na forma grecizada e provavelmente nasceram livres.³² Examinando os dados relevantes contidos nas *Cartas Paulinas* e nos *Atos*, procuraremos apreciar mais plenamente suas vidas frutíferas e seu ministério dedicado como cristãos-judeus perseguidos na Igreja nascente. Na

* Tradução de Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa, Degislando Nóbrega de Lima e Sérgio Sezino Vasconcelos Douets, ambos da UNICAP/PE.

³⁰ M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila*. Paul's Coworkers in Christ Jesus (Paul's Social Network: Brothers and Sisters in Faith, Collegeville 2010) xiii.

³¹Cf. B. WITHERINGTON III, *Paul's Letter to the Romans*. A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians (Grand Rapids – Carlisle 1995) 385.

³² Cf. R.F. COLLINS, *First Corinthians* (Sacra Pagina 7, Collegeville 1999) 608.

sequência, nos esforçaremos para entender melhor as semelhanças e diferenças entre as fontes *paulinas* e *lucanas*, uma variação de dados que já é óbvia em relação ao nome desse intrépido missionário: Paulo consistentemente se refere a ela como Prisca, enquanto Lucas prefere chamá-la de Priscilla, ou seja, "*Pequena Prisca*". Esta é uma variação insignificante de estilo, ou melhor, a diferente nomenclatura deseja transmitir algo significativo sobre esta influente mulher?

Procedendo em ordem cronológica, começaremos nosso estudo considerando o testemunho tríplice da literatura paulina. Em segundo lugar, vamos nos voltar para o triplo testemunho de Lucas em seus *Atos dos Apóstolos*, a fim de obter mais informações sobre esse casal notável. Em terceiro lugar, tentaremos sintetizar as duas multifacetadas descrições bíblicas, na esperança de chegar a um esboço composto dessa fascinante equipe de marido e mulher, esforçando-se para apreciar melhor as vidas corajosas e as ações desinteressadas desses cristãos do primeiro século, na esperança de tirar importantes lições para a Igreja na atualidade. Começemos, então, com os dados mais antigos disponíveis para nós acerca de Prisca/Priscila e Áquila, contidos nas epístolas de Paulo de Tarso.

1. O testemunho de Paulo

O *Corpus Paulino* de fato, contém três referências distintas a este proeminente casal: cf. 1Cor 16:19; Romanos 16: 3-5; 2 Timóteo 4:19. Já que os exegetas concordam que *Primeiros Coríntios* e *Epístola aos Romanos* são textos autenticamente paulinos - ou seja, as duas missivas foram certamente ditadas pelo próprio Apóstolo, nessa ordem cronológica, ao longo de suas viagens missionárias nos anos 50 - começemos nosso estudo com estas duas cartas incontestáveis de Paulo. No entanto, a terceira menção a *Prisca e Áquila* é encontrada na *Segunda Carta a Timóteo*, uma das Cartas Pastorais. Embora escrito pelo Deutero-Paulo, a saber, por um cristão bem-educado que escreveu em nome de Paulo muito depois da morte do apóstolo dos Gentios, este versículo também oferece algumas informações úteis sobre esses dois queridos co-missionários. Embora o contexto histórico de cada Epístola seja único, todas as três micro-unidades compartilham um contexto literário similar. Encontrados

no capítulo final de cada Carta Paulina, estes breves perícopes constituem parte das mensagens finais e saudações aos seus destinatários (no caso da Primeira Epístola aos Coríntios e Romanos) ou ao destinatário (no caso da Segunda Epístola a Timóteo). Além disso, notamos que o Apóstolo de Tarso apresenta os nomes de seus amigos casados em ordem diferente: em 1Cor 16:19 ele se refere a eles como “Áquila e Prisca”, começando aqui com o nome do marido, enquanto em Romanos 16.3 e II Timóteo 4:19, ele os relaciona como "Prisca e Áquila", começando com o nome da esposa. Novamente, esta diferença é meramente estilística, ou já revela algo significativo sobre o seu ministério compartilhado com Paulo em nome do Evangelho? Vamos agora nos voltar para os textos relevantes para descobrir mais.

1.1 *As Passagens de um Paulo incontestável: 1Cor 16:19 and Rom 16:3-5*

1.1.1 1Cor 16:19

Ἀσπάζονται ὑμᾶς αἱ ἐκκλησίαι τῆς Ἀσίας.
ἀσπάζεταιται ὑμᾶς ἐν κυρίῳ πολλὰ Ἀκύλας καὶ Πρίσκα σὺν τῇ κατ’ οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίᾳ.

As igrejas da Ásia enviam suas saudações.

Áquila e Prisca, junto com a igreja de sua casa, enviam muitas saudações ao Senhor.

O Apóstolo Paulo escreveu *I Coríntios* de sua base em Éfeso, um movimentado centro urbano do outro lado do Mar Egeu, na cidade de Cencrêia, movimentado porto oriental de Corinto. Tanto Corinto como Éfeso eram capitais de suas respectivas províncias romanas, a primeira na Acaia e a segunda na Ásia, e ambas as populosas cidades desempenharam papéis centrais na épica história da proclamação e divulgação do Evangelho por parte de Paulo e seus cooperadores mais próximos. Além de passar muito tempo nas costas ocidental e oriental do mar Egeu, Áquila e Prisca também têm a honra de ser listados entre os primeiros seguidores de Jesus na capital do império, como veremos abaixo em nossa discussão sobre a *Epístola aos Romanos*. Embora essa opinião não seja mantida unanimemente, muitos pesquisadores do Novo Testamento acreditam que nosso casal fugiu de Roma como resultado da proclamação do

Édito de Cláudio³³ em 49 dC., Judeus apanhados no tumulto cívico na cidade [Urbe], presumivelmente também, Prisca e Áquila, foram forçados a fugir para as províncias para sua própria segurança e sobrevivência. Fazendo seu caminho para o leste, este casal judeu-cristão estabeleceu-se em Corinto, onde logo conheceram Paulo, aproximadamente, em 51 dC, durante o curso de sua segunda viagem missionária.

Uma vez que vamos buscar mais detalhes de sua história em nossa análise de Atos 18 e *seguintes*, por enquanto, é suficiente assinalar que Áquila e Prisca continuaram a trabalhar para ganhar a vida como fazedores de tendas enquanto estavam em Corinto. Junto com Paulo e os outros irmãos e irmãs na Acaia, os cônjuges também se uniram de todo coração em sua tarefa comunitária de hospitalidade e evangelização a serviço daquela Igreja local. Isso provavelmente continuou até o dia em que alguns companheiros judeus atacaram Paulo a respeito de assuntos relacionados à lei mosaica e o levaram a Gálio, o procônsul da Acaia, que quase imediatamente se recusou a julgar seu caso (cf. At 18:18). Quando Paulo deixou Acaia para Éfeso, a fim de continuar seu trabalho de evangelização, ele foi acompanhado por Prisca e Áquila; Logo os três encontraram um novo lar na movimentada capital da Ásia, um dos principais centros urbanos do Império Romano. Como esse casal era tão conhecido dos dois lados do mar Egeu, ver 1Cor 16:19, Paulo transmite aos Coríntios uma saudação também deles, bem como de todos os irmãos e irmãs que adoram com eles em sua Igreja em Éfeso. Parece que, pouco depois de escrever a Primeira Epístola aos Coríntios em Éfeso, o Apóstolo dos Gentios viajou para o leste, para Cesaréia Marítima e Jerusalém, e então retornou à sua base em Antioquia, na Síria (cf. Atos 18: 19-22). Enquanto isso, o casal acabou indo para o oeste e voltou para sua casa em Roma, onde, sem dúvida, se reconectaram com muitos amigos queridos e continuaram a oferecer hospitalidade a mais irmãos e irmãs no Senhor. Como veremos, na próxima seção onde trataremos da Epístola aos Romanos, Prisca e Áquila são os primeiros cristãos na capital do Império a serem recebidos pessoalmente pelo nome (cf. Rom 16: 3-5a). Graças as suas muito longas viagens pelo Evangelho, o missionário de Tarso era um homem em casa, na estrada e no mar. Ele agora

³³ Cf. SUETONIUS, *Claudius* 25.4; OROSONIUS, *Historiarum libri septem*, 7.6.15-16; PL 31, 1075B.

encontrava em seus companheiros cristãos, Prisca e Áquila, judeus de inclinação semelhante, co-missionários que eram igualmente indiferentes a um lugar particular de domicílio e, portanto, sempre prontos a seguir em frente pela Boa Nova.³⁴

Selando as várias saudações e seu próprio adeus final com um beijo sagrado, Paulo conclui sua longa missiva aos Coríntios com um esperado epílogo (cf. 1 Cor 16,19-24). Em seu comentário, B. Witherington III destaca que o encerramento de Cartas de Paulo revela a extensa rede de apoio do Apóstolo entre seus companheiros cristãos. Em particular, ele observa que “muitos cristãos primitivos eram altamente móveis, por exemplo, Priscila e Áquila. Isso embaça a distinção entre oficiais congregacionais locais e líderes viajantes, porque alguns parecem se encaixar em ambas as categorias”.³⁵ Em 1Cor 16:19, a menção de saudações pessoais na terceira pessoa mostra essa fascinante indefinição de limites e, portanto, merece mais investigação de nossa parte (Ἀσπάζονται está no plural enquanto ἀσπάζεται está no singular, denotando o par Aquila e Prisca, ambos os verbos estão no modo indicativo e são seguidos imediatamente pelo pronome pessoal ὑμᾶς em referência aos Coríntios). Além disso, este verso ostenta outra composição concêntrica (A, B, A'), uma característica tão comum nesta Epístola (cf. por exemplo, capítulos 12, 13 e 14). Notamos que (A) Paulo começa mencionando as Igrejas da Ásia, αἱ ἐκκλησίαι τῆς Ἀσίας, presumivelmente a de Éfeso, sua capital, juntamente com as de suas cidades vizinhas.³⁶ Ele então (B) faz menção pessoal ao nosso casal, Ἀκύλας καὶ Πρίσκα, seguido por (A'), outra referência a uma comunidade local, desta vez especificamente à própria Igreja de Áquila e Prisca, σὺν τῇ κατ' οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίᾳ, a saber, os irmãos e irmãs que adoram com eles em sua casa no Dia do Senhor. “Estas são as primeiras referências a grupos de cristãos reunidos para o culto em casas individuais”.³⁷ Um casal trabalhando em meio a muitas

³⁴ For much of this historical reconstruction of events, cf. R.F. COLLINS, *First Corinthians* (cf. n. 3) 607-609.

³⁵ B. WITHERINGTON III, *Conflict and Community in Corinth* (cf. n. 2) 322.

³⁶ The sender had already made mention in his letter of these particular communities located in various locales around the province of Asia. Cf. 1Cor 7:17; 11:16; 14:33, 34; 16:1. J.A. Fitzmyer suggests as possibilities the churches of Colossae, Hierapolis, Laodicea (Col 1:2; 2:1; 4:13) as well as the six mentioned in Rev 1:11 (Smyrna, Pergamum, Thyatira, Sardi, Philadelphia, Laodicea). Cf. ID., *First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary* (AncYB 32, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1998) 627.

³⁷ J.A. FITZMYER, *First Corinthians* (cf. n. 7) 628. For more information about the essential role of the house church in the Pauline communities, cf. V. BRANICK, *The House Church in the Writings*

comunidades ativas na Ásia, eles formaram um casal comprometido de cristãos a realizar um serviço distinto de sua própria Igreja Local, em particular. O agrupamento geral de igrejas locais rodeava a província e sua própria igreja particular localizada precisamente na capital; a própria comunidade de crentes que se inseriam Áquila e Prisca, este casal muito especial agindo com um generoso serviço para seus companheiros discípulos - os muitos e o um, o plural e o singular, agora florescem harmoniosamente na comunhão de fé. Cada filho e filha de Deus encontra o seu lugar único na grande família fraterna de todos aqueles que foram redimidos por Jesus Cristo. ἐν κυρίῳ destaca a dimensão cristológica de sua saudação, enquanto πολλὰ captura sua natureza generosa e expansiva. Em inglês, é melhor traduzido como “muitas saudações”, em harmonia com o NAB.

1.1.2 Rom 16:3-5a

³ Ἀσπάσασθε Πρίσκαν καὶ Ἀκύλαν τοὺς συνεργούς μου ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ, ⁴ οἵτινες ὑπὲρ τῆς ψυχῆς μου τὸν ἑαυτῶν τράχηλον ὑπέθηκαν, οἷς οὐκ ἐγὼ μόνος εὐχαριστῶ ἀλλὰ καὶ πᾶσαι αἱ ἐκκλησίαι τῶν ἐθνῶν, ⁵ καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίαν.

³ Saudai a Prisca e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, ⁴ que arriscaram seus pescoços por minha vida, a quem não somente dou graças, mas também a todas as Igrejas dos Gentios; ⁵ (cumprimenta) também a igreja em sua casa.

No capítulo final da Carta aos Romanos, as saudações pessoais do remetente da Carta abrangem treze versos e incluem mais de duas dúzias de nomes, com pelo menos dezesseis pessoas escolhidas de uma forma única (cf. Rom 16: 3-16).³⁸Desfrutando o orgulho do lugar, os dois primeiros a serem mencionados são os amados co-missionários com quem Paulo trabalhou em Corinto, a saber, Prisca e Áquila, nessa ordem, talvez “com base em seu estado social mais elevado do que seu marido ou mais proeminente na igreja”.³⁹A

of Paul (Zacchaeus Studies: NT, M.A. Getty, ed., Wilmington 1989); R.W. GEHRING, *House Church and Mission. The Importance of Household Structures in Early Christianity* (Peabody 2004); H. MOXNES, ed., *Constructing Early Christian Families. Family as Social Reality and Metaphor* (New York 1997).

³⁸ Along with the majority of NT exegetes writing today, I believe that chap. 16 is both authentic and an integral part of Romans. It was neither a later addition nor a letter or recommendation originally intended for the church of Ephesus. This opinion was already vigorously defended by K.P. Donfried back in 1977. Cf. Id., “A Short Note on Romans 16” (in Id., ed., *The Romans Debate*, Minneapolis 1977) 60.

³⁹ B. WITHERINGTON III, *Paul's Letter to the Romans* (cf. n. 2) 385.

saudação de Paulo para este casal não é apenas a primeira em toda a lista, mas também é a mais detalhada e desenvolvida. Como B. Byrne opina de modo perspicaz: "É bastante provável que esses cristãos de origem judaica (cf. Atos 18: 2) formaram a vanguarda da aproximação e acesso de Paulo a Roma".⁴⁰ Em Romanos 16:3-16, Paulo nomina cinco homens (Áquila, Urbano, Andronico, Apeles e Rufuo) e sete mulheres (Prisca, Junia, Maria, Trifena, Trifosa, Pérside e a mãe de Rufo). Dado o fato de que os nomes das mulheres superam os dos homens nesta passagem, podemos afirmar com segurança que o Apóstolo dos Gentios escolheu sublinhar o papel essencial e proeminente que muitas mulheres desempenharam no florescente ministério da evangelização da igreja primitiva.⁴¹ Os dois nomes próprios Πρίσκαν καὶ Ἀκύλαν constituem os objetos diretos do verbo Ἀσπιάσασθε, conjugados aqui no modo imperativo, na segunda pessoa no plural. O verbo é mencionado explicitamente no início do versículo 3 e é implicitamente entendido no mesmo lugar no versículo 5a. Em resumo, o Apóstolo ordena aos seus destinatários em Roma que cumprimentem afetuosamente e com muita ternura os seus amigos mútuos no Senhor.⁴² Os comandos são elegantemente expressos por meio de outra sofisticada composição concêntrica. Enquanto o versículo 3 (A) menciona Prisca e Áquila especificamente colocando-os no topo da lista, o versículo 5a (A') também faz uma menção inequívoca da comunidade de irmãos e irmãs que adoram com o casal em sua casa.⁴³ Entre os dois grupos a serem cumprimentados ("Prisca e Áquila", v. 3; "a igreja em sua casa", v. 5a) encontra-se o versículo 4 (B), o qual contém, uma descrição sincera e pessoal por parte de um Paulo agradecido aos co-missionários que "arriscaram seus pescoços" por ele (ὑπὲρ τῆς ψυχῆς μου).

A expressão idiomática τὸν τράχηλον ὑποτιθέναι significa, literalmente, "abaixar o pescoço", ou seja, arriscar a vida de alguém por causa do genuíno autosacrifício; é um hápax no Novo Testamento, ressaltando assim a incomoridade da generosidade heróica e altruísta do casal, uma bondade e virtuosidade que é também reconhecida por muitos outros irmãos e irmãs, καὶ

⁴⁰ B. BYRNE, *Romans* (Sacra Pagina 6, Collegeville 1996) 452.

⁴¹ Cf. F.J. MATERA, *Romans* (Paideia. Commentaries on the NT, Grand Rapids 2010) 340.

⁴² Cf. B. WITHERINGTON, *Paul's Letter to the Romans* (cf. n. 2) 379-380.

⁴³ Cf. B. BYRNE, *Romans* (cf. n. 11) 452: "the church in their house: For this formula, see also 1Cor 16:19; Phlm 2; also Col 4:15. 'house' (*oikon*) could refer either to a 'household' (collection of persons gathered around one significant family) or to the physical building in which members of the household and associates met."

πᾶσαι αἱ ἐκκλησίαι τῶν ἐθνῶν. Numa palavra, Paulo não é o único a agradecer ao Senhor por sua caridade e retidão, mas também a todas as Igrejas Gentias (πᾶσαι). O adjetivo é surpreendente, pois evoca quantidade e unanimidade - esse intrépido casal era amado por todos na Igreja primitiva.

O versículo 3 contém outros ricos detalhes que merecem nossa atenção. O remetente da carta descreve Prisca e Áquila como seus “cooperadores em Cristo Jesus”, literalmente τοὺς συνεργοὺς μου ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ

Ao chamá-los de seus “colaboradores” (*synergous*), um termo que ele freqüentemente emprega [...] Paulo os identifica como evangelistas que trabalharam ao lado dele na pregação do evangelho. Eles são especialmente queridos por Paulo, e por todas as Igrejas Gentias entre as quais eles trabalharam, porque arriscaram suas vidas por Paulo. Onde e quando, Paulo não diz. Mas, dadas as muitas dificuldades que Paulo suportou (2 Co 11: 23-28), eles teriam muitas oportunidades de ajudá-lo. A saudação de Paulo à “igreja em sua casa” é o primeiro uso da *ekklēsia* em referência aos cristãos em Roma.⁴⁴

O substantivo plural συνεργοὺς em referência ao nosso casal é seguido pelo pronome pessoal singular μου em referência a Paulo, ressaltando assim a qualidade pessoal da relação entre os três missionários. O substantivo συνεργός, um “colega de trabalho, companheiro ajudante”, aparece apenas treze vezes no Novo Testamento, com doze ocorrências no *Corpus Paulino*⁴⁵: o substantivo era claramente muito querido por Paulo, e ele o usou para descrever apenas os seus mais próximos e amados colaboradores no ministério da evangelização.⁴⁶ Assim como os Doze foram para Jesus, o foram esses cooperadores no ministério para as igrejas gentílicas para o apóstolo Paulo: confiáveis, fiéis e - acima de tudo - amados companheiros auxiliares.

1.2 Deutero-Paul: 2Tim 4:19

Ἄσπασαι Πρίσκαν καὶ Ἀκύλαν καὶ τὸν Ὀνησιφόρου οἶκον.
Saudações a Prisca e Áquila e a casa de Onesíforo.

⁴⁴ B. BYRNE, *Romans* (cf. n. 11) 340-341.

⁴⁵ For the sole example outside the Pauline corpus, cf. 3Jo 1:8.

⁴⁶ In addition to Rom 16:3, cf. Rom 16:9 (in reference to Urbanus); Rom 16:21 (in reference to Timothy); 1Cor 3:9 (in reference to Apollos); 2Cor 1:24 (in reference to Silvanus, Timothy and the Corinthians); 2Cor 8:23 (in reference to Titus); Phil 2:25 (in reference to Epaphroditus); Phil 4:3 (in reference to Euodia, Syntyche, Clement and others); Col 4:10-11 (in reference to Aristarchus, Mark, Jesus called Justus); 1Thess 3:2 (in reference to Timothy); and Phlm 1 (in reference to Philemon) and Phlm 24 (in reference to Mark, Aristarchus, Demas and Luke).

Este pequeno versículo da Segunda Epístola a Timóteo constitui a saudação final da Carta (o oposto de Romanos 16, em que nosso casal é o primeiro a ser mencionado na lista de saudações de Paulo aos Romanos). De várias maneiras, II Timóteo 4:19, parece assemelhar-se a uma confluência de Romanos 16: 3a e 5a, já que se omite a longa descrição pessoal do casal e sua generosa caridade em relação a Paulo contida em Romanos 16: 3b-4. O verbo ἄσπασαι está no modo imperativo, como também o é em Romanos 16:3, mas em II Timóteo 4:19, está conjugado na segunda pessoa do singular para corresponder ao único destinatário da Carta, o Apóstolo Timóteo. Em II Timóteo 4:19 o verbo de fato tem três objetos diretos: Prisca e Áquila⁴⁷ e τὸν Ὀνησιφόρου οἶκον, o último merecendo nossa atenção. A expressão “casa de Onesíforo” omite a menção ao substantivo ἐκκλησία, que se encontra em Romanos 16:5 (τὴν κατ’ οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίαν), deixando assim de fora o elemento eclesial essencial de seu conagraçamento comunitário. Em suma, Timóteo é instruído a cumprimentar apenas Prisca e Áquila. Onesíforo, por sua vez, foi um dos benfeitores estimados de Paulo; seu nome ocorre aqui pela segunda vez na Carta, tendo sido mencionado primeiro em II Timóteo 1:16, “Que o Senhor conceda misericórdia à família de Onesíforo (τῷ Ὀνησιφόρου οἴκῳ) porque muitas vezes ele me deu um novo coração e não se envergonhou. Na verdade, o substantivo próprio comum Ὀνησίφορος, que se traduz em inglês como “trazendo lucro”, é muito raro no Novo Testamento, ocorrendo apenas duas vezes em todo o *Corpus Paulino* e ambos as vezes apenas em Segundo Timóteo (cf. 1:16; 4:19). Em cada caso, Ὀνησίφορος está intimamente associado com o substantivo οἶκος para descrever um agrupamento familiar ou família (em oposição a uma casa, casa particular ou local de moradia). Da mesma forma, como observamos acima, as famílias também são mencionadas nas saudações finais das duas Cartas Paulinas autênticas que analisamos: 1Cor 16:19 e Rom 16: 5. Como no caso de outros patronos generosos da Igreja nascente, Onesíforo

⁴⁷ Like most NT scholars today, B. Fiore argues against the Pauline authorship of 2 Timothy. In his commentary on this verse, he notes that the mention of the couple’s names echoes back to the first generation of believers when a wife shared in her husband’s privilege of co-hosting a small community of fellow Christians in their home. Fiore points out that in the case of this Pastoral Letter, “the station codes of Timothy and Titus would exclude Prisca from such an activity as this. Cf. Id., *The Pastoral Epistles* (Sacra Pagina 12, Collegeville 2007) 187.

também teria estado em posição de hospedar muitos irmãos e irmãs em sua casa quando sua comunidade local rezasse junto no Dia do Senhor.

1.3 *Resumo da influência de Prisca e Áquila na Igreja Primitiva consoante o testemunho Paulino*

Após ter examinado essas três breves micro-unidades do Paulo inquestionável e do Deutero-Paulo, como podemos melhor sumarizar os dados mais significativos sobre sua apresentação acerca de Prisca e Áquila? Embora esses textos sejam breves, no entanto, cada passagem bíblica transmite uma grande quantidade de informações úteis sobre a identidade desse casal, sua missão e seu relacionamento com Paulo e com seus irmãos em Cristo. O Apóstolo dos Gentios claramente considerava os seus amigos casados em alta estima e, por isso, procurou aclamar pessoalmente e publicamente as suas Cartas aos Coríntios, aos Romanos e ao seu amado irmão Timóteo.

Após meses de colaboração em Corinto para a causa do evangelho, Paulo decidiu zarpar para Éfeso em sua companhia com a clara intenção de envolvê-los intimamente em seu novo ministério na Ásia (cf. At 18, 18-19). A essa altura, os três fabricantes de tendas tinham chegado para formar uma equipe ministerial unida, e o missionário de Tarso os conhecia bem - e mais importante - sabia que podia contar com eles para os muitos desafios que ele sabia que os aguardavam na província da Ásia. Uma vez que ele se estabeleceu em Éfeso e recebeu a palavra do povo de Chloe sobre a situação crítica e divisória em Corinto (cf. 1Cor 1: 11-17), Paulo ditou sua *Primeira Epístola aos Coríntios* com a esperança de expor mais seus ensinamentos e restaurar a unidade através da comunidade fraturada na capital da Acaia. No final desta longa Carta, ele escolheu incluir a saudação de Prisca e Áquila aos seus destinatários (cf. 1Cor 16,19), muito provavelmente como meio de ajudar os coríntios a lembrar o papel singular que o casal desempenhou na formação da fé da comunidade. Tais boas lembranças de seu amado irmão e irmã no Senhor teriam tocado especialmente aqueles cristãos em Corinto que se reuniram na casa do casal no Dia do Senhor para a celebração da Eucaristia. Meses depois, quando era hora de novamente seguir em frente, Paulo enviou seus queridos amigos de volta a Roma, seu querido lar, antes que o Édito de Cláudio os obrigasse a fugir da cidade. A Carta

aos Romanos revela que ele os considerava seus confiáveis “cooperadores em Cristo Jesus” (Rm 16: 3). Cumprimentando tanto o casal quanto os membros de sua igreja doméstica na cidade [Urbe], Paulo mostra claramente que ele tinha vindo a saber sobre o seu ministério contínuo em nome do "Evangelho de Deus" (Rm 1: 1) e desejava apresentá-los como exemplos “a todos os amados de Deus em Roma, chamados a serem santos” (Rm 1:7). Ele claramente elogia seu amor e lealdade expressando sua gratidão para com eles, pois eles “arriscaram o pescoço” (Rm 16: 4) por sua vida.

Décadas mais tarde, mas ainda escrevendo em nome de Paulo, o autor da Segunda Epístola a Timóteo elogia similarmente esse casal. Nesta carta, o Deutero-Paulo descreve Prisca e Áquila ministrando com o apóstolo Timóteo em Éfeso, assim como o par tinha feito com o próprio Paulo. O tema da lealdade à causa de Cristo permanece presente: enquanto "todos os que estão na Ásia se afastaram de mim" (2 Timóteo 1:15; cf. 4: 9-10), não é assim com Lucas: "Só Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, porque me é bem útil para o ministério"(2 Timóteo 4:11). Além disso, como observamos acima, nas saudações finais da Epístola, o Deutero-Paulo começa sua lista de nomes cumprimentando este amado casal (cf. 2 Timóteo 4:19), assim como Paulo fez em carne e osso no mesmo ponto de seu próprio Epílogo pessoal em Romanos. Em síntese, Prisca e Áquila ainda eram reverenciados por seus companheiros cristãos décadas depois de suas mortes. Consciente desta estima e afeição por parte de Paulo e pelos discípulos em Corinto, Éfeso e Roma, o Deutero-Paulo também procurou elogiá-los e oferecê-los como bons exemplos a seguir para seus próprios contemporâneos. Sua inabalável lealdade a Paulo e a grande estima que desfrutavam como seus cooperadores conseguiram inspirar uma nova geração de discípulos ao enfrentarem a impiedade e a aflição angústia dos “últimos dias” (cf. II Timóteo 3: 1-9).

2. O testemunho de Lucas

Após estudar cuidadosamente os três textos relevantes do *Corpus Paulino*, voltamos nossa atenção para o valioso testemunho de Lucas em Atos dos Apóstolos. Notavelmente, sua descrição desse casal também é narrada em três micro-unidades separadas, porém interconectadas: cf. Atos 18: 1-3, 18-19,

26-27. O evangelista provavelmente compôs o segundo volume de sua obra em 80-85 dC com a intenção de apresentar “a origem apostólica da comunidade cristã e a difusão do testemunho apostólico sobre a palavra de Deus”.⁴⁸ Antes de empreender uma leitura atenta de cada texto, contudo, é essencial que primeiro apreciemos Atos 18: seu lugar na história lucana de Paulo e, mais especificamente, em sua narração das segundas e terceiras jornadas missionárias de Paulo, bem como na composição geral do capítulo.

Como não há acordo entre os estudiosos sobre as linhas gerais de Atos, nós prontamente adotamos o proposto por J.A. Fitzmyer, que baseia suas próprias divisões no versículo programático da obra, *i.e.* 1:8 (em que o Senhor ressuscitado comissiona seus discípulos para testemunhar a ele em Jerusalém, toda a Judéia, Samaria e "até os confins da terra"). Fitzmyer, em seguida, descreve as sete partes principais de Atos, todas desenvolvendo o tema do testemunho e afirmação cristã durante o percurso até Roma, a capital do mundo então civilizado.⁴⁹ Atos 18 é encontrado no meio da longa história de Paulo, isto é, Atos 9: 1-28: 31, e relata a conclusão de sua segunda viagem missionária (Atos 15: 41-18: 22) e o começo do terceiro (Atos 18: 23-20: 38). Quanto à composição geral de Atos 18, Fitzmyer subdivide este capítulo em três subseções: nos vv. 1-17, Paulo evangeliza Corinto e é levado diante de Gálio; nos versículos de 18-22, Paulo volta a Antioquia (estas passagens concluem a segunda jornada); e nos versículos de 23-28, Apolo ensina em Éfeso e Acaia (esta perícopa inicia a terceira jornada).⁵⁰ A primeira micro-unidade referente a Áquila e Priscilla, *i.e.*, versículos de 1-3, começa a primeira subseção do capítulo sobre o ministério de evangelização de Paulo (18: 1-17); o segundo texto no par, *i.e.*, versículos de 18-19, começa a segunda subseção do capítulo sobre a viagem de retorno de Paulo a Antioquia (18: 18-22); e a terceira micro-unidade, *i.e.*, versículos de 26-27, conta como esse casal instrui Apolo na fé (18: 23-28). Assim, no curso de apenas um capítulo denso e detalhado, Lucas retrata Priscila e Áquila como cooperadores confiáveis de Paulo e Apolo, enfatizando o papel

⁴⁸ J.A. FITZMYER, *Acts of the Apostles. A New Translation with Introduction and Commentary* (AncB 32, New Haven – London) 59.

⁴⁹ Cf. J.A. FITZMYER, *Acts of the Apostles* (cf. n. 20) 120.

⁵⁰ According to J.A. Fitzmyer, Acts 15:36–22:21 forms section VI, which he entitles “Paul’s Universal Mission and Testimony.” He further divides it into two parts: A. Paul’s Further Missionary Journeys (15:36–20:38) and B. Paul in Jerusalem (21:1–22:21). Cf. *Id.*, *Acts of the Apostles* (cf. n. 20) 122.

central que este casal desempenhou como missionários itinerantes no trabalho pela causa do Evangelho, tanto nas costas ocidental como na oriental do altamente movimentado Mar Egeu.

2.1 Atos 18:1-3

¹ Μετὰ ταῦτα χωρισθεὶς ἐκ τῶν Ἀθηνῶν ἦλθεν εἰς Κόρινθον. ² καὶ εὐρών τινα Ἰουδαῖον ὀνόματι Ἀκύλαν, Ποντικὸν τῷ γένει προσφάτως ἐλληλυθότα ἀπὸ τῆς Ἰταλίας καὶ Πρίσκιλλαν γυναῖκα αὐτοῦ, διὰ τὸ διατεταχέναι Κλαύδιον χωρίζεσθαι πάντας τοὺς Ἰουδαίους ἀπὸ τῆς Ῥώμης, προσῆλθεν αὐτοῖς ³ καὶ διὰ τὸ ὁμότεχνον εἶναι ἔμενον παρ' αὐτοῖς, καὶ ἠργάζετο· ἦσαν γὰρ σκηνοποιοὶ τῆ τέχνη.

¹Depois disso, saindo de Atenas, Paulo dirigiu-se a Corinto. ² Encontrou ali um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, e sua mulher Priscila. Eles pouco antes haviam chegado da Itália, por Cláudio ter decretado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo uniu-se a eles. ³Como exercessem o mesmo ofício, morava e trabalhava com eles, eram fazedores de tendas.

Nesta breve micro-unidade, Lucas desenvolve sua narrativa detalhada e fornece aos seus leitores quatro detalhes importantes sobre a identidade de Áquila e Priscila, o local de origem, o comércio e o relacionamento próximo com o apóstolo Paulo. “A atenção a essas questões históricas não deve eclipsar o papel narrativo deste pequeno parágrafo. Áquila e Priscila se juntam às fileiras daqueles que demonstram discipulado, oferecendo hospitalidade a testemunhas cristãs (por exemplo, 10:48; 16:15; 17: 7).”⁵¹ Em sua excelente monografia sobre este importante casal, M.N. Keller resume sucintamente estes fatos essenciais: “Eles são (1) um casal (2) recentemente expulso de Roma (3) que se mudam para Corinto como fazedores de tendas e /ou artesãos de couro e (4) com quem Paulo vive e trabalha”.⁵² Nós agora vamos examinar de perto cada ponto, ponto por ponto.

2.1.1 Áquila e Priscila são um casal

Lucas introduz o casal nomeando primeiro o marido: o nome grecizado Ἀκύλας aparece aqui e novamente nos versículos 18 e 22. Ele é um judeu de Ponto, um porto no Mar Negro, e por isso ele é um judeu da diáspora acostumado a viver entre os gentios. Talvez ele tenha viajado pelo império como um

⁵¹ B.R. GAVENTA, *The Acts of the Apostles* (Abingdon NT Commentaries, Nashville 2003) 256.

⁵² M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 3.

comerciante independente; talvez ele seja um homem livre, um escravo liberto ou escravo: os exegetas continuam a especular sobre seu passado e sobre como e quando ele chegou a Roma. No entanto, uma vez lá, ele encontra “sua esposa Priscila”. Como observamos acima, em nenhuma parte de suas cartas Paulo descreve Prisca e Áquila como um casal. M.N. Keller opina que essa diferença significativa não surpreende: os destinatários de Paulo conheciam o casal e não precisavam ser informados de que eram casados, enquanto a audiência de Lucas, que não conhecia o casal, teria se beneficiado de aprender esse ponto importante sobre seu relacionamento.⁵³ Hoje a maioria dos exegetas concordam que Áquila e Priscila não são escravos, mas duas pessoas livres que são legitimamente casadas entre si.

2.1.2 Áquila e Priscila foram recentemente expulsos de Roma

“Cláudio ordenou a todos os judeus que deixassem Roma” (v. 2b). Os eruditos bíblicos concordam que neste verso Lucas se refere ao decreto de expulsão do imperador Cláudio que baniu os judeus de Roma. Em sua *Vida de Cláudio*, escrito no início do segundo século, o historiador romano Suetônio descreve o decreto imperial desta maneira: “Cláudio expulsou os judeus de Roma que constantemente faziam perturbações por instigação de Chrestus”. Infelizmente, Suetônio não o fez dar uma data para o decreto do imperador, mas no quinto século um historiador cristão fez: de acordo com Paulus Orosius em seu *Historiae adversum paganos*, ocorreu no nono ano do reinado de Cláudio (25 de janeiro de 49 a 24 de janeiro de 50). Essa data, embora não seja aceita por todos os estudiosos, é muito anterior à permanência do apóstolo Paulo em Corinto, entre 50-51 d.C. Quanto à referência de Lucas a “todos os judeus”, a maioria dos exegetas considera isso um exemplo típico de sua hipérbole retórica e, portanto, não deve ser aceito literalmente. Em vez disso, é melhor supor que apenas os líderes da disputa foram expulsos da cidade, certamente não todos os judeus. Se isso for verdade, isso significaria que Áquila e Priscila podem ser contados entre os principais participantes da disputa, revelando assim seu papel de liderança entre os cristãos judeus na cidade [Urbe] já naquela data inicial. “De fato, desde o começo, Priscila e Áquila eram líderes e ativistas pela causa de

⁵³ Cf. M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 4.

Cristo e do evangelho.”⁵⁴ Além disso, esta é a primeira vez que Lucas menciona a cidade de Roma desde a sua descrição da vinda do Espírito Santo sobre a Festa do Pentecostes em Atos 2:10. Para ocorrências posteriores, cf. 19:21; 23:11; 28:14, 16.

2.1.3 Áquila e Priscila foram realocadas em Corinto como fabricantes de tendas

Deixando Roma algum dia em 49 d.C., nosso casal - talvez também na companhia de outros cristãos judeus banidos de Roma - seguiu para o leste rumo a Corinto. É provável que eles tenham caminhado ao longo da Via Appia até chegarem a Brindisi. Eles então atravessaram o mar Adriático de barco e chegaram a Corinto através do porto de Lechaeon. Como a capital da província da Acaia era um centro urbano muito populoso, sem dúvida havia muita necessidade de tendas em residências particulares, bem como de barracas e lojas no fórum. A demanda por tendas teria sido especialmente aguda durante os Jogos Isthmicos que aconteceram em Corinto, na primavera de 49 dC. Lucas descreve os três missionários como “fazedores de tendas” (σκηνοποιοί), um *hapax legomenon* no Novo Testamento. Este substantivo descreve uma pessoa que faz barracas em particular, mas também descreve alguém que trabalha com roupa de cama, lona ou couro em geral. A maioria dos exegetas de hoje acredita que Áquila, Priscila e Paulo trabalharam com couro; eles teriam usado facas para cortar o material e agulhas e linha para costurar juntos.⁵⁵

2.1.4 Paulo viveu e trabalhou com Áquila e Priscila

Uma vez em Corinto, o apóstolo Paulo logo encontrou nosso casal e “ele ficou com eles e trabalhou”. Assim, como M.N. Keller astutamente aponta, Paulo não apenas compartilhou a fé de Áquila e Priscila, mas também a sua casa e seu ofício: “Foi uma tríade imbatível e parte do centésimo prometido pelo evangelho.”⁵⁶ Esse retrato de Paulo trabalhando ao lado de Áquila e Priscila também pode ser inferido de 1 Coríntios 4:12a, no qual o apóstolo escreve, “e nós trabalhamos, trabalhando com nossas próprias mãos”. É interessante notar que o verbo “trabalhar” (ἐργάζομαι) ocorre em ambos os Atos 18:3 e 1Cor 4:12a.

⁵⁴ M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 13.

⁵⁵ Cf. M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 15.

⁵⁶ M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 16.

Com toda a probabilidade, a dupla logo chegou a possuir uma sala simples no térreo ou talvez uma oficina em algum lugar da cidade, possivelmente até perto da ágora central ou em uma rua movimentada, e assim eles tinham os meios para oferecer a hospitalidade a Paulo. Um comércio florescente também implicaria inúmeros clientes, ou pelo menos muitos transeuntes, e assim os três teriam facilmente tido muitas ocasiões para conversar e interagir com todos os tipos de pessoas de todo o império. Podemos apenas especular sobre o número de oportunidades que eles tiveram para anunciar o Evangelho a judeus e gentios. Além disso, a casa de Áquila e Priscila também teria sido um ponto de encontro para outros cristãos, tornando-se assim sua própria igreja. Enquanto reunidos para a Eucaristia, Paulo, sem dúvida, pregou para um e a todos acerca do seu próprio entendimento da Boa Nova de Jesus Cristo.

2.2 Atos 18:18-19

¹⁸ Ὁ δὲ Παῦλος ἔτι προσμείνας ἡμέρας ἰκανὰς τοῖς ἀδελφοῖς ἀποταξάμενος ἐξέπλει εἰς τὴν Συρίαν, καὶ σὺν αὐτῷ Πρίσκιλλα καὶ Ἀκύλας, κειράμενος ἐν Κεγχρεαῖς τὴν κεφαλὴν, εἶχεν γὰρ εὐχὴν. ¹⁹ κατήντησαν δὲ εἰς Ἔφεσον κάκεινους κατέλιπεν αὐτοῦ, αὐτὸς δὲ εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν διελέξατο τοῖς Ἰουδαίοις.

¹⁸ Paulo permaneceu ali (em Corinto) ainda algum tempo. Depois se despediu dos irmãos e navegou para a Síria e com ele Priscila e Áquila. Antes, porém, cortara o cabelo em Cêncri, porque terminara um voto. ¹⁹ Chegaram a Éfeso, onde os deixou. Ele entrou na sinagoga e entretinha-se com os judeus.

Entre os eventos narrados em 18:1-3, 18-19, aproximadamente um ano e meio se passam. Durante este período de dezoito meses, “permanecendo lá por um tempo considerável”, o missionário de Tarso viveu e trabalhou com seus anfitriões Áquila e Priscila (cf. 18:1-3) e continuou a proclamar o Evangelho na Sinagoga de Corinto no sábado. (cf. 18: 4) Em algum momento, no entanto, devido à oposição e hostilidade por parte de alguns de seus companheiros judeus, Paulo é banido de seu lugar de adoração (cf. 18: 6). Como resultado, ele decide pregar em outro lugar, ou seja, na casa particular de Tito Justo (cf. 18: 7), enquanto ainda vive com seus amados cooperadores e amigos Priscila e Áquila. No entanto, nem todos os judeus foram aplacados por esta mudança de local, e por isso trouxeram Paulo diante de Gálio, o procônsul romano, para julgamento. Percebendo que os adversários de Paulo estavam indignados com sua interpretação da lei judaica, o governador decidiu não fazer nenhum julgamento

sobre o caso, efetivamente deixando o apóstolo aos gentios, livre para continuar seu trabalho de evangelização, presumivelmente junto com seus amados amigos no Senhor, Priscila e Áquila. Assim, tendo terminado seu ministério na Acaia, os três missionários, sem dúvida, a pedido de Paulo como parte de sua estratégia missionária,⁵⁷ partiram para a Síria. Talvez, Lucas esteja se referindo a esse lugar geográfico como designação provincial: sua viagem por mar teria terminado em Cesareia Marítima, o porto romano da Palestina, uma parte da província da Síria. É mais provável, no entanto, que Lucas esteja de fato aludindo à Síria, com sua movimentada cidade de Antioquia como destino final⁵⁸ de Paulo. Foi lá, afinal de contas, onde ele havia começado esta sua segunda viagem missionária, na companhia de Silas (cf. 15:40). Como uma viagem marítima de tão longa distância era simplesmente impossível no primeiro século, a viagem de Corinto a Antioquia teve que ser dividida em vários estágios. O primeiro porto importante em que o trio embarcaria era a capital da província da Ásia: “Quando chegaram a Éfeso, ele os deixou lá, enquanto ele próprio entrou na sinagoga e teve uma discussão com os judeus” (18:19). A primeira etapa de sua jornada os levou a um dos maiores e mais prósperos centros urbanos do império, Éfeso, que ostentava uma população de aproximadamente um quarto de milhão de habitantes. O famoso Templo de Artemis atraiu muitos adoradores pagãos de todo o império para a cidade, e os judeus por sua vez formaram um grupo minoritário considerável. Os três temas do versículo 19, “eles (Paulo, Priscila e Áquila) [...] ele (Paulo) [...] ele (Paulo)”, revela Paulo como o iniciador do seu trabalho de evangelização, debatendo com seus companheiros judeus não dúvida sobre a identidade e missão do Cristo. Uma vez que Paulo deixa Éfeso (cf. 18: 18-23), seus amigos casados permanecem e continuam a evangelizar os habitantes da cidade (cf. 18:26). Em seu artigo, F.S. Spencer percebe Priscila e Áquila como trabalhando como Barnabé, Timóteo e Silas, irmãos de confiança e amados de Paulo na causa do Evangelho.⁵⁹

⁵⁷ Cf. J. MURPHY-O’CONNOR, “Prisca and Aquila: Traveling Tentmakers,” (*Bible Review* December 1992) 40-62.50-51.

⁵⁸ Cf. B. WITHERINGTON III, *The Acts of the Apostles. A Socio-Rhetorical Commentary* (Grand Rapids – Cambridge 1998) 556.

⁵⁹ Cf. F.S. SPENCER, “Women of ‘the Cloth’ in Acts.” *Sewing the Word*” (in A.-J. Levine – M. Blickenstaff, ed., *The Feminist Companion to the Acts of the Apostles*, Cleveland: 2004) 152.

2.3 Acts 18:26-27

²⁶ οὗτός τε ἤρξατο παρρησιάζεσθαι ἐν τῇ συναγωγῇ. ἀκούσαντες δὲ αὐτοῦ Πρίσκιλλα καὶ Ἀκύλας προσελάβοντο αὐτὸν καὶ ἀκριβέστερον αὐτῷ ἐξέθεντο τὴν ὁδὸν [τοῦ θεοῦ]. ²⁷ βουλομένου δὲ αὐτοῦ διελθεῖν εἰς τὴν Ἀχαΐαν, προτρεψάμενοι οἱ ἀδελφοὶ ἔγραψαν τοῖς μαθηταῖς ἀποδέξασθαι αὐτόν, ὃς παραγενόμενος συνεβάλετο πολὺ τοῖς πεπιστευκόσιν διὰ τῆς χάριτος·

²⁶Começou [Apolo], pois, a falar na sinagoga com desassombro; como Priscila e Áquila o ouvissem, levaram-no consigo e expuseram-lhe mais profundamente o caminho do Senhor. ²⁷Como ele quisesse ir à Acaia, os irmãos animaram-no e escreveram aos discípulos que o recebessem bem. A sua presença (em Corinto) foi de muito proveito para os que haviam crido pela graça de Deus.

Com estes dois versos, Lucas fornece um detalhe muito importante sobre o ministério do nosso casal em Éfeso: juntos eles ensinam Apolo, um judeu de Alexandria, “um homem eloqüente, versado nas escrituras” (18:24). Priscila e Áquila “o tomaram de lado e lhe explicaram o Caminho (de Deus) com mais exatidão” (18:26). Parece que ele já estava bem informado sobre o Senhor Jesus, mas apenas em parte, porque ele conhecia apenas o batismo de João”(18:25). Portanto, o casal, agora ciente dessa lacuna de Apolo em sua compreensão de sua fé comum em Cristo, decide abordar esse defeito ensinando-lhe o evangelho com mais precisão. Dos dois cônjuges, Lucas nomeou Priscila primeiro. Ao longo dos séculos, muitos comentaristas interpretaram que isso significa que ela atua como a principal tutora de Apolo. Esta é a opinião de uma autoridade como João Crisóstomo, que escreve em seu comentário sobre Atos: “Ele partiu para a Síria [...] e com ele, Priscila - Lo, uma mulher também - e Áquila. Mas ele deixou estes em Éfeso. Com boa razão, a saber, para que ensinassem” (Homilia 40 sobre os Atos dos Apóstolos [18,18]). M.N. Keller observa que, ao tomar Apolo de lado em particular, talvez até mesmo em sua própria casa, Priscila e Áquila agem discretamente e "mostram seu sentido diplomático e pastoral".⁶⁰ Por não desafiá-lo em público, o casal evita qualquer ocasião de vergonha ou embaraço a seu respeito, preservando assim sua honra e bom nome entre seus companheiros cristãos tanto na Ásia quanto, em última instância, também na Acaia. Isso, por sua vez, teria ajudado a preparar o caminho para uma recepção calorosa por parte dos coríntios, uma vez que o professor de Alexandria - ele mesmo ensinado por Priscila e Áquila, amados

⁶⁰ M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 25.

amigos e cooperadores de Paulo - navega para o oeste até a outra margem do Mar Egeu. Por último, notamos em 18:27 que os irmãos e a irmã de Éfeso escreveram uma carta ou recomendação aos seus irmãos em Corinto em nome de Apolo. Esta foi uma prática estabelecida entre a primeira geração de cristãos; cf. Rm 16: 1; 2Cor 3: 1; Col 4:10. Em seu comentário B.J. Malina - J.J. Pilch destacou o papel essencial que essas cartas representavam no mundo mediterrâneo naquela época: "Esta carta asseguraria a outros parentes fictícios (companheiros na fé) em outras regiões que esse viajante (um estranho para eles) merecia ser recebido de modo hospitaleiro e não precisava ser 'testado' de acordo com as regras culturais para se estender a hospitalidade".⁶¹

2.4 Síntese da influência de Priscila e Aquila na Igreja Primitiva de acordo com o Testemunho Lucano

Nosso exame mais detalhado das três principais micro-unidades que tratam de Áquila e Priscila no capítulo 18 dos Atos dos Apóstolos revelou uma grande quantidade de informações importantes sobre esse casal. Se tivéssemos limitado nossa pergunta a somente Atos 18: 1-3, a introdução sumária de Lucas ao par, nós saberíamos apenas os quatro fatos básicos resumidos acima por M.N. Keller: Eles eram (1) um casal, (2) recentemente expulso de Roma, (3) que se mudou para Corinto como fazedor de tendas e/ou artesãos de couro, e (4) com quem Paulo viveu e trabalhou. Mas nossa análise dos versículos de 1-3, 18-19, 26-27, agora considerado no contexto muito mais amplo da narrativa de Lucas das viagens missionárias de Paulo, nos ajudou a chegar a algumas novas percepções sobre a identidade e o apostolado do casal antes e depois de seu tempo com Paulo. Como então podemos apreciar melhor a riqueza profunda do testemunho de Lucas?

Ainda em Roma, antes da proclamação do Édito de Cláudio, e depois de chegarem a Corinto, Priscila e Áquila já são devotos discípulos de Jesus Cristo e líderes do movimento cristão em ambas as cidades. E isso, mesmo antes de conhecerem o apóstolo Paulo! Infelizmente, Lucas não fornece detalhes sobre seu ministério inicial na capital da Acaia, mas eles chegaram em algum momento de 49 d.C., certamente antes de Paulo durante sua segunda jornada. Este casal

⁶¹ B.J. MALINA – J.J. PILCH, *Book of Acts* (Minneapolis 2008) 135.

e Paulo, o honrado convidado em sua casa, viveram, trabalharam e oraram juntos durante um ano e meio pela causa do Evangelho. Em face da crescente oposição de seus companheiros judeus (por exemplo, a expulsão de Paulo da sinagoga e de ser levado perante Gálio para julgamento), este trio, sem dúvida, cuidou e apoiou um ao outro com muito carinho e amor. Quando chegou a hora de sacudir a poeira de seus pés e deixar Corinto e voltar para casa em Antioquia, na Síria, Paulo decide incluir seus cooperadores em seu plano para a evangelização de Éfeso e, como resultado, toda a província da Ásia. Eles navegaram com ele do porto de Cencreia por livre e espontânea vontade, decidindo livremente, mais uma vez, desenraizar suas próprias vidas, a fim de continuar sua estreita colaboração com o Apóstolo dos Gentios. Como resultado, eles lutaram lado a lado como verdadeiros colaboradores em seu ministério compartilhado da Palavra de Deus. Quando os três se estabelecerem em Éfeso, Paulo pode retornar a Antioquia e, a partir de sua amada base na Síria, iniciar sua terceira viagem missionária que logo o levará de volta à Galácia e à Frígia. Paulo sentiu-se livre para deixar a Ásia porque sabia que poderia contar com Priscila e Áquila para continuar seu bom trabalho em Éfeso para o serviço de Jesus Cristo e desta sua nascente comunidade.⁶² Em uma palavra, o missionário de Tarso deixou este casal lá, sabendo que eles eram líderes corajosos e professores de confiança que iriam regar e cuidar fielmente das preciosas sementes que eles plantaram juntos. Concordo inteiramente com M.N. Keller e sua muito perspicaz e acurada descrição deste extraordinário casal à luz do testemunho lucano apresentado em Atos: eles eram um casal missionário que, como organizadores e professores cristãos judeus em Roma, Corinto e Éfeso, também eram cooperadores e líderes de Paulo em várias comunidades locais pela causa do evangelho.⁶³

3. De descrições multifacetadas a um esboço composto: a complementaridade dos relatos do Novo Testamento

Depois de apresentar os dados pertinentes sobre Prisc(ill)a e Áquila, primeiro da perspectiva paulina (primeira parte) e depois da lucana (segunda

⁶² Cf. B. WITHERINGTON III, *The Acts of the Apostles* (cf. n. 30) 558.

⁶³ Cf. M.N. KELLER, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 27.

parte), agora é hora de sintetizarmos nossas descobertas e achados mais significativos. Embora, de fato, as informações do Novo Testamento apresentem detalhes diferentes sobre vários pormenores, os testemunhos paulino e lucano também compartilham muitos pontos em comum e, assim, revelam uma complementaridade subjacente. Nesta terceira seção deste artigo, compararemos e contrastaremos os testemunhos paulino e lucano com a intenção de se chegar a um quadro mais completo desse intrépido e fidedigno casal de missionários. A partir dessas descrições diferentes e multifacetadas, procuramos traçar um esboço composto desses amados cooperadores do apóstolo Paulo.

Começamos com uma breve lista de algumas das diferenças entre as duas famílias de testemunhos, voltando-se especialmente para Atos 18, a fim de apreciar melhor a contribuição única do testemunho lucano. A parte 2 deste artigo, de fato, apresentou todos esses dados significativos. Por exemplo, em nenhum lugar do corpus paulino lemos que Prisca e Áquila são um casal, enquanto que Lucas explicitamente declare isso em Atos 18: 2a. Em nenhuma parte de suas cartas Paulo declara que eles residiram em Roma, ou, se mudaram recentemente da Itália, enquanto em Atos 18: 2b, se fornece precisamente estes detalhes importantes. A literatura paulina não revela nada sobre a vida doméstica do apóstolo dos gentios em Corinto, *v.g.*, seu trabalho como fabricante de tendas junto com Áquila e Prisca - e muito menos a sua vida com eles na casa do casal. No entanto, Lucas fornece precisamente esses detalhes em Atos 18:3. Nem o autêntico Paulo ou o Deutero-Paulo informa aos seus destinatários que depois de um ano e meio na capital da Acaia, ele levou seus queridos amigos junto com ele a Éfeso. No entanto, Atos 18:18-19a fornece informações sobre um longo período de tempo, seguido por sua viagem marítima conjunta à capital da Ásia. Em nenhum lugar do testemunho paulino lemos que Áquila e Prisca continuaram seu ministério de evangelização em Éfeso, mesmo depois da partida de Paulo para as províncias da Síria, Galácia e Frígia, embora Lucas o faça em Atos 18:21b-23. Nem o corpus paulino faz menção do casal ter ensinado a fé a Apolo, enquanto Lucas o faz em Atos 18:26. Se muitos desses detalhes intrigantes estão faltando no corpus paulino, no entanto, não precisamos assumir que Paulo não se importava com os detalhes da vida de seus queridos amigos. Afinal, ele raramente fornece aos seus destinatários informações pessoais sobre sua

própria vida, exceto à luz do mistério de Jesus Cristo. Por que, então, deveríamos nos surpreender ao notar o mesmo traço em suas relações com seus colegas de trabalho, mesmo aqueles mais próximos a ele? As cartas de Paulo são todas sobre seus destinatários - sua fé, esperança e amor, sua situação pastoral específica e suas necessidades e questões particulares - e sua própria preocupação pastoral de fortalecer sua fé no Senhor e edificar sua igreja local.

Depois de assinalar algumas das diferenças entre os dois testemunhos bíblicos, agora nos concentramos nas muitas semelhanças entre eles. Uma vez que ambos os autores sagrados concordam em todos os pontos essenciais, tanto no que diz respeito à fé crista, como ao papel de Paulo, Prisc(ill)a e Áquila na pregação do Evangelho, notamos de imediato que muitas similitudes sobre essas especificidades entre o corpus paulino e o Atos dos Apóstolos, de fato, abundam. Em suma, os vários relatos do Novo Testamento sobre esse importante trio revelam uma complementaridade bastante surpreendente. A fim de apreciar o fato de que a narração de Lucas e o testemunho de Paulo realmente concordam em tantos pontos, agora voltamos ao corpus paulino como apresentado acima na parte 1.

Em 1Coríntios 16:19b, Paulo fornece ampla prova de sua íntima conexão com esse conhecido casal. O fato de ele, escrevendo em Éfeso, transmitir as saudações de Áquila e Prisca aos coríntios, prova que eles são conhecidos e amados pelos irmãos e irmãs de ambas as comunidades locais. De uma maneira real, eles ajudaram a atravessar o Mar Egeu e aproximar muitos cristãos uns dos outros e ao Senhor. Lembramos que Paulo inicia com suas saudações, destacando assim sua importância para si e para os coríntios. Sem dúvida, os coríntios que primeiro ouviram a leitura em voz alta da carta de Paulo adoraram com esse casal em sua própria casa. Em Rm 16: 3, 5a, o próprio remetente envia suas saudações a este par, bem como aos crentes que oram com eles em sua casa. Romanos também transmite o genuíno amor de Paulo e a sincera gratidão a eles por terem “arriscado seus pescoços” (Rm 16: 4) por sua vida. Embora não saibamos exatamente o que o missionário de Tarso está aludindo neste versículo, ele reconhece sua extraordinária coragem e valor pela causa do Evangelho. Muito provavelmente, eles haviam mostrado as mesmas virtudes anos antes, quando o trabalho de evangelização fez com que fossem expulsos

de Roma pelo Édito de Cláudio. E no versículo 4, poderia Paulo também estar preparando seus amados amigos e os irmãos e irmãs de sua igreja doméstica de que coragem e valor semelhante seriam necessários no futuro próximo?

Por fim, consideremos a contribuição da Segunda Carta a Timóteo. Sua simples saudação pessoal em relação a esse casal segue claramente a de Romanos: “Saudai a Prisca e Áquila e a casa de Onesíforo” (2 Tm 4:19). Embora escrito pelo Deutero-Paulo, no entanto, o autor mostra o quanto eles significam para ele no Senhor. E se examinarmos este pequeno versículo no contexto do capítulo 4, apreciaremos o quão solitária é a figura de Paulo acorrentado: o autor de Segundo Timóteo foi verdadeiramente abandonado por muitos de seus amigos de confiança em Cristo. Então, nomeando os dois aqui, e sabendo que eles não abandonaram Timóteo, seu “amado filho” (2 Tm 1: 2), o Deutro-Paulo acrescenta sua própria voz ao coro da igreja primitiva em louvor de sua firme fidelidade e apoio autêntico para a sua própria missão apostólica ao longo dos anos. Por fim, lembremos que tanto os testemunhos paulino, quanto o lucano concordam que Áquila e Prisc(ill)a eram fidedignos cooperadores (συνεργούς) em Cristo Jesus com Paulo. Cf. “Saudai a Prisca e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus” (Rom 16: 3) e “porque ele era do mesmo ofício, permaneceu com eles e trabalhou, porque eram fabricantes de tendas por profissão” (Atos 18: 3).

Em suma, os testemunhos de Paulo e Lucas expressam os louvores desse casal em perfeita harmonia. As seis passagens muito breves que examinamos - três do corpus paulino e três de Atos 18 - dão testemunho das muitas virtudes notáveis e edificantes de Prisc(ill)a e Aquila. Não só Paulo, Deutero-Paulo e Lucas, mas, sem dúvida, todos os cristãos que conheciam este grande casal os tinham em alta estima e os admiravam grandemente. Eles foram certamente dignos de honra⁶⁴ e louvor, merecendo um genuíno encômio tão apreciado em todo o mundo greco-romano entre judeus e gentios. Os dois trabalharam incansavelmente ao lado de Paulo, Timóteo e outros apóstolos (como Silas durante a segunda viagem de Paulo e talvez até mesmo Tito em sua Terceira jornada), e certamente realizaram muito bem a serviço de seus irmãos em Roma, Corinto e Éfeso. Eles eram generosos e benfeitores altruístas e

⁶⁴ For some fine reflections on the importance of the virtue of superior excellence in the Hellenistic world at that time, cf. M.N. Keller, *Priscilla and Aquila* (cf. n. 1) 58-63.

anfitriões para muitas pessoas, e eles cuidavam altruisticamente das necessidades de muitos, tanto amigos quanto desconhecidos, que passavam pela porta deles. Ao arriscar seu pescoço por Paulo, eles sofreram por Cristo e seu Evangelho, demonstrando verdadeira coragem e valor de uma forma heróica. Fortaleceram-se uns aos outros, Paulo e inúmeros outros cristãos que experimentaram dificuldades e perseguições por sua fé no Senhor. Priscila e Áquila continuam sendo grandes exemplos para os cristãos de nosso tempo, uma vez que muitos de nossos irmãos e irmãs em todo o mundo também passam por dificuldades e perseguições em nome de Jesus. Durante uma série de audiências gerais dedicadas à Igreja primitiva, numa quarta-feira o Papa Bento XVI dedicou toda a sua fala a esses grandes esposos, elogiando-os como um modelo corajoso para a Igreja em todas as épocas: “Este casal em particular demonstra quão importante é a ação do cônjuge cristão. [...] Portanto, honramos Aquila e Priscila como modelos de vida conjugal comprometidos com responsabilidade ao serviço de toda a comunidade cristã. E neles encontramos o modelo da Igreja, a família de Deus para todos os tempos”.⁶⁵ De fato, para nossa época, os dois são verdadeiramente modelos exemplares de coragem e zelo para os casais casados em particular, para os leigos em geral, mas também para todos os que ministram na Igreja hoje, tanto o clero quanto o leigo. As mulheres podem e devem ter mais papéis de liderança na igreja do século XXI, assim como fizeram nos tempos apostólicos - e Priscila é apenas um exemplo heróico desse tipo de ministério crítico. Assim como então, também hoje, mais modelos de ministério de equipe precisam ser encorajados e promovidos se a Boa Nova for alcançar os homens e mulheres de nosso mundo hoje.

⁶⁵ BENEDICT XVI, General Audience, 7 February 2007.

O Exame de Consciência na tradição Inaciana*

A partir dos indicativos do Concílio Vaticano II a todas as ordens religiosas para atualizarem seus Ministérios e organizações de vida à luz do carisma de seu fundador⁶⁶, muita renovação espiritual ocorreu de fato na Companhia de Jesus, especialmente com respeito a uma oração pessoal que foi muito significativa para os primeiros jesuítas: o exame. Desde o final da década de 1960, os Jesuítas do mundo de língua inglesa têm encorajado essa oração de uma maneira particular, junto com a promoção contínua de retiros de oito dias e trinta dias individualmente dirigidos a religiosos, padres e leigos homens e mulheres. Essa importante oração Inaciana passou a ser conhecida de várias maneiras: o exame, o exame Inaciano, o exame diário, o discernimento da consciência ou o exame dos afetos. O que precisamente então essa oração implica, e por que é tão crucial para os cristãos ocupados que se esforçam para encontrar Deus em sua experiência diária? Em minha conferência de hoje, pretendo apresentar uma visão geral de alguns importantes artigos e livros em inglês sobre o assunto, com a esperança de que também interessem aos cristãos brasileiros, especialmente aos estudantes, professores e administradores desta universidade Jesuíta em Pernambuco. Em nossa Igreja globalizada, podemos prontamente concordar que é essencial para os Jesuítas de toda a parte, de norte a sul, que continuem a expandir e aprofundar sua colaboração em questões significativas, especialmente aquelas relacionadas à nossa oração compartilhada e à nossa espiritualidade como contemplativas na ação. Ao começarmos nosso estudo, no entanto, devemos ter em mente uma distinção muito importante. O *exame de consciência* Inaciano - assunto principal de nossa conferência hoje - não deve ser confundido com o *exame de consciência*, uma análise necessária e metódica dos pecados cometidos antes da celebração do Sacramento da Reconciliação. Embora diferentes, as duas orações estão de fato

* tradução de Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa, Degislando Nóbrega de Lima, e Sérgio Sezino Vasconcelos Douets, ambos da UNICAP/PE.

⁶⁶ Cf. Decreto *Perfectae caritatis* (28/10/1965), parágrafos 2-4.

relacionadas, com ambas encontrando suas raízes nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Todos estamos familiarizados com o exame de consciência, e o *Catecismo da Igreja Católica* insiste em sua importância para todos nós hoje.

É conveniente que a recepção deste sacramento (penitência e reconciliação) seja preparada por um *exame de consciência*, feito à luz da Palavra de Deus. Os textos mais adaptados para este efeito devem procurar-se no Decálogo e na catequese moral dos evangelhos e das cartas dos Apóstolos: sermão da montanha e ensinamentos apostólicos (CCC par. 1454).

Como todos os Católicos Romanos, os sacerdotes e irmãos Jesuítas também são convidados a fazer um exame de consciência antes de celebrar o sacramento da reconciliação, enquanto fazem os Exercícios Espirituais, bem como em outros momentos apropriados em sua vida apostólica. Da mesma forma, eles também são chamados, diariamente, para examinar todos os aspectos de suas vidas, a fim de determinar o movimento das moções do espírito que estão em ação no coração humano.

1. A fundação Inaciana: os Exercícios Espirituais

Iniciaremos nossa análise com uma consideração do texto inaciano mais relevante: “Um método para fazer o exame geral da consciência”. Para apreciar a singularidade do exame inaciano da consciência, devemos primeiro apreender sua apresentação tradicional do exame de consciência. No parágrafo 43 dos *Exercícios Espirituais*, na seção que lida com a dinâmica da *Primeira Semana*, Santo Inácio apresenta um processo de cinco etapas àqueles que fazem o retiro para seu próprio autoexame perante Deus. Segundo Santo Inácio, o exame de consciência constitui um momento essencial de autorreflexão para começar o longo retiro. Assim, esta oração dispõe aos que fazem o retiro para remorso, contrição e os prepara para receber a extraordinária graça do amor incondicional e perdão de Deus, a culminação do movimento da Primeira Semana dos Exercícios. O exame de Inácio é composto por cinco "pontos".

Gratias age:

O Primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos.

Pete lumen:

Segundo, pedir graça para conhecer os pecados, e libertar-se deles.

Examina:

Terceiro, pedir conta à alma, desde a hora em que se levantou até ao exame presente, hora por hora ou período por período, primeiro, dos pensamentos, depois das palavras, e depois das obras, pela mesma ordem que se disse no exame particular.

Dole:

Quarto, pedir perdão, a Deus nosso Senhor, das faltas.

Propone:

Quinto, propor emenda, com sua graça. Pai Nosso.⁶⁷

Ainda talvez, o primeiro detalhe que nos impressiona seja a falta de originalidade nas palavras do autor! De fato, o grande místico de Loyola revela adequadamente sua completa continuidade com a rica tradição monástica da Igreja. Começando com o Apóstolo Paulo em sua *Primeira Carta aos Coríntios* e então desenvolvendo e avançando através de Santo Antônio Abade, também conhecido no Brasil por Santo Antão (c.251-356), o maior dos eremitas do deserto e pai de todos os monges, os contemplativos passaram algum tempo em silêncio em parte para rever suas ações pecaminosas passadas, a fim de pedir a Deus por seu perdão misericordioso. Por exemplo, o apóstolo dos Gentios ensina a sua comunidade em Corinto que:

Que cada um se examine a si mesmo e, assim, coma desse pão e beba desse cálice.²⁹ Aquele que o come e o bebe sem distinguir o corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação.³⁰ Essa é a razão por que entre vós há muitos adoentados e fracos, e muitos mortos.³¹ Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados." (1 Cor 11:28-31).

Ao longo do tempo, essa prática do autoexame tornou-se um ritual diário para monges e freiras, assim como para muitos membros do clero. O abade de Santo Antônio (Santo Antão) examinou sua consciência todas as noites e, mais tarde, os santos. Basílio de Cesárea, Agostinho de Hipona, Bento de Nórcia, Bruno, Bernardo de Claraval e outros fundadores de ordens religiosas exigiam que seus seguidores fizessem do exame de consciência um exercício cotidiano habitual. Uma breve instrução de São Bernardo (1090-1153) nos fornece um bom exemplo:

⁶⁷ ST. IGNATIUS OF LOYOLA, *The Spiritual Exercises*, par. 43.

Como um pesquisador e investigador da integridade de sua própria conduta, submeta sua vida a um exame diário. Considere cuidadosamente o progresso que você fez ou que razões você perdeu. Esforce-se para conhecer-se a si mesmo. Coloque todos os seus defeitos diante dos seus olhos. Fique face a face consigo mesmo, como se fosse outra pessoa, e depois chore por seus fraquezas (*Meditationes piissimae, c.V, de Quotid. sui ipsius exam*).

Consequentemente, as palavras de Inácio no parágrafo n. 43 dos *Exercícios* permanecem vinculantes para nós, jesuítas também. No entanto, o místico de Manresa - e por extensão toda a Ordem dos Jesuítas - deve sempre ser considerado no contexto histórico mais amplo da vida religiosa da Igreja Católica, e mais especialmente na aurora turbulenta da era moderna quando, em 1540, a Sociedade de Jesus foi fundada. Nós, Jesuítas, temos muito mais em comum com monges, freiras e frades de clausura do que nos atrevemos a imaginar!

Depois de examinar as próprias palavras de Inácio, nós agora estamos prontos para dar o próximo passo em nosso argumento. Os cinco pontos do Exame Geral de Consciência dos *Exercícios Espirituais* - ainda perfeitamente válidos a qualquer momento num dia comum, durante um retiro, ou em preparação para o sacramento da reconciliação - servem agora como base para o exame inaciano da consciência. Em seu recente livro intitulado *Redescobrimo o Exame Inaciano*, pe. Mark Thibodeaux, SJ salienta que ambos os exercícios espirituais “são semelhantes na medida em que ambos conduzem uma pessoa através de uma revisão de sua vida. Mas essas duas experiências de oração têm propósitos diferentes”. (*Ibid.*, p. xvii). Para repetir, o claro propósito do Exame de Consciência para os Católicos é concentrar-se nos pecados, confessá-los a um padre e receber absolvição para eles. Assim, esta oração permanece principalmente focada em rever os pensamentos, palavras e atos pecaminosos com a ajuda e orientação do Espírito Santo. O Exame Inquisitivo de Consciência Inaciano é semelhante, porém diferente. Pode de fato ajudar alguém a identificar suas falhas e pecados, mas faz muito mais. É esse desbloqueio do “muito mais” - isto é, todos os aspectos de nossa experiência vivida, tanto ruins quanto bons - que demarcam o verdadeiro escopo do exame da consciência. Em suma, o exame diário é um exercício espiritual que nos ajuda a encontrar Deus em todas

as coisas e não apenas a identificar e confessar nossos pecados (embora isso também possa ser uma parte dele).

Desta forma, o exame diário permanece radicalmente fiel ao verdadeiro espírito de Santo Inácio, conforme articulado nos Exercícios, ainda que estenda muito a gama de revisão pessoal, de modo a incluir todos os aspectos de nossas vidas em Cristo, sejam elas boas e/ou más. O exame da consciência une o positivo ao negativo, oferecendo-nos uma perspectiva mais holística de nossas vidas ocupadas e complexas. Com a ajuda da graça de Deus, exploramos nossos pecados e nossas virtudes, nossos fracassos e nossos sucessos, nossos pesadelos e nossos sonhos. Fazendo o exame inaciano diariamente, examinamos nossas falhas e pecados e convidamos Deus a nos perdoar, mas também agradecemos a ele por sua presença fiel em nossas vidas e sonhamos com o que nosso amoroso Deus tem reservado para nós no futuro.

O Exame Diário de Santo Inácio de Loyola é um momento de oração tranquila quando examino e avalio as horas do meu dia à luz da fé. Em oração avalio meu relacionamento com Deus e comigo mesmo, com os outros e com o mundo ao meu redor, durante o tempo desde o meu último exame.

⁶⁸

O exame diário (ou inaciano) ajuda aos contemplativos na ação em sua busca para encontrar Deus em todas as coisas. Com a ajuda desta oração, eles podem alcançar melhor uma visão da realidade que Santo Inácio descreve maravilhosamente na Contemplação para Obter o Amor na Quarta Semana dos *Exercícios Espirituais* (parágrafos 234-237). No final dos Exercícios, aquele que faz o retiro é agora capaz de ver todas as coisas em Deus e Deus em todas as coisas - uma graça essencial para todo jesuíta e, por extensão, para todos os homens e mulheres que compartilham a espiritualidade inaciana. Desde o século XVI, isso inclui muitas religiosas e leigos também.

Primeiro ponto. Tenho que trazer à memória os benefícios recebidos de criação, redenção e os dons particulares, ponderando, com muito afeto, quanto tem feito Deus nosso Senhor por mim e quanto me tem dado do que tem e, conseqüentemente, o mesmo Senhor deseja dar-se-me, em quanto pode, segundo seu desígnio divino. E, depois disto, refletir em mim mesmo, considerando, com muita razão e justiça, o que eu devo, de minha parte, oferecer e

⁶⁸ J.L. ROCCASALVO, *Prayer for Finding God in All Things*, 1.

dar a sua divina majestade, a saber, todas as minhas coisas e a mim mesmo com elas, como quem oferece, com muito afeto:

Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo, à vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta. (*Exercícios Espirituais*, par. 234).

Segundo ponto. Considerar como Deus habita nas criaturas: nos elementos dando-lhes o ser, nas plantas o vegetar, nos animais o sentir, nos homens o entender; e, assim, em mim dando-me ser, vida, sentidos e fazendo-me entender. E também como faz de mim seu templo, sendo eu criado à semelhança e imagem de sua divina majestade. Refletir igualmente em mim mesmo, pelo modo que está dito no primeiro ponto, ou por outro que julgar melhor. Da mesma maneira se fará sobre cada ponto que segue. (*Exercícios Espirituais*, par. 235).

Terceiro ponto. Considerar como Deus trabalha e opera por mim em todas as coisas criadas sobre a face da terra, isto é, procede à semelhança de quem trabalhasse. Por exemplo, nos céus, nos elementos, nas plantas, nos frutos, nos animais, etc., dando-lhes ser, conservação, vegetação e sensação, etc. Depois, refletir em mim mesmo. (*Exercícios Espirituais*, par. 236).

Quarto ponto. Atender como todos os bens e dons descem do alto, por exemplo, como o meu limitado poder vem do sumo e infinito poder do alto, e bem assim, a justiça, a bondade, a piedade, a misericórdia, etc., tal como do sol descem os raios, da fonte as águas, etc. Depois, acabar, refletindo em mim mesmo, como está dito. Terminar com um colóquio e um Pai nosso. (*Exercícios Espirituais*, par. 237).

2. A mudança de Aschenbrenner

Em seu seminal artigo publicado em 1972, Pe. George Aschenbrenner, S.J. apresenta o fruto maduro de seu próprio e corajoso *aggiornamento* como sacerdote Jesuíta em obediência aos decretos do Concílio Vaticano II e da 31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus.⁶⁹ Indo além das nuances moralistas do exame de consciência, em seu artigo Pe. Aschenbrenner muda a ênfase da

⁶⁹ Cf. G. ASCHENBRENNER. "Consciousness Examen." *Review for Religious* XXXI (1972) 13-21.

análise diária de seus pensamentos, palavras e atos pecaminosos para um Jesuíta, para concentrar-se em tudo o que está acontecendo em sua consciência, tanto boa quanto má. Aschenbrenner reconhece e promove a necessidade diária de discernir as “duas espontaneidades” (*Ibid.*, 14), ou os dois espíritos, “um bom e para Deus, outro mal e não para Deus” (*Ibid.*, 14).

De acordo com o Pe. Aschenbrenner, o exame da consciência concentra-se principalmente na revisão orante dos movimentos dos dois espíritos que se originam fora da pessoa, ou seja, o bom espírito e o espírito maligno. Assim, para este Jesuíta americano (que era mestre de noviços a época), o exame é “um exercício diário intensivo de discernimento na vida de uma pessoa” (*Ibid.*, 14). Ele não hesita em afirmar que “o exame está tão intimamente ligado à nossa crescente identidade e é tão importante para a nossa descoberta de Deus em todas as coisas, em todos os momentos, que se torna nossa experiência diária central de oração” (*Ibid.*, 21).

De acordo com Aschenbrenner, este exercício espiritual está preocupado com: “Como estamos experimentando o 'desenho' do Pai (*João 6:44*) em nossa própria consciência existencial e como nossa natureza pecaminosa está nos tentando discretamente e nos atraindo para longe de nosso Pai, em sutis disposições de nossa consciência” (*Ibid.*, 14-15). Além disso, é “uma experiência na fé de crescente sensibilidade às formas únicas e intimamente especiais que o Espírito do Senhor tem de se aproximar e nos chamar. Obviamente, leva tempo para esse crescimento. Mas, nesse sentido, o exame é uma renovação diária e um crescimento em nossa identidade religiosa - essa pessoa única, espiritual-encarnada amada por Deus e chamada por Ele na profundidade de seu mundo afetivo pessoal ”(*Ibid.*, 15). Aschenbrenner chega a afirmar que “o exame está tão intimamente ligado à nossa crescente identidade e tão importante para a nossa descoberta de Deus em todas as coisas, em todos os momentos, que se torna nossa experiência central e diária de oração” (*Ibid.*, P. 21).

Em suma, os inovadores insights de Pe George Aschenbrenner sobre a oração inaciana movem a atenção dos religiosos para além da ética, de modo a concentrar-se em sua própria consciência ou consciência na/da presença de Deus. Seu influente artigo não propõe uma mudança recente do verdadeiro carisma da Companhia de Jesus; em vez disso, apresenta um exemplo genuíno do *aggiornamento* pós-Vaticano II do autor em fidelidade à autêntica herança

inaciana da Ordem dos Jesuítas, herança esta primeiro articulada nos *Exercícios Espirituais*, tal como vivida pelos primeiros companheiros da Companhia de Jesus.

3. O *Aggiornamento* se expande: a decisiva contribuição de uma religiosa e de uma leiga

Como um influente periódico entre religiosos e religiosas americanas, o *Review for Religious* teve um grande impacto na vida de diretores espirituais e guias de retiro em todo o mundo de língua inglesa. Ao publicar no *Review for Religious*, Pe. Aschenbrenner não poderia ter encontrado um meio melhor para tornar conhecidos e apreciados por um amplo público seus novos *insights* sobre a oração inaciana. De fato, apenas quatro anos depois de seu artigo aparecer, duas jovens mulheres - Jacqueline Syrup Bergan e Ir. Marie Schwan, fundaram o *Center for Christian Renewal* em Crookston, Minnesota. Além de seu trabalho incansável em retiros, dias de recolhimento e oficinas de espiritualidade, as duas se uniram para publicar uma influente série de cinco volumes sobre os *Exercícios Espirituais* chamados *Take and Receive*. Seu trabalho é ainda impresso atualmente, embora agora seja publicado pela Loyola Press of Chicago. Aparecendo em 1988, estes importantes livros consolidaram e promulgaram ainda mais a nova abordagem de Pe Aschenbrenner ao exame da consciência. A introdução de cada livro explica claramente várias abordagens para vários tipos de práticas espirituais. É e isso que elas escrevem sobre o exame da consciência.

O exame da consciência é o instrumento pelo qual descobrimos como Deus esteve presente para nós e como respondemos a essa presença durante o dia.

Santo Inácio acreditava que essa prática era tão importante que, mesmo que fosse impossível ter um período formal de oração, ele insistiu que o exame sustentaria o vínculo vital de alguém com Deus.

O exame da consciência não deve ser confundido com um exame de consciência em que os penitentes estão preocupados com seus fracassos. É, antes, uma exploração de como Deus está presente nos eventos, circunstâncias, e nos sentimentos de nossa vida diária.

O que a revisão é para o período de oração, o exame é para a sua vida diária. A disciplina diária de uma prática autêntica do exame afeta o equilíbrio integrador que é essencial para o crescimento no relacionamento com Deus, consigo mesmo e com os outros.

O método reflete o “movimento dinâmico do amor pessoal: o que sempre queremos dizer a uma pessoa que amamos verdadeiramente na

ordem em que queremos dizê-lo... Obrigado... Ajude-me... Eu te amo... desculpe... Fique comigo”(31, pp. 34-35).

Método: A oração a seguir é uma abordagem sugerida para o exame. Você pode incorporar as respostas escritas no diário de oração.

Deus, meu Criador, eu sou totalmente dependente de Ti. Tudo é um Dom Seu. *Tudo é Dom*. Eu te agradeço e louvo pelos Dons deste dia

...

- Senhor, eu acredito que você opere e no tempo me revelará a mim mesmo. Por favor, dê-me uma maior consciência de como Tu está me guiando e moldando a minha vida, bem como uma consciência mais sensível aos obstáculos que coloco em seu caminho.

- Você esteve presente na minha vida hoje. Esteja perto, agora, enquanto reflito estas coisas:

sua presença nos *eventos* de hoje ...

sua presença nos *sentimentos* que experimentei hoje ...

sua *chamada* para mim ...

minha *resposta* para você ...

- Deus, peço seu perdão amoroso e cura. O evento particular deste dia que eu mais quero que seja curado é ...

- Cheio de esperança e firme na crença em seu amor e poder, confio-me ao seu cuidado e afirmo com firmeza ... (Reivindique o Dom que mais deseja, mais precisa; acredite que Deus deseja lhe dar esse dom.)⁷⁰

4. O desenvolvimento e consolidação de Tetlow

Em seu próprio e significativo artigo sobre o exame de consciência publicado em 1994, Pe. Joseph A. Tetlow, S.J. reconhece e elogia “a inflexão de Aschenbrenner”. De fato, para Pe. Tetlow, a grande contribuição de Aschenbrenner, é que ele muda o foco do exame diário iniciano do tradicional exame de consciência (uma autêntica preocupação da primeira semana) para o especificamente iniciano exame da consciência (uma autêntica preocupação da Quarta Semana que flui da Contemplação para a obtenção do amor). Em seu próprio ensaio intitulado *The Most Postmodern Prayer*, Tetlow desenvolve este elo essencial entre os dois em sua análise das duas principais consequências da chamada inflexão de Aschenbrenner.

Primeiro, ofereceu um veículo para as energias pós-modernas de interioridade que nos movem a todos: a busca de um Deus imanente, misericordioso e consolador; a experiência da criação contínua; o discernimento de espíritos em vez de raciocinar para conclusões morais; a busca interior pelo nosso desejo mais autêntico; a sensação do pecado como a brecha ou ferida do

⁷⁰ Cf. J. SYRUP BERGAN – M. Schwan. *Freedom: A Guide to Prayer*. Take and Receive Series. Winona, MN: Saint Mary's Press, 1988.

nosso relacionamento com Deus e com os outros; uma tentativa de abertura à paixão; uma experiência do eu como desdobramento, como realidade inacabada; e uma confiança quase implícita na experiência pessoal. Segundo, o exame da consciência conduz ao autoexame e a abordagem afetiva e apreciativa da *Contemplatio ad amorem*. Isso foi crucial, pois a inflexão de Aschenbrenner tornou inviável para nós a abordagem objetiva e fundamentada do exame de consciência baseado (no ponto de fato histórico, não de direito) sobre o Princípio e a Fundação. Essas diferentes ligações estão no centro das diferenças entre o *tradicional* exame de consciência e o *inaciano* exame da consciência.⁷¹

Escrevendo mais de vinte anos depois do Pe Aschenbrenner e da sua contribuição inovadora, Pe Tetlow em seu influente ensaio na famosa série americana *Studies in the Spirituality of Jesuits* reconhece e endossa claramente a importância do exame da consciência como um exemplo de oração inaciana autêntica no espírito dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola.

5. O tradicional Exame Inaciano: a contribuição de pe. Mark E. Thibodeaux, S.J.

De acordo com o Pe Mark E. Thibodeaux, SJ, outro ex-mestre de noviços de jovens jesuítas nos Estados Unidos e atualmente um especialista altamente reconhecido em oração e espiritualidade inaciana, Santo Inácio recomenda cinco etapas para o exame. Mais de quarenta anos se passaram desde que Pe Aschenbrenner publicou pela primeira vez seu artigo pioneiro, e ainda assim sua forte influência ainda podia ser sentida entre muitos Jesuítas norte-americanos. Em seu excelente livro intitulado *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Pe Thibodeaux propõe rituais de abertura e de encerramento que servem como suporte para este período de oração essencial. O que se segue é um resumo sucinto de sua visão geral do Exame.

Modelo de um ritual inicial

Eu faço o sinal da cruz. Eu digo o Pai Nosso ou a oração da Manhã. Eu canto ou entoo um verso do refrão do meu hino favorito. Eu me curvo diante do meu local de oração. Eu ponho minhas mãos em palmas para cima em um gesto de receptividade. Eu acendo uma vela. Eu me acalmo. Eu diminuo minha respiração. Sento-me muito quieto... peço

⁷¹ Cf. J.A. TETLOW. *The Most Postmodern Prayer: American Jesuit Identity and the Examen of Conscience, 1920-1990*. *Studies in the Spirituality of Jesuits*, 26/1, January 1994, 45.

a Deus que me faça conhecer a sua presença neste momento...⁷²

Primeiro, eu saboreio. Peço a Deus que me revele todos os dons e graças que ele me deu neste dia, desde o maior (minha vida, segurança, amor) até os realmente pequenos (uma boa noite de sono, um telefonema de um amigo, uma tarefa concluída, um elogio a mim deferido). Para cada dom que me vem à mente, passo um momento agradecendo e louvando.⁷³

Em segundo lugar, peço. Sabendo que preciso da ajuda de Deus para ver meu lado mais sombrio realisticamente, mas da perspectiva do seu amor misericordioso de Deus, peço a Deus que me encha com seu Espírito. Peço a Deus para ser o líder e iniciador deste tempo de oração, ao invés de deixar-me fazer uma obsessiva reflexão sobre as coisas que eu não gosto de mim.⁷⁴

Em terceiro lugar, eu reviso. Percorrendo hora por hora, eu reviso meu dia. Na minha imaginação, revivo cada momento significativo do meu dia. Me demoro nos momentos importantes e passo rapidamente pelos menos relevantes.⁷⁵

Quarto, eu me arrependo. Ao rever meu dia, continuo agradecendo a Deus por todos os dons que encontro nele. Mas agora, faço uma pausa em qualquer um dos momentos difíceis do dia - quando tive um mau pensamento, quando disse algo que não deveria, ou fiz algo inapropriado. Eu também presto atenção a qualquer oportunidade perdida, como quando eu poderia ter agido de uma maneira mais cristã, mas não o fiz. Quando encontro momentos em que não sou totalmente a pessoa que sou chamado a ser, paro e peço perdão a Deus. Eu tento sentir sua misericórdia de cura me inundando, me deixando limpo e inteiro.⁷⁶

Quinto, eu resolvo. Com o que aprendi durante este tempo de oração sobre mim e minha vida, peço a Deus que me mostre, concretamente, como ele quer que eu responda ou

⁷² Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, xxii.

⁷³ Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, 3.

⁷⁴ Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, 3.

⁷⁵ Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, 3.

⁷⁶ Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, 4.

o que ele quer que eu faça amanhã. Talvez, mais importante, peço a Deus que me mostre que tipo de pessoa Deus está me chamando para *ser* amanhã. Eu resolvo ser essa pessoa. Eu posso até fazer algum tipo de compromisso com esse efeito. Eu peço a Deus por ajuda para ser a pessoa que eu sou chamado a ser.⁷⁷

Modelo de um ritual de encerramento

Eu coloco minhas mãos juntas como um sinal de contrição. Eu apago minha vela. Eu canto ou entoo um verso de encerramento ou o refrão do meu hino favorito. Termino com o Pai Nosso ou a Oração da Manhã. Eu faço o sinal da cruz. Eu me curvo diante do meu local de oração antes de sair.⁷⁸

6. O exercício de consciência: Scott N. Brodeur, S.J.

Concluo agora esta abrangente pesquisa de várias apresentações sobre o exame da consciência por parte de homens e mulheres, religiosos e religiosas americanos, apresentando minha própria abordagem pessoal a essa prática espiritual vivificante.

Ritual Inicial

Dependendo da hora do dia, da minha localização ou do meu humor, saio para caminhar, me sento na poltrona ou vou para a capela. Onde posso passar os próximos vinte minutos com o Senhor?

Eu me acalmo na presença de Deus, humildemente pedindo sua ajuda e declarando minha dependência dele ...

“Deus, venha em meu auxílio. Senhor, se apresse em me ajudar. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo ...” Peço então por esta graça: Lembro-me com gratidão de que Deus Pai me ama e está realmente operando em minha vida por meio da presença do Espírito de Cristo. Eu peço a graça de buscar sua presença em todas as coisas e ver todas as coisas nele.

1. Dando Graças

Com sincera gratidão, tomo um momento para me tornar consciente da realidade da presença e da ação de Deus em minha vida: “porque é Deus quem atua em você, capacitando-o a querer e a trabalhar para o seu bom prazer” (Filipenses 2:13). Lembrando que o meu próprio ser é uma dádiva

⁷⁷ Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, 4.

⁷⁸ Cf. Mark E THIBODEAUX, S.J. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*, Chicago: Loyola Press, 2015, xxiii.

de Deus, reflito especialmente em sua amorosa benevolência e carinho na minha vida. Agradeço-lhe particularmente pelos dons específicos que recebi até hoje, pedindo a graça duradoura da gratidão.

2. Orando pela orientação do Espírito Santo

“Pai Celestial, em nome de Jesus, dá-me o Espírito Santo” (St. Peter Faber, S.J.). Vem, Espírito Santo, vem!

3. Revendo o passado com fé

Eu olho para o dia passado e me pergunto: como eu compartilhei da mente de Cristo e fui conformado à sua vida? Ao rever os acontecimentos do meu dia até agora, pergunto-me: onde estava Cristo para mim? Como o apóstolo Paulo, procuro compartilhar da mentalidade de Cristo e conformar cada vez mais a minha vida à dele: “Tenha vós a mesma atitude que teve Jesus Cristo” (Filipenses, p 2: 5). Reviso meu dia, hora a hora, e percebo meus sentimentos, aqueles momentos de “amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fidelidade, mansidão e autocontrole” (Galátas 5: 22-23) - o fruto de o espírito. Mas, talvez eu também tenha experimentado fortes sentimentos como medo e ansiedade, tristeza e pesar, inveja e ciúmes, raiva e ressentimento, etc. Como eu experimento o chamado de Deus através da minha experiência? Como eu tenho seguido Jesus até hoje? Meus pensamentos, meus sentimentos, minhas palavras, minhas ações - Como elas se parecem à luz do amor do Espírito Santo que habita por mim?

4. Solicitando ajuda, cura ou Perdão

À luz dos pensamentos, percepções e sentimentos que acabei de tornar consciente, preciso pedir ajuda, cura ou perdão ao Senhor? Existe uma questão específica que precisa ser tratada, uma falha que precisa ser corrigida, uma reparação que precisa ser feita? Preciso mencionar um pecado ao meu confessor quando eu celebrar o sacramento da reconciliação? Neste ato, peço a Deus pela graça específica necessária para esta situação em particular.

5. Olhando para o futuro com esperança

Onde o Espírito de Cristo está me guiando e eu respondo ao chamado de Deus agora? Enquanto aguardo com expectativa o resto do meu dia (e talvez também amanhã), o que me acontece que preciso discutir com o Senhor? Ele certamente fornecerá todas as graças de que preciso.

Oração de encerramento:

O “*Suscipe*”, de Santo Inácio de Loyola, (cf. *Exercícios Espirituais*, parágrafo 234): “Vou falar como alguém fazendo uma oferenda com profunda afeição e digo: “Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo, à vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta.” Por fim, “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo ...”

Minha própria opinião sobre o exercício da consciência permanece fiel aos cinco pontos originais de Santo Inácio apresentados nos *Exercícios*. Se o tempo permitir, eu aumentei este tempo de oração com um ritual de início e de fechamento, como mencionado acima na útil apresentação de Pe Mark E. Thibodeaux.

7. Conclusão

O exercício de conscientização me oferece um momento privado e pessoal em meu dia atarefado para orar ao Deus uno e trino que me redime, santifica, reconcilia e me salva. Este exercício, Oferece-me, um padre jesuíta, uma preciosa oportunidade de comungar com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Como toda oração cristã autêntica, o exercício de consciência me atrai para a presença vivificante do “Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1: 9). Por meio destes cinco passos simples:

1. Deus, o Pai graciosamente mostra-me sua benevolência em Jesus Cristo e no Espírito Santo, e em resposta eu o amo.
2. Eu peço a luz do Espírito Santo, a consolação e a presença do Dom da vida.
3. Deus, ó Pai age providencialmente em minha vida através de Jesus Cristo e do Espírito Santo, e em resposta eu creio.
4. Eu reconheço minha escuridão, desolação e minha necessidade da vida de Deus em mim.
5. Deus Pai, continua a ternamente me conduzir a si mesmo em Jesus Cristo e no Espírito Santo, e em resposta espero nele.

Como um momento acalentado em minha profunda comunhão com Deus, por meio do exercício da consciência, exercito as três virtudes teológicas: Eu amo a Deus, Eu creio nele e Eu espero nele. A oração como um todo acontece em um clima de amor pessoal, infinito amor de Deus por mim e por todo o mundo, revelado em seu Filho e realizado pelo Espírito, meu amor finito por ele e pelas demais criaturas como filho de Deus. Chamo de volta à minha memória - lembro com gratidão - os muitos presentes que recebi da "Divina Majestade" e faço uma oferenda de volta a ele com profunda afeição e amor sincero. Agrada a Deus quando lhe dou a chance de me amar, e agrada-lhe quando me lembro de seu amor e depois o amo em troca. Com o desejo sincero de contribuir para a nossa importante discussão sobre o Exame - mas consciente da dificuldade do assunto -, gostaria de propor outro nome para essa oração transformadora: a Oração da Recordação Inaciana. Na minha modesta opinião, estas três palavras captam melhor o coração deste exercício espiritual que muda a vida.

"Inaciano", já que deriva das primeiras experiências místicas de Santo Inácio em Loyola e Manresa, no ano de 1522, bem como sua profunda experiência de iluminação nas margens do rio Cardoner. Como contemplativo, ele recebeu a graça extraordinária para encontrar Deus em todas as coisas e experimentar todas as coisas em Deus;

"Lembrança", desde quando tudo está dito e feito, esta oração é um exercício de lembrar os dons generosos de Deus a nós, um chamado de volta à minha mente "a memória dos dons que recebi" (*Exercícios Espirituais*, Par. 234);

"Oração", pois é verdadeiramente um exercício espiritual, um "meio de preparar e dispor nossa alma para livrar-se de todas as suas aflições desordenadas e, depois de sua remoção, de buscar e encontrar a vontade de Deus no ordenamento de nossa vida para a salvação de nossa alma" (Spir. Ex. par. 1).

Por isso, como exercício espiritual, o exame diário é minucioso:

Pessoal: fundado no carisma específico que o Senhor deu a Inácio de Loyola e, por extensão, a todos aqueles pessoalmente chamados por Deus para seguir seu exemplo;

Bíblico: Como um ato de lembrar suas experiências pessoais com a ajuda do Espírito Santo, aqueles que oram desde o exame também lembram e assim tornam presentes novamente os atos passados salvadores de Deus, unindo-se à perene lembrança de Israel da Páscoa do Senhor e da Igreja. lembrança perpétua da morte e ressurreição de Cristo;

Eclesial: Como membros do Corpo de Cristo, os que estão orando pelo exame também oram, com e pela Igreja. O momento inicial de agradecimento do exame se baseia na celebração da Eucaristia em curso

na Igreja, seu principal caminho sacramental de agradecer a Deus e recordar com gratidão o sacrifício único de “Cristo, nosso cordeiro pascal” (1 Cor 5: 7).

No entanto, chamamos essa oração - o Exame, o exame da consciência, o exercício da consciência, ou, a oração da recordação Inaciana - que nos dá a oportunidade de exercitar nossa memória e agradecer ao Senhor Deus. Com a ajuda do Espírito Santo, recordamos com gratidão os efeitos do evento de Cristo em nossas vidas, como recordamos e lembramos, hora a hora, as muitas graças que recebemos neste dia, agradecendo a Deus por eles com alegria e com o coração pleno de gratidão. Desta forma, Santo Inácio de Loyola realiza uma contribuição original para a Igreja, enquanto ainda segue o exemplo de um dos maiores Padres da Igreja, Santo Agostinho. Santo Agostino, foi o eminente Bispo de Hipona, afinal, quem primeiro imortalizou a importância de lembrar-se em oração de sua própria experiência vivida diante de Deus em suas famosas *Confissões*. O mais importante de tudo é que a oração de Santo Inácio continua a grande tradição bíblica de agradecer a Deus por seus incontáveis dons e bênçãos, bem como por sua infinita bondade e amor misericordioso. Por último, o exame Inaciano nos desafia, dia após dia, a crescer na “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Romanos 8:21). Através da partilha cada vez mais profunda, cada vez mais pessoal, sempre mais alegre na mente de Cristo Jesus (cf. Filipenses 2,5), crescemos em nossa dignidade e valor como filhos e filhas maduros e responsáveis de Deus. “Pela liberdade, Cristo nos libertou; assim, permaneça firme e não se submeta novamente ao jugo da escravidão”(Galátas 5: 1), o apóstolo Paulo proclama aos gálatas, ansiosos demais para abandonar seu desafiador Evangelho da graça e da liberdade. Rezando através do exame de consciência diariamente, exercitamos fielmente nossa liberdade como filhos e filhas adultos e adultas de Deus, alcançando um consciente pertencimento com Ele em Jesus Cristo, enquanto continuamos a seguir a liderança do Espírito Santo em nossas vidas muito ocupadas.

BIBLIOGRAFIA

ASCHENBRENNER, G. "Consciousness Examen." *Review for Religious* XXXI (1972) 13-21.

ROCCASALVO, J.L. *Prayer for Finding God in All Things: The Daily Examen of St. Ignatius of Loyola*. St. Louis: The Institute of Jesuit Sources, 2005.

SYRUP BERGAN, J. – SCHWAN, M. *Freedom: A Guide to Prayer*. Take and Receive Series. Winona, MN: Saint Mary's Press, 1988.

TETLOW, J.A. *The Most Postmodern Prayer: American Jesuit Identity and the Examen of Conscience, 1920-1990*. *Studies in the Spirituality of Jesuits*, 26/1, January 1994.

THIBODEAUX, M.E. *Reimagining the Ignatian Examen: Fresh Ways to Pray from Your Day*. Chicago: Loyola Press, 2015.

Por fim, para obter mais informações sobre essa importante oração, cabe pesquisar artigos na seção *Daily Examen* do site <https://www.ignatianspirituality.com/>. Este é um serviço gratuito da Loyola Press, um ministério jesuíta. Vá para Oração Inaciana e selecione *O Exame Diário*. Toda a página está repleta de artigos e vídeos úteis e informativos.

Livro composto em Arial 12
pelas Edições Humanitas

A presente obra continua a trajetória inicialmente publicada em 2017, pela Editora FI e compõe-se de um conjunto de quatro textos, em sua totalidade, apresentados sob a forma de Conferências Universitárias, pelo Prof. Dr. Scott Normand Brodeur SJ, aos professores e estudantes de Filosofia e Teologia, no âmbito do Convênio Celebrado entre a Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP, através do Instituto Dom Luciano Mendes de Almeida SJ e a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma/PUG, para a formação em excelência de seus estudantes de Filosofia e Teologia.

As contribuições aqui presentes, continuam o tratamento e o exercício hermenêutico no encontro de duas tradições, de dois modos de acessar e interpretar os textos, quais sejam, as tradições da filosofia e da teologia, dos gregos e aquela a partir do advento do Cristianismo, especialmente do assim denominado Novo Testamento.

